



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Área de concentração: Educação e Comunicação

TEREZA CRISTINA RODRIGUES MIRANDA

O USO DE MENSAGENS ELETRÔNICAS INSTANTÂNEAS
COMO RECURSO DIDÁTICO

BRASILIA
2017



Universidade de Brasília – UnB
Faculdade de Educação – FE
Programa de Pós-Graduação em Educação – PPGE
Área de concentração: Educação e Comunicação

TEREZA CRISTINA RODRIGUES MIRANDA

O USO DE MENSAGENS ELETRÔNICAS INSTANTÂNEAS
COMO RECURSO DIDÁTICO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação (PPGE) da Universidade de Brasília (UnB), como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Educação, na Área Educação, Tecnologia e Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Lúcio França Teles.

BRASILIA
2017

TEREZA CRISTINA RODRIGUES MIRANDA

O USO DE MENSAGENS ELETRÔNICAS INSTANTÂNEAS
COMO RECURSO DIDÁTICO

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Lúcio França Teles
Orientador – UnB - Faculdade de Educação

Prof. Dr. Gilberto Lacerda Santos
Examinador – UnB - Faculdade de Educação

Prof. Dr. João Batista Bottentuit Junior
Examinador Externo – Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Dr. Carlos Alberto Lopes de Sousa
Suplente – UnB - Faculdade de Educação

*Dedico esta conquista
aos professores que tive
e que me ensinaram que
somos capazes de ir além*

AGRADECIMENTOS

Uma das lições mais importantes que aprendi com um educador é que não basta ser um bom profissional, é preciso se cercar de pessoas que sejam igualmente boas ou, de preferência, que sejam melhores do que você. E devo confessar que, incessantemente, tento seguir à risca a fala deste professor, que me marcou profundamente.

Esta dissertação me mostrou que, em vários aspectos, eu tenho conseguido isso. Sendo assim, preciso agradecer a cada amigo, colega, professor ou familiar que, de alguma forma, me mostrou que uma dica, uma correção ou instrução podem valer mais do que muitas horas de pesquisa ou dias seguidos de estudos. Foi com a ajuda de vocês que eu consegui conciliar a dedicação ao mestrado e o trabalho como jornalista!

São muitos os “bons motivos” que me fizeram vencer mais esse desafio. E não faltaram palavras de incentivo que cumprissem a função de ajudar a acreditar que todo o esforço valeria a pena. Sendo assim, para não ser injusta, na pessoa do professor Lúcio, agradeço a todos os professores da UnB e também de outras instituições com as quais tive contato nos últimos dois anos; na pessoa da Alê, eu agradeço a todos os colegas de turma, de corredor ou de grupos de pesquisa com os quais me deparei até agora. A Glau representa a importância de ter bons amigos “encorajadores”, e, então, por meio dela, agradeço a todos os que me estimularam à vida acadêmica. Meus familiares, em especial meus pais e irmãos, me mostraram a importância de valorizar cada conquista, obrigada! E um agradecimento especial eu dedico ao Mateus, por todo o amor e companheirismo. Sigamos juntos, buscando ser merecedores de boas conquistas!

LISTA DE FIGURAS

| | |
|---|----|
| Figura 1 - Ícone do <i>WhatsApp</i> com notificação de mensagem não lida..... | 34 |
| Figura 2 - Convite enviado a colaboradores para responderem o questionário <i>on-line</i> | 42 |
| Figura 3 - Fluxograma da seleção de artigos..... | 49 |
| Figura 4 - Número de participantes na área de cada região do Brasil..... | 80 |
| Figura 5 - Redes de ensino em que atuam os participantes das entrevistas..... | 89 |
| Figura 6 - Estados do país onde moram os participantes das entrevistas..... | 90 |

LISTA DE QUADROS

| | |
|--|----|
| Quadro 1 - Características dos métodos quantitativos, qualitativos e mistos..... | 17 |
| Quadro 2 - Como foi feita a seleção das publicações consideradas nesta Revisão Sistemática de Literatura..... | 48 |
| Quadro 3 - Síntese dos trabalhos incluídos nesta Revisão Sistemática de Literatura..... | 51 |
| Quadro 4 - Pontos positivos do uso do <i>WhatsApp</i> como ferramenta pedagógica formulados a partir da penúltima pergunta do questionário <i>on-line</i> | 84 |
| Quadro 5 - Pontos de atenção sobre o uso do <i>WhatsApp</i> como ferramenta pedagógica formulados a partir da última pergunta do questionário <i>on-line</i> | 85 |
| Quadro 6 - Trechos de relatos de experiências com o uso do <i>WhatsApp</i> como ferramenta pedagógica..... | 97 |

LISTA DE GRÁFICOS

| | |
|---|----|
| Gráfico 1 - Ranking dos aplicativos mais populares entre os usuários brasileiros..... | 35 |
| Gráfico 2 - Proporção de gêneros dos participantes da pesquisa..... | 74 |
| Gráfico 3 - Redes de ensino em que atuam os respondentes do questionário..... | 77 |
| Gráfico 4 - Áreas de formação e/ou atuação dos respondentes do questionário..... | 78 |
| Gráfico 5 - Modalidades de ensino em que atuam os respondentes do questionário..... | 79 |
| Gráfico 6 - Proporção de professores que utilizam o <i>WhatsApp</i> no trabalho..... | 81 |
| Gráfico 7 - Proporção de professores que recebem orientação pedagógica | |
| Gráfico 8 - Proporção de professores que fazem planejamento específico para trabalhar com o <i>WhatsApp</i> | 82 |
| Gráfico 9 - Grau de instrução dos participantes da entrevista..... | 91 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|-----|
| Tabela 1 - Números resultantes das buscas iniciais no <i>Google Acadêmico</i> | 50 |
| Tabela 2 - Faixa etária do total de participantes..... | 75 |
| Tabela 3 - Perfis dos participantes da entrevista semiestruturada..... | 88 |
| Tabela 4 - Respostas assinaladas pelos 10 participantes das entrevistas semiestruturadas às perguntas 3 e 4 do questionário <i>on-line</i> | 102 |

RESUMO

Diante do aumento do uso de tecnologias em sala de aula e do aperfeiçoamento dos recursos aplicados como ferramentas pedagógicas, este estudo tem como objetivo investigar o uso de mensagens eletrônicas instantâneas no processo de ensino-aprendizagem. O recorte busca documentar experiências de docentes que utilizam o aplicativo *WhatsApp* como recurso didático e que tenham obtido resultados que eles próprios considerem satisfatórios. O objeto foi delimitado com base nas seguintes perguntas: Como se dá o uso do *WhatsApp* como recurso didático? Quais as vantagens e os principais desafios apresentados por quem já vivenciou tal experiência? De que maneiras o aplicativo pode ser usado em atividades escolares? Partindo do pressuposto de que as tecnologias são mais bem aproveitadas quando o professor as aceita, prepara-se para apropriar-se delas e torná-las um material pedagogicamente adequado, busca-se aqui compreender o potencial de transformação do *WhatsApp* reunindo reflexões de pesquisadores que se debruçam sobre o tema e relatos de educadores que inserem recursos pedagógicos tecnológicos em suas práticas diárias. A fundamentação teórica (BOTTENTUIT JUNIOR, 2016; CASTELLS, 2013; JENKINS, 2009; KENSKI, 2012; LEMOS, 2013; LEVY, 2009, MORAN, 2015) foi seguida de uma Revisão Sistemática da Literatura (GONÇALVES, NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2015; RAMOS, FARIA & FARIA, 2014). A pesquisa tem natureza quantitativa e qualitativa (CRESWELL, 2010) e foi desenvolvida a partir da Amostragem Bola de Neve (BALDIN & MUNHOZ, 2011) com professores que são familiarizados com o uso do *WhatsApp* na escola. Foi aplicado um questionário *on-line* no qual 105 participantes de diferentes regiões do Brasil responderam a cinco questões de múltipla escolha, três questões dissertativas e uma sobre o perfil. Na etapa posterior, 10 professores participaram de entrevistas semiestruturadas para responder detalhadamente sobre como concebem o uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica. A seleção dos entrevistados se deu a partir das respostas ao questionário *on-line*: os perfis dos mesmos deveriam demonstrar aptidão para responder as questões norteadoras deste estudo, além de, evidentemente, haver disposição dos mesmos para conversar com a pesquisadora. A conclusão aponta que quando há engajamento, preparação e planejamento docente, o *WhatsApp* tem potencial para tornar-se aliado de práticas pedagógicas exitosas.

Palavras-chave: Tecnologia, Ferramentas Pedagógicas, Recursos Didáticos, *WhatsApp*

ABSTRACT

In face of the increasing use of technology in classroom and the improvement of applied resources as pedagogic tools, this study has the objective of investigating the use of instantaneous electronic messages in the teaching-learning process. The cutting searches to document experiences of teachers who use the application WhatsApp as a didactic resource and have obtained results they consider satisfactory. The object was delimited by the following questions: How is the use of WhatsApp as a didactic resource for teachers of the Medium School Teaching done? Which are the advantages and the main challenges presented to those who have already lived such an experience? Based on the presupposition that the technologies are better taken advantage when the teacher accepts them, masters them and gets ready to turn them into didactically appropriate material, what is looked for here is to understand the potential of transformation of WhatsApp, through gathering reflections of researchers who lean over the theme and reports of educators who insert technological pedagogic resources in their daily practices. The theoretical foundation (BOTTENTUIT JÚNIOR, 2016; CASTELLS, 2013; JENKINS, 2009; KENSKI, 2012; LEMOS, 2013; LEVY, 2009; MORAN, 2015) was followed by a Systematic Revision of the Literature (GONÇALVES, NASCIMENTO & NASCIMENTO, 2015; RAMOS, FARIA & FARIA, 2014). The research has both quantitative and qualitative nature (CRESWELL, 2010) and it was developed according to the Snowball Sampling Technique (BALDIN & MUNHOZ, 2011) involving teachers that are familiarized with the use of WhatsApp at school. An on-line questionnaire was applied and 105 participants of different areas of Brazil answered to five multiple choice questions, three dissertative questions and one question on the profile. In the subsequent stage, 10 teachers participated in semistructured interviews answering in full detail on how they conceive the use of WhatsApp as a pedagogic tool. The interviewees' selection was defined by the answers to the on-line questionnaire: the profiles of the chosen ones should demonstrate aptitude to answer the guiding questions of this study and willingness to talk with the researcher. The conclusion demonstrates that when there are engagement, preparation and educational planning, WhatsApp has potential to be an ally of successful pedagogic practises.

Key-words: Technology, Pedagogic Tools, Didactic Resources, WhatsApp

SUMÁRIO

| | |
|--|-----|
| MEMORIAL | 13 |
| INTRODUÇÃO..... | 17 |
| 1 1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA..... | 22 |
| 1.1 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DA PESQUISA..... | 24 |
| 2. TUDO AO ALCANCE DOS DEDOS..... | 26 |
| 2.1 CONVERGÊNCIAS MUDIÁTICAS E NOVOS SABERES..... | 27 |
| 2.2 DIFERENTES MODOS DE SE COMUNICAR..... | 30 |
| 2.3 A SALA DE AULA ATUAL..... | 31 |
| 2.3.1 “E AÍ? O QUE PASSA?” | 33 |
| 3. PERCURSO METODOLÓGICO..... | 37 |
| 3.1. INSTRUMENTOS UTILIZADOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA.. | 41 |
| 3.1.1 QUESTIONÁRIO <i>ON-LINE</i> | 41 |
| 3.1.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS..... | 43 |
| 4. REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA..... | 46 |
| 4.1 ARTIGOS SELECIONADOS PARA ANÁLISE..... | 50 |
| 4.2 APONTAMENTOS..... | 65 |
| 5. QUESTIONÁRIO E ENTREVISTAS: ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS.. | 74 |
| 5.1 QUESTIONÁRIO <i>ON-LINE</i> | 74 |
| 5.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS..... | 87 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS..... | 105 |
| REFERÊNCIAS | 108 |
| APÊNDICES E ANEXOS..... | 113 |

ESTRADA DE FAZER O SONHO ACONTECER

Sempre acreditei na força das palavras, no poder da comunicação. Desde que morava em Ibertioga, uma cidade de cinco mil habitantes da Zona da Mata mineira, eu estava “prometida” ao mundo das letras. Uns diziam que eu seria escritora, outros, que seria jornalista, mas eu sempre dizia que queria ser professora. É que eu adorava escrever cartas, registrar momentos em diários, cadernos, bilhetes ou, ao menos, dar minha opinião sobre tudo o que acontecia ao nosso redor. Mas, ao mesmo tempo, rodeada de primos ou, pelo menos, de bonecas, sempre gostei de estar à frente de um quadro de giz. A família grande, muito amorosa, era um impulso para isso: sempre gostamos de estar reunidos brincando, conversando e, principalmente, trocando demonstrações de afeto.

A admiração por tudo o que minha mãe fazia e pela educação que, junto com meu pai, ela dava aos cinco filhos, poderia parecer um exagero, mas eu realmente não achava que precisava esperar o Natal, Dia das Mães, Dia dos Pais, ou aniversário deles para escrever um cartão ou bilhetinho. Lembro-me de ouvir minha mãe contando histórias que foram lidas (ou inventadas, hoje eu sei!) por tios ou avós, já que os pais dela (vovô Hélio e vovó Neuza) não guardavam tanto tempo para os causos com as crianças. Mas a sabedoria popular nunca foi regradada: o vovô gostava de ler almanaques e ouvia a Rádio Globo, inclusive a Voz do Brasil, todos os dias, além de ser um exímio e romântico seresteiro. E a vovó, ainda que tendo frequentado a escola por pouco tempo, gostava de ler sobre santos e tudo o mais que chegasse a suas mãos, especialmente com referência ao catolicismo.

Pois bem, crescer neste ambiente de estímulo ao envolvimento com as palavras e, particularmente, com a liberdade de expressá-las sem ninguém caçoar do que eu fazia, ajudou-me a escrever, reescrever e escrever mais vezes. Não digo que daria um romance porque aprendi que esta estrutura é bem mais complexa do que eu seria capaz de construir como texto. Mas me encanta lembrar o quanto de sinceridade eu deixei em cada papel que preenchi, mesmo que despreziosamente.

Aos 15 anos, quando nos mudamos para São João Del Rei, uma cidade maior, para que eu e meus irmãos pudéssemos estudar em escolas melhores (mesmo sendo também públicas, como a de Ibertioga), um mundo novo se abriu para mim. Foi lá que tive contato com a cultura, na amplitude de seu significado. Filmes, músicas e diferentes tipos de arte que não chegavam à roça em que morávamos passaram a ser parte do dia a

dia de uma adolescente que estava descobrindo seus gostos e as possibilidades de trabalho.

Para enfrentar o problema dos recursos financeiros escassos, cada um de nós se virou para ajudar nas despesas da casa. Eu, com gosto, arrumei, por exemplo, alunos para dar reforço escolar. Ia às casas deles e lembro que, em cada uma, eu gostava de observar os costumes, os gostos, os modos como tratavam uns aos outros da família. E tudo virava história, tudo virava aprendizado, mesmo em simples comparações com o meu dia a dia. Cedo percebi que as pessoas têm objetivos muito diferentes umas das outras, mas que, se houver respeito pelas escolhas que cada uma faz, todas podem conviver em harmonia.

A liberdade de escolhas que sempre tive em casa e o leque de opções tão grande que eu vi se abrir em minha frente quando terminei o Ensino Médio quase ofuscaram o meu lado “humanas” – que, naquela cidade universitária, era alegoricamente rivalizado com quem era do grupo das “exatas”. Não é exagero, foi a turma que convivi quando comecei o curso de administração na Universidade Federal de São João Del Rei (UFSJ) que me fez enxergar que eu definitivamente não me identificava com os números. Eu gostava era das letras e, principalmente, de estar perto de quem entendia a importância e o significado delas. Queria me inspirar, conviver com pessoas que eu admirasse.

Foi por isso que tranquei o curso de administração e voltei ao velho sonho de ser professora, ou jornalista. Parecia um tanto confuso, mas não demorou e eu encontrei meu eixo. Estudei de novo para o vestibular, larguei uma vida boa, emprego e amigos que eu tanto me orgulhava de conviver para seguir até Belo Horizonte passar uns perrengues até chegar à Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Valeu a pena!

Eu gostava de tudo naquela universidade. Dava valor a cada canto frequentado nos prédios, a cada texto ou livro novo, a cada experiência, a tanto aprendizado. Mesmo cursando jornalismo, frequentei os cursos de letras e de pedagogia. O currículo flexível era outro indício de que eu teria de continuar a fazer muitas escolhas. Isso foi muito bom.

Conheci gente do Brasil inteiro, de vivências completamente diferentes das minhas. Lembro-me de arrancar risadas de colegas nas aulas quando eu contava como funcionavam as coisas em Ibertioga. Parecia um mundo fictício. E, às vezes, eles quase me convenciam de que era mesmo, que eu estaria inventando aquilo tudo, que na minha família só havia “personagens”.

Como nada acontece por acaso, fiz estágio em uma escola de contadores de histórias. Posso dizer que foi um “aperfeiçoamento” do meu jeito ibertiogano de ser. Imagine escrever para uma publicação chamada “Óprocevê”? Na sede dessa escola tinha

uma infinidade de livros e revistas interessantíssimos. Parecia não haver coisa melhor. Mas... havia!

Outro estágio foi no jornal chamado Letra A, concebido na Faculdade de Educação da UFMG, voltado para professores alfabetizadores. Lá, conheci alguns dos profissionais que eu mais admiro, até hoje. Os professores Magda Soares e Antônio Augusto Gomes Batista, o Dute, coordenavam a parte pedagógica do jornal com maestria. E a Silvia Amélia era a coordenadora do jornalismo, com uma didática e um brilhantismo que a deixou famosa entre todos os que estudaram na comunicação da UFMG nos anos em que ela esteve por lá, seja como aluna, como editora do jornal ou, depois, como professora. Devo dizer que muitos dos colegas dessa época também foram fontes de inspiração para os caminhos que acabei trilhando depois.

Terminei a graduação em 2009 com a certeza de que eu queria voltar àquela Faculdade de Educação e já fazendo planos para um mestrado. Mas precisava trabalhar e, além disso, eu já gostava muito de exercitar o jornalismo. Então, entendi que esse plano deveria ser adiado. Só que não foi por muito tempo. Trabalhando sete horas por dia, eu consegui cursar uma disciplina como aluna especial (sem vínculo) na pós-graduação daquela faculdade. Nessa época, tive contato com algumas das obras do Pierre Bourdieu e entendi que o capital cultural pode ser determinante para o indivíduo ser bem sucedido, ou não, já que há exceções. E aí, pronto! Como em outras situações da minha vida, eu senti que poderia ser uma exceção no que eu quisesse. E por que não me tornar uma jornalista que se volta para as questões de educação, a partir do olhar de um professor? Então esta passou a ser uma meta: estudar a relação entre a comunicação e a educação, sem pré-conceitos ou teorias infundadas. Eu queria ter propriedade para falar da inter-relação entre uma área e outra, mesmo tendo consciência da dificuldade que isto representaria.

O destino (ou o trabalho como jornalista) acabou me levando para Brasília, a capital do país que eu só conhecia pela TV, antes que eu concluísse o projeto de fazer o mestrado na UFMG. Mas o assunto “educação” e a vontade de pesquisar nunca estiveram fora da minha meta.

Foi então que comecei a buscar um objeto de estudo que pudesse alinhar essas duas paixões, que estavam agora somadas a uma nova área de interesse: a tecnologia. Observando notícias e o comportamento de alguns professores que utilizam recursos tecnológicos em suas salas de aula, percebi que algumas redes sociais, entre elas, o aplicativo *WhatsApp*, eram pivôs de uma transformação muito grande. Tanto em escolas

quanto fora delas, o que observei é que as pessoas estavam estimuladas a se comunicar mais, falar (no caso, escrever) mais sobre suas opiniões, seus valores, suas vontades.

Eu me vi voltando aos tempos de Ibertioga, quando fazia algo parecido, mas de forma tão ingênua e espontânea que os bilhetes ou papéis de carta nem sempre eram “publicados”, no sentido de tornados públicos, divididos com alguém. Era para mim mesma que eu escrevia algumas vezes.

Em 2014, quando fiz a seleção para o mestrado na Faculdade de Educação da UnB, eu não queria mais que essas ideias e divagações ficassem só comigo. Eu queria que as minhas reflexões se chocassem com as teorias de pesquisadores, tivessem um respaldo científico e, principalmente, que chegassem a ter importância para, quem sabe, fazer diferença na vida de alguém. Assim como as opiniões que me fizeram ver o mundo de uma forma diferente e das quais eu tive conhecimento porque foram publicadas graças ao jornalismo – e também aos projetos que eu conheci porque fui aluna dos incríveis professores que tive – este projeto sobre o uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica está sendo construído com o propósito de ser bom, de ter qualidade, de ser sincero e verdadeiro. E com um sonho de fazer diferença na vida de alguém.

Portanto, de todas as dúvidas que uma eterna “menina de Ibertioga” pode ter, a certeza que está projetada nas páginas que se seguem é: a constante vontade de aprender me torna mais confiante para fazer um trabalho em que eu acredito, e que posso ter orgulho dos resultados dele. “Quem sabe isso quer dizer amor, estrada de fazer o sonho acontecer.”¹

¹ Trecho da canção *Quem sabe isso quer dizer amor*, composta pelos irmãos Lô e Márcio Borges e consagrada pela voz de Milton Nascimento no álbum “Pietà” no início dos anos 2000.

INTRODUÇÃO

“Pra fazer sentido, tem que sentir”
(Autor desconhecido)

Entender o que os alunos esperam da escola, nestes tempos em que tantas informações estão acessíveis a qualquer momento e de qualquer lugar, é tarefa complexa. No entanto, negar a necessidade de apreender tal desafio é um movimento arriscado. Os modos de compartilhar conhecimentos nos dias atuais demandam profissionais que acompanham o ritmo das transformações da sociedade. E se pensarmos que a comunidade escolar está no epicentro do turbilhão das transformações tecnológicas, então, dos professores não se espera menos do que uma constante busca pela adaptação dos meios de ensino e aprendizagem aos avanços da tecnologia.

Este estudo traz relatos e reflexões sobre experiências de educadores que enfrentam o medo do desconhecido, a insegurança de trabalhar com novidades trazidas pelos próprios alunos e, principalmente, educadores que desfrutam das vantagens de se adaptar a uma realidade que se modifica a cada dia, e em velocidade que inviabiliza qualquer plano detalhado de ação a longo prazo.

O recorte da pesquisa incide no uso pedagógico das formas de se comunicar que, nos últimos anos, estão sendo propiciadas pelas mensagens eletrônicas instantâneas enviadas por meio de dispositivos móveis. No entanto, há um objetivo maior, que é o de compreender como os recursos tecnológicos podem ser aliados para o desenvolvimento de uma educação de qualidade, em constante aprimoramento, especialmente contando com o engajamento dos profissionais envolvidos.

Balizada no que traz Pretto (2011, p.96) ao afirmar que, atualmente, mais do que nunca, “pensar sobre a educação é, simultaneamente, pensar na ciência, na tecnologia, na saúde e, principalmente, na cultura e, tudo isso, de maneira articulada”, esta dissertação reúne perspectivas de diferentes origens: desde visões de pesquisadores e gestores de políticas públicas que geram grande repercussão, a interpretações de ações de professores que transformaram suas práticas diárias sem se voltar para a teoria ou ao menos sem se dar conta de que participaram de revoluções silenciosas nas escolas em que trabalham.

É, antes de tudo, uma busca por compreender a importância de compartilhar tais conhecimentos, de mostrar que é possível fazer diferença e ser otimista, mesmo diante de

tantos percalços pelos quais passam os sistemas educacionais, o brasileiro e os de outros países que têm desafios semelhantes.

A antropóloga argentina Paula Sibilia, professora e pesquisadora da Universidade Federal Fluminense (UFF), acredita que um dos indícios da crise educacional atual é a perda de eficácia no funcionamento bem azeitado das engrenagens disciplinares. Ela explica que o enfraquecimento do Estado no papel de megainstituição capaz de dotar de sentido todas as demais instituições provocou um desajuste histórico. Para a autora, as novidades das últimas décadas substituíram em grande parte os estilos de vida precedentes. “Não admira que agora (...) a sala de aula escolar tenha se convertido em algo terrivelmente ‘chato’, e a obrigação de frequentá-la implique em uma espécie de calvário cotidiano para os dinâmicos jovens contemporâneos.” (SIBILIA, 2012, p. 65)

Como já seria previsível, os professores muitas das vezes não sabem como lidar com isso e muito menos como proceder diante de tal cenário:

Além de suportarem a precariedade socioeconômica que assola a profissão em boa parte do planeta, (os professores) têm que lidar com as aflições suscitadas pelos questionamentos acerca do significado do seu trabalho e com a dificuldade crescente de estar à altura do desafio. (SIBILIA, 2012, p. 65)

No entanto, apenas lamentar e permanecer tentando alcançar o ritmo de assimilação de conteúdos dos jovens contemporâneos – mesmo que em permanente desvantagem – são atitudes bem diferentes das descritas pelos professores que participaram da presente pesquisa. Eles mostram como obtêm com seus alunos as habilidades que os fazem compreender e assimilar elementos verbais e não verbais característicos das linguagens atuais.

E, assim, colocam-se em consonância com a participação na cultura letrada a que se refere Zacharias (2016, p. 17): “Ser letrado hoje não é garantia de que seremos letrados amanhã, uma vez que as novas tecnologias se renovam continuamente, exigindo leitores e produtores de textos experientes em várias mídias.” De acordo com a autora, para alcançar tal objetivo, é essencial incluir no contexto escolar práticas que valorizem e reconheçam o universo multimidiático em que vivemos.

Torna-se, então, imprescindível contextualizar as transformações provocadas pelos aparatos tecnológicos nas formas de se comunicar da sociedade atual. Por isso, esta dissertação refere-se a diferentes formas de organizar os saberes e de lidar com textos em mídias diversas, uma influência inevitável da imbricação entre as áreas de comunicação e educação.

Bonilla e Preto (2015) defendem que precisamos compreender a formação cidadã nos tempos atuais. Segundo eles, além dos campos específicos de cada matéria ou dos campos dos saberes, existe a necessidade de um letramento que vá além das disciplinas escolares, do qual eles destacam cinco características: atenção, participação, colaboração, consumo crítico de informação e redes inteligentes. Dentre as cinco características desse novo letramento, a perspectiva de colaboração, segundo os autores, é intensificada a partir das redes digitais de comunicação.

Derivada do latim *rete*, a palavra “rede” sugere interligação. A expressão “rede social”, especificamente, aparece em dicionários de língua portuguesa como “grupo de pessoas interligadas pela internet, num programa por meio do qual podem trocar mensagens, publicar textos e imagens, debater questões etc.” (BECHARA, 2011, p. 744) Entende-se, hoje, que a maneira como nos comunicamos, nos expressamos e acessamos informações são apenas algumas das mais variadas mudanças provocadas pelas tecnologias digitais e, mais diretamente, pelas redes sociais. Como reitera Kenski (2014, p. 21):

A evolução tecnológica não se restringe apenas aos novos usos de determinados equipamentos e produtos. Ela altera comportamentos. A ampliação e a banalização do uso de determinada tecnologia impõem-se à cultura existente e transformam não apenas o comportamento individual, mas o de todo o grupo social.

Novais (2016) destaca que as atividades de leitura nos dias atuais processam cada vez mais sistemas de signos diversos, insumos criados pelas tecnologias digitais. E alerta que os textos multiplicam-se exponencialmente, tanto quanto as práticas sociais e as formas de interação. Somos assim, minimamente, “testemunhas” de mudanças que têm transformado a vida de milhares de pessoas.

Os professores, como formadores de leitores e cidadãos críticos, têm diante de si o grande desafio de acompanhar a realidade tecnológica em que os alunos estão inseridos. Então, uma questão considerada incômoda precisa, mais do que nunca, ser trazida a tona: se hoje os tempos e espaços, estando ampliados para bem além dos muros da escola, favorecem a aproximação dos discentes e docentes, por que insistir que a sala de aula ainda precisa ser o lugar de desligar o celular?

É notório que os aparelhos celulares vêm ocupando um papel de grande relevância nas relações sociais. Deixaram de ser um simples meio de telefonar para suprir a necessidade de uma comunicação imediata e complexa. Gouveia e Pereira (2015) mostram que, ao mesmo tempo em que existem legislações municipais e estaduais que

reprovam o uso de aparelhos eletrônicos durante as aulas, há um grande número de profissionais que os consideram recursos agregadores para as práticas pedagógicas.

Hoje, sabe-se que tais leis não se mostram eficazes para coibir o uso de celulares nas escolas. E mesmo que nesses espaços tal recurso seja cercado de polêmica, os autores destacam as vantagens do seu uso no depoimento de um professor que diz ser comum a falta de aparatos tecnológicos, principalmente nas escolas públicas brasileiras: “Com o telefone celular, passamos a ter muitos recursos disponíveis não apenas pela escola, mas também pelos alunos.” (GOUVEIA & PEREIRA, 2015, p. 53) Ou seja, existem pareceres negativos e positivos a respeito do uso do celular em sala de aula – e, conseqüentemente, de redes como o aplicativo de mensagens eletrônicas instantâneas *WhatsApp*.

Longe de evitar temas polêmicos, diversos autores defendem o uso dos dispositivos móveis na escola e reconhecem os desafios trazidos por eles (COSCARELLI, 2016; MORAN, 2015; SOUSA, 2015). Moran explica que os celulares fazem com que a gestão do conhecimento seja descentralizada, permitindo que a aprendizagem aconteça em qualquer lugar, a qualquer hora e de diversas formas, estando professores e alunos juntos fisicamente ou apenas conectados virtualmente. Sousa (2015, p. 121), por sua vez, destaca que as entidades educacionais precisam se questionar a respeito dos rumos que serão seguidos: “A juventude, encorajada pelas novas mídias de comunicação, especialmente pela internet e suas redes sociais digitais, trouxe maior complexidade ao terreno da escola.”

O relatório intitulado *O Futuro da Aprendizagem Móvel: implicações para planejadores e gestores de políticas* (UNESCO, 2014) trouxe discussões que visam melhorar a compreensão de como as tecnologias móveis, especialmente os celulares, podem ser utilizadas para democratizar o acesso e melhorar a qualidade da educação. O documento apresenta exemplos concretos de iniciativas nesse sentido, em vários países, inclusive no Brasil; bem como sugestões de atividades que podem ser praticadas por professores no dia a dia.

Em um mundo que confia cada vez mais na conectividade e no acesso à informação, os aparelhos móveis não são uma novidade passageira. À medida que o poder e a funcionalidade das tecnologias móveis continuarem a crescer, sua utilidade como ferramentas educacionais provavelmente se ampliará e, juntamente com ela, seu papel central para a educação, tanto formal quanto informal. (UNESCO, 2014, p. 42)

A publicação do documento sugere dois importantes apontamentos: há uma demanda de pesquisas e reflexões sobre este tema; e não há uma fórmula – ou mesmo forma unanimemente correta – para lidar de maneira positiva com o uso de aparatos

tecnológicos em sala de aula. Uma vez que os celulares e, mais especificamente, as redes sociais acessadas por meio deles estão cada vez mais presentes nas comunidades escolares, o que se percebe é que a adaptação das formas de ensino para responder a tal demanda passa por novas formas de organização do trabalho pedagógico.

No livro Polegarzinha, o filósofo francês Michel Serres discorre sobre a geração que digita os textos e tem acesso à informação por meio dos polegares. São jovens que vivem conectados em rede sem sair do lugar: “Por celular, têm acesso a todas as pessoas; por GPS, a todos os lugares; pela internet, a todo o saber.” (SERRES, 2015, p. 19) Trocando em miúdos: são esses jovens “polegarzinhos” que atualmente demandam novos paradigmas educacionais.

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DO PROBLEMA

“O uso de uma tecnologia pode enriquecer a mente humana, engrandecer o espírito, libertá-lo, intensificar sua vida interior.”
(Walter Ong)

Temos acompanhado, nos últimos anos, mudanças importantes na forma como os aparatos tecnológicos – e, de modo geral, a evolução nas formas de se comunicar – influenciam os processos de ensino-aprendizagem em ambientes escolares. Percebe-se que movimentos como a democratização do acesso à internet e a popularização dos dispositivos móveis têm aumentado os modos de interação entre alunos e professores, pois há inúmeros relatos de situações em que Tecnologias Digitais de Informação, Comunicação e Expressão (TDICE) aparecem como suporte para modelos educacionais que rompem com os métodos convencionais de ensino. (LACERDA SANTOS, 2011)

Isso não significa, no entanto, que seja fácil compreender o modo de funcionamento de relações construídas a partir dessas tecnologias. Em meio a tantas novidades que surgem a todo momento, inclusive com novas linguagens, uma preocupação recorrente para educadores, nestes tempos de emergência da chamada sociedade da informação, é o aumento da responsabilidade de promover aprendizagens significativas, pertinentes e contextualizadas em comunidades dinâmicas e ávidas por novidades e atualizações.

Sendo assim, procura-se identificar aqui, entre as várias formas de auxílio que as ferramentas tecnológicas têm oferecido no campo pedagógico, algumas que apresentam relevância e facilidade de uso. O aplicativo *WhatsApp*, um dos mais populares do mundo e em grande ascensão no Brasil, é visto como importante aposta nesse sentido, pois tem facilitado a interação entre grupos de alunos e professores, além de estar conseguindo trazer recursos e conteúdos originais para as salas de aula (LOPES; VAZ, 2016; SILVA; SILVA; RIBEIRO, 2015).

Logo que foi lançado, em 2009, o *WhatsApp* foi definido como um aplicativo de comunicação instantânea apenas para dispositivos móveis (*smartphones* e *tablets*). Atualmente, ele pode ser utilizado também em computadores pessoais por meio de navegadores de internet como o *Google Chrome* e o *Mozilla Firefox*. Por meio dele, os usuários conseguem criar grupos de até 256 pessoas, enviar mensagens ilimitadas com textos, fotos, áudios, vídeos, arquivos em *Word*, *Excel*, *Power Point* ou PDF, localização

etc. A ferramenta é atualizada constantemente por seus desenvolvedores. No ano de 2015, passou a disponibilizar a opção de efetuar ligações por áudio. E, em 2016, também ligações por vídeo.

Uma das grandes vantagens do uso do *WhatsApp* é referente ao custo, pois os serviços são gratuitos, não há cobranças de tarifa anual, sendo necessária apenas conexão com a internet para viabilizá-lo – o que pode ser feito de qualquer lugar. São atualmente mais de 1 bilhão de usuários ativos no mundo, segundo dados publicados no *blog* oficial da empresa.² O texto diz ainda que são mais de 42 bilhões de mensagens trocadas diariamente e 1,6 bilhões de fotos compartilhadas. (WHATSAPP, 2016)

Para utilizar o aplicativo é necessário criar um cadastro que fica associado ao número telefônico do usuário. Essa conta possibilita a sincronização dos contatos registrados com os respectivos cadastros. A partir daí, o usuário pode trocar mensagens individuais com seus contatos que também têm o registro e criar grupos para a troca coletiva de mensagens. Outros recursos disponibilizados pelo aplicativo são descritos no item 2.3.1 desta dissertação.

Profissionais de diferentes áreas defendem o *WhatsApp* como ferramenta de comunicação rápida e promissora a ser utilizada como plataforma de apoio à educação. Moran (2015) destaca, de forma positiva, as facilidades proporcionadas pelo aplicativo, que estimula a utilização de uma linguagem mais familiar, com maior espontaneidade e fluência constante de imagens, ideias e vídeos. Nota-se que a transmissão de conteúdo pode acontecer de forma síncrona (comunicação realizada simultaneamente entre os participantes, como em um *chat*) ou de forma assíncrona (conversas que se desenvolvem na medida em que as mensagens sejam lidas, em tempos diferentes para cada participante).

Mas é importante destacar que, de acordo com a descrição no site oficial do *WhatsApp*, o aplicativo não foi criado para fins pedagógicos (WHATSAPP, 2017). Portanto, essa leitura é um desdobramento dos possíveis usos da ferramenta.

² <https://blog.whatsapp.com>

1.1 JUSTIFICATIVA E OBJETIVOS DA PESQUISA

O aumento do uso de tecnologias, tanto em salas de aula quanto fora delas, leva a uma necessidade de refletir sobre como mudanças provocadas por novos recursos afetam os modos de se comunicar em ambientes escolares e de pontuar seus principais efeitos. É notório que muitos professores realizam suas práticas sem refletir sobre elas, ou seja, sem se voltar para a teoria. Entende-se, no entanto, que isto não é, necessariamente, um problema, mas que de algumas ponderações relativas a esse fato podem surgir novas ideias, formatos e sugestões de atividades que se julga serem de grande valia para profissionais da área.

Este estudo justifica-se, portanto, por trazer a visão de professores de diferentes regiões do Brasil, que têm múltiplas realidades econômicas e sociais e, portanto, podem compartilhar diferentes experiências relativas ao aproveitamento de aparatos tecnológicos na escola.

O uso do *WhatsApp* como recurso pedagógico tem sido explorado por estudiosos da área (BOTTENTUIT JUNIOR; ALBUQUERQUE; COUTINHO, 2016; MORAN, 2015). Diferentes tipos de abordagens são usados para examinar o modo como o aplicativo está sendo aproveitado por professores em suas práticas cotidianas ou em atividades específicas. Há diversos artigos acadêmicos publicados que relatam experiências exitosas sobre formas de apreensão da ferramenta, explicando principalmente como ela foi usada, que situações foram propícias ou não e os resultados gerados. (HONORATO; REIS, 2014; PEREIRA; ARAÚJO, 2015; BARCELLOS, 2015). No entanto, permanece merecendo apuração mais detalhada a representatividade de mudanças como esta para a comunidade escolar.

Uma reflexão teórica sobre o que há de novo, de fato, e por que é importante conhecer tais ferramentas, apropriar-se dos seus recursos e tirar proveito deles é fundamental para entender como têm se comportado os professores que atualmente relatam dificuldades de lidar com a disputa da atenção dos seus alunos com os celulares. A intenção é compreender em que medida o aplicativo pode ser utilizado no ambiente escolar como ferramenta que une interesses dos alunos e dos professores sem que nenhum seja prejudicado em seus propósitos.

A finalidade deste estudo, portanto, é buscar estabelecer o significado desse fenômeno a partir do ponto de vista dos participantes – no caso específico, de professores. Por meio da Revisão Sistemática da Literatura, e também de um questionário *on-line* e

entrevistas semiestruturadas, chegou-se a um melhor entendimento das questões propostas, a saber: a) Como se dá o uso do *WhatsApp* como recurso didático? b) Quais as vantagens e os principais desafios apresentados por quem já vivenciou tal experiência? c) De que maneiras o aplicativo pode ser usado em atividades escolares?

Dessa forma, o objetivo geral desta pesquisa é investigar experiências de professores que utilizam o *WhatsApp* como ferramenta pedagógica, as quais revelem as diferentes maneiras que elas podem ocorrer, suas vantagens e desvantagens. Tendo como objetivos específicos: a) Analisar relatos sobre usos didáticos do aplicativo, descrevê-los e interpretá-los à luz de autores que se debruçam sobre o tema tecnologias educacionais; b) Compreender os sentidos atribuídos ao recurso *WhatsApp*; e c) Conhecer o perfil de professores que, com auxílio do aplicativo, alcançam resultados que eles próprios consideram satisfatórios.

2. TUDO AO ALCANCE DOS DEDOS

O século XX foi prodigioso em diversas áreas, e na educação, bem como na comunicação, não foi diferente. Pierre Lévy (1999) acredita que, da revolução industrial à revolução eletrônica, a cultura contemporânea tem sido construída a partir dessas modificações. O que chamamos hoje de cibercultura foi definido pelo autor como o conjunto de técnicas, práticas, atitudes, modos de pensamento e valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. Segundo Lévy, a internet, em sua extensão, não é apenas uma mídia tradicional, mas um ambiente composto de vários instrumentos de comunicação.

Adaptar a realidade escolar às rápidas transformações culturais que se processam na contemporaneidade é, portanto, um desafio constante. No entanto, a escola não pode se abster de trazer para o seu meio o que acontece à sua volta, já que as ferramentas tecnológicas, especialmente quando conectadas à internet, transformam não só as maneiras de se comunicar, mas também de estudar, trabalhar, inserir-se na sociedade enfim. Para Lévy, as tecnologias utilizadas como recursos didáticos redefinem a função docente e agregam às práticas de ensino-aprendizagem novos modos de acesso aos conhecimentos. Vale a reflexão:

Como manter as práticas pedagógicas atualizadas com esses novos processos [da cibercultura] de transação do conhecimento? Não se trata aqui de usar as tecnologias a qualquer custo, mas sim de acompanhar consciente e deliberadamente uma mudança de civilização que questiona profundamente as formas institucionais, as mentalidades e a cultura dos sistemas educacionais tradicionais e, sobretudo, os papéis de professor e de aluno. (LÉVY, 1999, p. 172)

É notório que os métodos de ensino que consideram os alunos meros receptores estão perdendo o sentido à medida que o acesso à informação aumenta. Silva (2005) explica que na cibercultura há uma transformação de grande relevância, pois a lógica da distribuição (transmissão) é substituída pela lógica da comunicação (interatividade). Segundo ele, isso representa uma mudança radical no esquema clássico da informação baseado na ligação unilateral emissor-mensagem-receptor:

Na perspectiva da interatividade, o professor pode deixar de ser um transmissor de saberes para converter-se em formulador de problemas, provocador de interrogações, coordenador de equipes de trabalho, sistematizador de experiências e memória viva de uma educação que, em lugar de prender-se à transmissão, valoriza e possibilita o diálogo e a colaboração. (SILVA, 2005, p. 64)

Moran (2015) defende que a educação formal é cada vez mais *blended*, misturada, híbrida, porque acontece não só no espaço físico da sala de aula, mas também em espaços múltiplos, incluindo os meios digitais. O autor comenta que, com a internet, qualquer pessoa pode aprender qualquer conteúdo, de qualquer lugar, a qualquer hora e com professores diferentes. Ele ressalta que essa constatação chega a ser um pouco assustadora, porque não há modelos prévios para aprender de forma flexível em uma sociedade altamente conectada, mas que não há como frear tal tendência. “O que a tecnologia traz hoje é integração de todos os espaços e tempos. O ensinar e aprender acontece numa interligação simbiótica, profunda, constante entre o que chamamos mundo físico e mundo digital.” (MORAN, 2015, p. 16)

Fica evidente, portanto, que o papel do professor está mudando. Mesmo que não se sinta preparado para tal, ele é cada vez mais levado a se comunicar não só face a face com seus alunos, mas também digitalmente, interagindo em modos de ensinar que tendem a se hibridizar.

2.1 CONVERGÊNCIAS MIDIÁTICAS E NOVOS SABERES

Os dispositivos móveis com acesso à internet deixaram de ser privilégio de poucos e, em razão disso, cada vez mais as pessoas estão se comunicando com mais facilidade em tempo real. A última edição da pesquisa TIC Domicílios, divulgada em setembro de 2016 pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias da Informação e da Comunicação (Cetic.br), mostra que o número de usuários da internet superou a metade da população brasileira: 51% dos domicílios brasileiros têm acesso à internet. São 34,1 milhões de lares conectados. Ao todo, 89% dos brasileiros conectados acessam a rede pelo celular, percentual bem maior do que os que a acessam pelo computador (69%).

Os dados da Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel), de dezembro de 2016, indicam que há 244,1 milhões de celulares no Brasil. Uma incrível densidade de 118,04 aparelhos para cada 100 habitantes.

No campo educacional, a TIC Educação, publicada também pela Cetic.br no mesmo mês, mostra que 93% das escolas públicas de áreas urbanas possuíam, em 2015, algum acesso à internet, infraestrutura que está universalizada entre as escolas privadas brasileiras. O estudo mostra que 73% dos professores utilizam computador e internet com seus alunos. “As atividades mais citadas foram: pedir aos alunos a realização de trabalhos sobre temas específicos (59%), solicitar trabalhos em grupo (54%), dar aulas expositivas

(52%) e solicitar a realização de exercícios (50%).” (CETIC.BR, 2016) O percentual de professores que utilizaram o celular para acessar a internet aumentou em relação ao último ano da pesquisa: passou de 66%, em 2014, para 85%, em 2015.

De acordo com Lemos (2013), o uso de tecnologias pela sociedade contemporânea amplia o potencial comunicativo e proporciona a troca de informações em diversas formas. Os celulares são tidos como exemplo agregador, já que se tornaram dispositivos de múltiplas convergências midiáticas ao reunir funções que vão além de uma simples conversa telefônica: oferecem câmera fotográfica, filmadora, gravador de voz, músicas, jogos; além das possibilidades geradas pelo acesso à internet, tais como mensagens instantâneas de texto, *e-mails*, planilhas eletrônicas, *downloads* etc.

O pesquisador acredita que a cibercultura remodelou a percepção espaço temporal da nossa sociedade: “Há uma nova dinâmica social, redefinindo a noção de espaço e tempo, comunidade e indivíduo. Essa sinergia é o marco da cultura contemporânea.” (LEMOS, 2013, p. 39) Entre as características das tecnologias digitais, ele destaca a instantaneidade, a ubiquidade (estar ao mesmo tempo em toda parte) e a conectividade generalizada. Defende que a oposição entre a cultura e a cibercultura não é mais sustentável, e que é preciso superá-la para ter a compreensão de todas as facetas complexas da contemporaneidade.

Entende-se, assim, que os educadores não devem ficar alheios a tal transformação e que é importante que eles saibam olhar para as mídias com finalidade didática. Para Lemos (2013), não basta que os professores se identifiquem com as tecnologias, é preciso que reconheçam a sua importância e, ainda, que dominem suas linguagens.

Lacerda Santos (2014) observa, no entanto, que a promoção da inclusão digital do professor é um processo diferente daquele que se refere à inclusão digital de modo geral. Esse profissional, antes de tudo, precisa conhecer o potencial pedagógico das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICE), “assim definidas justamente por serem suportes privilegiados e inovadores para que nos informemos com mais intensidade, para que nos comuniquemos com mais agilidade e para que nos expressemos com mais liberdade.” (LACERDA SANTOS, 2014, p. 530) O autor defende que a aproximação de professores, no exercício da profissão, com mídias e manifestações culturais emergentes na escola requer contato intensivo e específico (em termos didáticos) com as tecnologias.

Vale ressaltar que, neste estudo, não é negligenciado o fato de que o acesso a aparatos tecnológicos, apesar de amplo, não atinge a todos os alunos e muito menos a todos os professores em um país de dimensões continentais como o Brasil. No entanto,

usá-los no ambiente escolar pode justamente representar uma oportunidade de inserção ao mundo digital para uma parcela de cidadãos que, por algum motivo, está excluída digitalmente. Bons exemplos não faltam.

No artigo “Tecnologias móveis em educação: o uso do celular na sala de aula”, Bento e Cavalcante (2013) buscaram entender qual a visão de um grupo de professores do Ensino Médio em relação ao uso do celular em sala de aula. Elas realizaram um estudo de caso com professores de uma escola estadual pública do Vale do Paraíba do Sul (SP). A coleta de dados ocorreu por meio de questionário e a análise dos dados foi quantitativa e qualitativa. As pesquisadoras concluíram que os participantes consideram o celular uma importante ferramenta pedagógica, ainda que proibido por decreto estadual. Concluíram também que o celular pode ser um recurso didático utilizado em diferentes momentos na escola, desde que conste do planejamento do plano de aula do docente e da instituição escolar. “Para isto é necessário que o corpo docente, as famílias e a escola comuniquem-se e promovam um trabalho colaborativo.” (BENTO; CAVALVANTE, 2013, p. 119)

Nesse sentido, destaca-se a importância de considerar que as tecnologias são mais bem aproveitadas na sala de aula quando o professor as aceita, prepara-se para apropriar-se delas e torná-las materiais pedagogicamente adequados. Kenski (2012) afirma que o emprego de determinadas tecnologias pode induzir a profundas mudanças na maneira de organizar o ensino. Mas, de acordo com a pesquisadora, isso requer, antes de tudo, planejamento: “Respeitar as especificidades do ensino e da própria tecnologia para poder garantir que o seu uso, realmente, faça diferença.” (KENSKI, 2012, p. 46)

Além de entender que os aparatos tecnológicos, por si só, não são capazes de educar ninguém, os professores devem assumir o papel de formar cidadãos para um mundo complexo e cheio de desafios. Kenski defende que a escola precisa garantir aos alunos a formação e a aquisição de novas habilidades, atitudes e valores para que eles possam conviver em uma sociedade que está em permanente processo de transformação. “Abrir-se para novas educações, resultantes de mudanças estruturais nas formas de ensinar e aprender possibilitadas pela atualidade tecnológica é o desafio a ser assumido por toda a sociedade.” (KENSKI, 2012, p. 41)

2.2 DIFERENTES MODOS DE SE COMUNICAR

É impossível ignorar que avanços tecnológicos têm provocado mudanças estruturais na sociedade e, especialmente, nos meios de comunicação. Com o amplo acesso à internet, muda a capacidade e a forma de as pessoas se comunicarem, interagirem e aprenderem. As informações circulam atualmente com muito mais velocidade se compararmos a poucos anos atrás. As redes sociais, especialmente, redefiniram a forma como as pessoas absorvem as notícias e expõem suas opiniões sobre elas.

Briggs e Burke (2006) apontam ser mais sensato perceber as técnicas dos meios de comunicação que vão surgindo ao longo dos anos como catalisadores e auxiliares de mudanças sociais, do que centralizá-los como agentes de mudança. Importante elucidar isto para dizer que há um entendimento de que o *WhatsApp* é um aplicativo que não gerou um estranhamento tão grande com a sua chegada – ele não “revolucionou” ao apresentar suas funcionalidades. No entanto, tal rede pode ser vista como resultado de demandas por mudanças nas formas de se comunicar que a sociedade vem vivendo nos últimos anos.

Há controvérsias sobre a denominação do aplicativo WhatsApp como uma rede social. No entanto, pela definição de Marteleto (2001), o aplicativo se encaixa como tal, pois representa um conjunto de participantes autônomos, unindo ideias e recursos em torno de valores e interesses compartilhados.

Jenkins (2009), na introdução do livro *Cultura da Convergência*, diz que nenhum de nós pode saber tudo, cada um de nós sabe alguma coisa, e podemos juntar as peças, se associarmos nossos recursos e unirmos nossas habilidades. “A inteligência coletiva pode ser vista como uma fonte alternativa de poder midiático.” (JENKINS, 2009, p.30)

Diante disso, é sensato enxergar as novas ferramentas de comunicação como formas de produção de conhecimento e de compartilhamento de informação. Percebe-se que os espaços escolares deixam de ser somente espaços físicos e ganham novas configurações e novas possibilidades – que vão bem além de extensões como muros, paredes, janelas ou mesmo horários rígidos.

Para o autor, os múltiplos usos dos celulares são um fato representativo do período que estamos vivenciando, caracterizado pela fragmentação do conteúdo em diversos meios de comunicação. O autor exemplifica que o indivíduo pode emitir e receber informações em tempo real para e de qualquer parte do planeta e que, por isso, a convergência não é apenas das tecnologias, mas sim da cultura e do modo de agir em

sociedade. “Os consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos de mídia dispersos.” (JENKINS, 2009, p. 30)

De acordo com Castells (2013), as tecnologias de comunicação derrubam barreiras temporais por conta da instantaneidade, que permite o acompanhamento simultâneo dos acontecimentos, diálogos em tempo real e diminuição, em minutos ou até segundos, do tempo de resposta. Segundo o autor, as pessoas moldam a tecnologia para adaptá-las às suas necessidades. E as necessidades podem envolver questões espaciais e temporais se percebermos o surgimento de uma comunicação baseada em redes horizontais e interativas, que, como o próprio Castells define, tornam-se surpreendentes tanto para quem produz conteúdo quanto para quem somente o consome. “A questão fundamental é que esse novo espaço público, o espaço em rede, situado entre os espaços digital e urbano, é um espaço de comunicação autônoma.” (CASTELLS, 2013, p. 16)

2.3 A SALA DE AULA ATUAL

A comunidade escolar tende a buscar meios de compreender como as tecnologias fazem parte da vida dos alunos. Uma reação comprovadamente negativa é evitá-las com a justificativa de que não há domínio sobre elas. Pulita e Lacerda Santos (2016) dizem que, mesmo que vivamos em uma era digital, ainda são perceptíveis os descompassos entre a difusão e apropriação das tecnologias na educação formal e na sociedade em geral. “A desconexão que acontece com/entre os sujeitos, tempos, espaços e movimentos no ambiente escolar e fora dele é uma das consequências do descompasso entre a escola e a sociedade.” (PULITA; LACERDA SANTOS, 2016, p. 4).

Esse descompasso, no entanto, é tido como uma bomba-relógio prestes a gerar embates entre os participantes da comunidade escolar. O aumento do uso das redes sociais demonstra que este é um caminho sem volta e que, por isso mesmo, os educadores que não as considerarem em suas práticas pedagógicas estarão somente adiando um problema que mais cedo ou mais tarde precisarão resolver.

Bottentuit Junior e Albuquerque (2016) explicam que, comparativamente, existem poucos estudos diante da quantidade de recursos que redes sociais como o *WhatsApp* possibilitam. Para os autores, existe “um leque de oportunidades aos investigadores de todas as áreas do saber para que possam explorar as possibilidades que o *WhatsApp* dispõe, para que seja possível desenvolver habilidades e competências necessárias para a educação do século XXI.” (BOTTENTUIT JUNIOR; ALBUQUERQUE, 2016, p.336).

O caráter divertido do aplicativo é um viés que oferece diversas opções a serem exploradas por educadores. Gomes destaca que o lúdico, em situações educacionais, é capaz de proporcionar meios reais de aprendizagem:

No contexto escolar, isso significa professores capazes de compreender em que fase os alunos estão em sua aprendizagem e desenvolvimento. Essa compreensão é o ponto de partida para a promoção de novas aprendizagens no domínio cognitivo e no afetivo. (GOMES, 2016, p 152-153)

De Vygotski (2005) vem o ensinamento de que aprendemos mais e melhor quando esta aprendizagem acontece com o outro. Diante disso, entende-se que a aprendizagem colaborativa encontra terreno fértil em aparatos tecnológicos, como o aplicativo *WhatsApp*, que são vistos como verdadeiros convites para se interagir e se comunicar com outras pessoas.

Pesquisadores como Silva e Teles (2016) enxergam as redes sociais como meios que possibilitam a efetividade da aprendizagem colaborativa capazes, inclusive, de ultrapassar as possibilidades pedagógicas:

Busca-se pensar as redes sociais como um dos meios em que a aprendizagem colaborativa acontece, entretanto, entende-se que, para além de uma aprendizagem restrita aos conteúdos tradicionais do currículo escolar, podem avançar para a compreensão de uma possibilidade de formação ampla e participação social e política. (SILVA; TELES, 2016, p. 2)

É importante destacar também a crescente disseminação da aprendizagem móvel, também chamada de *mobile learning* ou *M-Learning*. Nesta modalidade de ensino, dispositivos móveis são utilizados dentro e fora de sala de aula para auxiliar o processo de aprendizagem. Por meio de computadores portáteis (celulares, por exemplo) alunos e professores trocam materiais digitais em vários formatos, em qualquer hora e de qualquer lugar. As características que tornam a aprendizagem móvel atrativa à geração atual de estudantes é imensa, indo desde a possibilidade de torná-la personalizada, portátil e interativa até o fato de estar em constante aprimoramento.

De acordo com Nagumo e Teles (2016), a dinâmica social resultante do uso massivo de telefonia celular criou uma mudança de paradigma na natureza das interações humanas. Os autores explicam que com o uso cada vez mais comum desses aparelhos, é inevitável a ampliação da presença dos celulares na escola. “Os jovens estão desenvolvendo novas normas e competências sociais que são especificamente direcionadas a vivências nas redes sociais, tais como a forma de articular amizades, como ser educado na companhia de seus pares e como criar, mediar ou evitar dramas.” (NAGUMO; TELES, 2016, p. 365)

Um estudo realizado pela agência *We Are Social* a respeito do comportamento dos usuários na internet mostra que, mesmo que a *World Wide Web* esteja disponível para o público geral há apenas um quarto de século, muito rapidamente a rede mundial de computadores se integrou à vida dos habitantes do planeta. A pesquisa mostra que mais da metade da população mundial já tem celulares com acesso à internet.

Os números mais impressionantes são, de acordo com Kemp (2017):

- Existem 3,77 bilhões de usuários globais de internet em 2017, sendo que a população mundial é estimada em 7,476 bilhões de pessoas;
- Quase 2,8 bilhões de pessoas em todo o mundo agora usam as mídias sociais pelo menos uma vez por mês, com mais de 91% delas usando por dispositivos móveis;
- Os usuários de celular passam dos 4,9 bilhões, ou seja, três quartos da população mundial usam telefone celular.

A pesquisa, divulgada em janeiro de 2017, mostra ainda que o uso de mídias sociais cresceu 21% em 2016 em comparação com 2015. Foram 482 milhões de novos usuários inscritos ao longo do ano passado. E apenas cinco países responderam por mais da metade desse crescimento: a China, que teve 134 milhões de novos usuários de mídia social; a Índia, com mais 55 milhões; a Indonésia, com 27 milhões; os Estados Unidos, que registraram 22 milhões de novos usuários; e o Brasil, com 19 milhões de inscritos em redes sociais somente no ano de 2016. O estudo indica que o *WhatsApp* é a terceira plataforma mais usada do mundo, ficando atrás apenas do *Facebook* e do *Youtube*. (Kemp, 2017)

2.3.1 “E aí? O que passa?”³

³ Tradução comum para a expressão *What's up*, originária do nome do aplicativo em estudo. A marca *WhatsApp*, inclusive, resulta da junção da expressão “*What's up?*” com o termo “*App*”, contração de “*Application/Applicative*”

Figura 1 – Ícone do *WhatsApp* com notificação de mensagem não lida

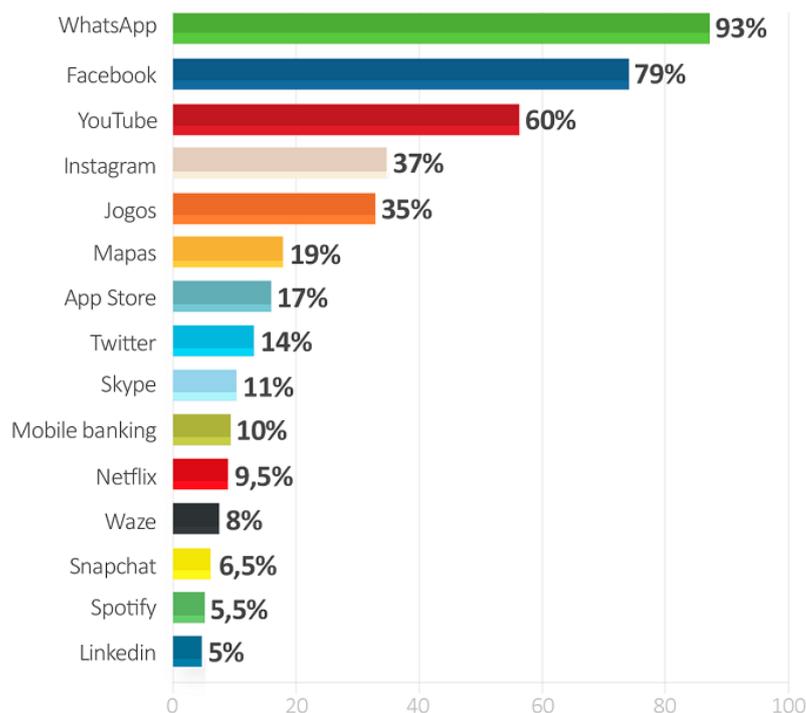


O *WhatsApp*, na mesma linha de outras redes sociais digitais, tem linguagem própria. São comuns as conversas com redução gráfica de palavras. Algumas expressões foram criadas para tal ou somente são usadas neste meio. Além de ser recorrente o uso de imagens – especialmente os tão popularizados *emoticons*, as carinhas desenhadas que costumam substituir expressões como tristeza, alegria, sono, choro, emoção etc.

Mesmo não se atendo ao estudo de tal linguagem, esta pesquisa registra a criatividade e irreverência como características que ampliam a capilaridade da rede social. Ao atrair os jovens, o modo de comunicação proporcionado cumpre mais do que seu papel de transmitir informações: torna tal comunicação objeto de desejo e de troca de experiências. Isso certamente contribuiu para o sucesso do *WhatsApp* entre o público jovem e o ajudou a se tornar tão popular entre grupos escolares.

Diante disso, não cabe a grande parte dos professores outra saída que não seja a de aderir aos grupos formados por alunos no aplicativo. As causas e os desdobramentos deste tipo de decisão estão apresentadas nas páginas que se seguem. Neste capítulo, optou-se por somente elucidar sobre os recursos que evidenciam o potencial de uso do aplicativo como ferramenta pedagógica.

De acordo com pesquisa divulgada pelo Ibope, no final de 2015, o *WhatsApp* é o aplicativo de celular mais usado no Brasil, como pode ser observado no Gráfico 1.

Gráfico 1 - Ranking dos aplicativos mais populares entre os usuários brasileiros

Fonte: Ibope (www.ibope.com.br), 2015.

Criado como uma alternativa para os envios de mensagens curtas, também conhecidas como SMS, o *WhatsApp* chegou ao mercado em 2009 e se consolidou rapidamente como principal aplicativo de troca de mensagens para os *smartphones*. No Brasil, ganhou popularidade a partir do ano de 2012 e se expandiu de maneira vertiginosa, assegurado pela facilidade de uso e capacidade de mobilização. Outra vantagem está na instalação do programa, que é simples e gratuita em todas as plataformas. Inicialmente, os desenvolvedores cobravam uma taxa anual de US\$ 0,99 de cada usuário para a renovação da conta, mas em 2016 foi anunciado no site da empresa que não haveria mais nenhuma cobrança.

A pesquisa do Ibope mostra também que, entre os aplicativos específicos de troca de mensagens instantâneas, o *WhatsApp* desbanca diversos concorrentes que oferecem praticamente os mesmos serviços, como é o caso do *Telegram*, do *Viber* e do brasileiro *ZapZap*. No entanto, são tantas atualizações já lançadas que muitos usuários não conseguem acompanhar de perto todas as aplicabilidades.

O fato de ser possível acessar o *WhatsApp* de qualquer lugar, a qualquer hora, mesmo com uma internet pouco potente, o coloca em vantagem frente a outros recursos didáticos. A possibilidade de enviar arquivos (que podem ser imagens, áudios, vídeos ou documentos) facilita a vida de quem precisa compartilhar rapidamente algum conteúdo.

Outro recurso que agrada a professores é a possibilidade de transmissão direta, ou seja, não é preciso criar grupos para enviar um mesmo arquivo para vários contatos.

Além disso, bloquear contatos inconvenientes, silenciar notificações ou colocar sons específicos para um contato que se queira destacar são soluções para alguns usuários pouco familiarizados com a ferramenta. A personalização é outro ponto forte do aplicativo. Além de definir como o nome do usuário será exibido para os outros contatos, é possível alterar a foto de perfil ou a imagem de fundo de cada uma das conversas. O aplicativo permite também fazer *backup* das conversas, para que nada seja perdido ou deixe de ser documentado, caso haja interesse. Uma opção é enviar as conversas para o próprio *e-mail* ou para algum contato da agenda.

Não se pretende omitir aqui o fato de o *WhatsApp* ser polêmico, principalmente no Brasil, país em que o aplicativo já foi bloqueado algumas vezes pela justiça por não fornecer dados de usuários para investigações policiais. Em todas elas, até o presente momento, a suspensão foi rapidamente resolvida e, em todas as situações, a empresa alegou não poder quebrar a criptografia.

3. PERCURSO METODOLÓGICO

Para alcançar os objetivos da pesquisa, o método adotado fundamenta-se na associação de aspectos quantitativos e qualitativos. Esta abordagem, denominada método misto, envolve uma relação de complementariedade e, assim, possibilita maior compreensão do objeto em estudo. Segundo Creswell, a pesquisa de métodos mistos é mais do que a simples coleta e análise de dois tipos de dados: “Envolve também o uso das duas abordagens em conjunto, de modo que a força geral de um estudo seja maior do que a pesquisa qualitativa ou quantitativa isolada.” (CRESWELL, 2010, p.27)

A opção pelo método misto justifica-se tanto pela natureza do problema de pesquisa como pela intenção de integrar dados de diferentes estágios da investigação. Como característica da abordagem qualitativa, destaca-se a busca por estabelecer o significado do fenômeno – no caso, o uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica – a partir do ponto de vista dos participantes. Dos processos da abordagem quantitativa, destacam-se a relação entre variáveis e o emprego de procedimentos estatísticos. Creswell explica o funcionamento do método misto como uma concepção pragmática:

O pesquisador baseia a investigação na suposição de que a coleta de diversos tipos de dados proporciona um melhor entendimento do problema da pesquisa. O estudo começa com um levantamento amplo para generalizar os resultados de uma população e depois, em uma segunda fase, concentra-se em entrevistas qualitativas abertas visando a coletar pontos de vista detalhados dos participantes. (CRESWELL, 2010, p.43)

Para melhor entendimento das formas de coleta, análise e interpretação dos dados propostos neste estudo, explicita-se, no Quadro 1, as diferenciações entre os métodos.

Quadro 1 - Características dos métodos quantitativos, qualitativos e mistos

| Métodos quantitativos → | Métodos mistos | ← Métodos qualitativos |
|---|---|---|
| Predeterminado | Tanto métodos pré-determinados quanto emergentes | Métodos emergentes |
| Questões baseadas no instrumento | Tanto questões abertas quanto fechadas | Perguntas abertas |
| Dados de desempenho, dados de atitudes e dados observacionais | Formas múltiplas de dados baseados em todas as possibilidades | Dados de entrevistas, dados de documentos e dados de observação |
| Análise estatística | Análise estatística e de texto | Análise de texto e imagem |
| Interpretação estatística | Interpretação dos bancos de dados | Interpretação de temas e de padrões |

Fonte: Creswell, 2010, p. 40 (adaptado).

Neste capítulo, estão detalhados os instrumentos utilizados para a metodologia, a saber: a) amostragem bola de neve; b) revisão sistemática da literatura; c) questionário *on-line*; e d) entrevistas semiestruturadas.

Para interpretar os dados coletados, foram utilizados os princípios da análise de conteúdo apresentada por Bauer. O autor sugere a classificação das informações colhidas nas experiências realizando junção de reflexões teóricas e práticas. Ele sugere uma leitura atenta de todo material para escolher as ênfases que serão dadas e, em seguida, categorizar e fazer possíveis conexões entre o material conseguido e a finalidade da pesquisa. “A teoria e o problema – que carregam em si os preceitos do pesquisador – serão responsáveis pela seleção e categorização dos materiais de texto, tanto implícita quanto explicitamente.” (BAUER, 2002, p. 195)

Por acreditar no potencial de transformação do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica, partiu-se do pressuposto de que o interesse de professores por seu uso didático possibilita um campo de pesquisa que vai além de uma escola ou classe de alunos. Desta forma, com auxílio de um questionário *on-line* e de entrevistas semiestruturadas, este trabalho buscou respostas de docentes de diferentes escolas, cidades ou regiões do país, por meio de mensagens que foram espalhadas entre pessoas conhecidas e colaboradores voluntários, que foram convidados a repassá-las a outros professores, em uma metodologia denominada amostragem bola de neve.

Esta técnica, também chamada *snowball sampling*, é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais nas quais os primeiros participantes indicam novos participantes que, por sua vez, indicam outros, e assim sucessivamente, até que seja alcançada a meta proposta. Baldin e Munhoz (2011) afirmam que a *snowball* é uma técnica de amostragem que utiliza cadeias de referência, como uma rede, e que seu conceito foi utilizado pela primeira vez em 1961 pelo estatístico Leo A. Goodman. Elas explicam que:

Os primeiros participantes contatados na aplicação da pesquisa são as ‘sementes’, que devem ter conhecimento da sua localidade, do fato acontecido ou das pessoas que vivem na comunidade. Esse mesmo indivíduo (a ‘semente’) indicará outra(s) pessoa(s) de seu relacionamento (ou de seu conhecimento) para que também participe(m) da amostra, esses são os ‘filhos’ das ‘sementes’. (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 50)

De acordo com as autoras, para que se tenha uma amostra considerável, o ideal é que seja planejado um número inicial de pessoas que, de preferência, exerçam papel de liderança no espaço a ser estudado. No caso desta pesquisa, foi possível perceber que o engajamento de professores que se interessam pelo uso de tecnologias em salas de aula,

em muitos casos, chega a ser suficiente para torná-los uma espécie de líderes nas escolas em que atuam. E, por isso, a técnica funcionou de maneira sistemática.

Outro ponto a ser destacado sobre a amostragem bola de neve refere-se à heterogeneidade permitida nos resultados. Por meio dela, é possível obter respostas de uma grande diversidade de sujeitos. “Pessoas pertencentes a diversos grupos, que vivem em regiões diferentes da cidade, e que não estabeleçam contatos de amizade ou parentesco, mas que atendam aos critérios de seleção de interesse dos pesquisadores.” (BALDIN; MUNHOZ, 2011, p. 53). Percebe-se, ainda, que tal metodologia mostra-se útil quando é difícil identificar respondentes em potencial, como é o caso deste estudo que se propôs a uma busca por experiências exitosas com o uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica sem partir de pré-requisitos sobre como essas experiências eram conduzidas.

Participando de eventos científicos sobre a inserção de tecnologias na educação, esta pesquisadora verificou ser o uso do *WhatsApp* um tema pujante que desperta a curiosidade de professores de diferentes níveis de ensino. O recorte inicialmente dado a profissionais que atuam no Ensino Médio foi determinado após conversas informais a partir das quais ficou entendido que os estudantes dessa faixa etária geralmente se envolvem de maneira mais espontânea com o recurso que, inclusive, faz parte do cotidiano da maioria deles. No entanto, ao longo da pesquisa, pôde-se perceber que os resultados permitiram ampliar este recorte. Ou seja, os resultados não correspondiam somente a relatos sobre o Ensino Médio. Dessa forma, optou-se por não mais referir-se somente a este nível de ensino.

A decisão de ouvir professores, e não alunos, deve-se ao fato de que o principal objetivo é compreender práticas de profissionais que utilizam a ferramenta como recurso didático, tanto em sala de aula quanto nos horários fora do expediente.

Ao recomendar o uso de múltiplas estratégias, que devem melhorar a capacidade de o pesquisador avaliar a precisão dos resultados e, ainda, contentar os leitores desta precisão, Creswell enfatiza que: “A análise dos dados envolve a transformação dos dados, a exploração das discrepâncias, o exame de vários níveis ou a criação de matrizes que combinem os resultados quantitativos e os resultados qualitativos.” (CRESWELL, 2010 p.263) De acordo com o autor, os procedimentos de validade também precisam ser descritos.

Diante disso, além dos instrumentos de coleta – o questionário *on-line* e as entrevistas semiestruturadas, que serão detalhados nas próximas páginas – foi feita uma

Revisão Sistemática da Literatura (RSL), seguindo protocolos de outros estudos realizados na mesma linha (GONÇALVES; NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2015; RAMOS; FARIA; FARIA, 2014). Esta metodologia consiste em reunir informações sobre um tema já estudado e investigar o seu atual estado da arte. Assim, busca-se examinar os aspectos que já foram pesquisados para conhecer melhor o campo de estudos.

Segundo Gonçalves, Nascimento e Nascimento (2015), a revisão sistemática possibilita uma investigação que permite identificar evidências relacionadas a um problema específico de pesquisa, já que destaca ideias, posturas e opiniões de autores publicadas na área de conhecimento em que se insere o estudo.

Enquanto a revisão tradicional de literatura fornece conceitos e características sobre determinadas áreas, a revisão sistemática vai além, pois mostra o que já foi feito, traz resultados e limitações, e ainda aponta para novas possibilidades de investigação. Muito utilizada na área da saúde, esta técnica permite verificar o que já foi examinado e comprovado sobre casos médicos, testes e evolução de desenvolvimento de técnicas, vacinas ou remédios, por exemplo. Na área das ciências sociais e humanas, há alguns estudos (BOTTENTUIT JUNIOR; SANTOS, 2014; LIMA; BOTTENTUIT JUNIOR, 2015; MENDES; BOTTENTUIT JUNIOR, 2015; FARIA, 2016), mas ainda não é tão recorrente.

Gonçalves, Nascimento e Nascimento destacam que “o levantamento dos estudos publicados para a realização da revisão sistemática necessita da observação de algumas etapas.” (GONÇALVES; NASCIMENTO; NASCIMENTO, 2015, p.195) E descrevem quais devem ser percorridas, como no esquema a seguir:

1. Problema de pesquisa (questão a ser investigada);
2. Protocolo de pesquisa (descrição criteriosa do estudo);
3. Bases de dados (localização dos estudos);
4. Critérios de inclusão/exclusão (características e especificidades dos estudos);
5. Análise, crítica e avaliação (validade dos estudos selecionados);
6. Elaboração do resumo (síntese dos conteúdos abordados);
7. Identificação das evidências (estudos agrupados conforme a semelhança);
8. Conclusão (alcance das evidências identificadas).

Tais passos foram norteadores do caminho percorrido, como explicitado no capítulo 4 desta dissertação.

3.1. INSTRUMENTOS UTILIZADOS E PROCEDIMENTOS DE COLETA

Para a coleta de dados, recorreu-se, primeiramente, a um questionário e, em seguida, a entrevistas com um grupo de professores selecionado entre os que responderam ao primeiro instrumento, como explicado a seguir:

3.1.1. Questionário *on-line*

Conforme escopo e imagem descritos nos apêndices, este conjunto de questões foi elaborado de acordo com as variáveis de interesse e segundo os objetivos da pesquisa. Segundo Gil, o questionário é uma técnica de investigação que contém um número elevado de questões apresentadas por escrito aos respondentes. “O objetivo é o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas, etc.” (GIL, 1999, p.128)

Por ser considerado popular entre usuários da internet, o meio escolhido para a aplicação do questionário foi o Formulário *Google*, também conhecido como *Google Forms*. A facilidade de manuseio foi um diferencial, desde a elaboração das perguntas até a escolha da navegação de um item para o outro. Pesou nesta escolha, ainda, a maneira organizada com que a ferramenta apresenta as respostas, com informações e gráficos de modo instantâneo.

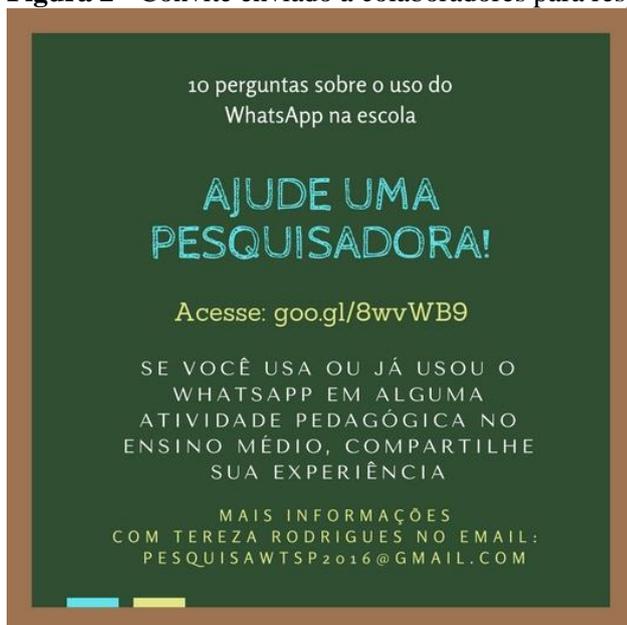
As perguntas foram primeiramente enviadas para a validação de três professores que atuam em escolas do Distrito Federal e que se dispuseram a fazer testes para o aperfeiçoamento do questionário. Foram considerados aspectos como tempo de resposta e linguagem das perguntas, buscando torná-lo mais interessante para os participantes.

Direcionado a professores que se interessam pelo tema, o questionário continha, ao todo, nove perguntas, sendo cinco de múltipla escolha, três questões dissertativas e uma sobre o perfil do participante. O respondente que marcasse “não” na segunda ou na quinta pergunta era levado ao final do questionário, concluindo com detalhes sobre o seu perfil, como pode ser observado no esquema mostrado no *Anexo 1*. O respondente que fizesse o percurso de maior interesse do estudo era encaminhado às demais perguntas.

Não houve limitação de espaço para os que quisessem descrever suas experiências e as características que considerassem mais marcantes sobre o uso do aplicativo

WhatsApp como recurso pedagógico. Cerca de 20 participantes escreveram mais de cinco linhas. No entanto, buscou-se tomar cuidado para que o questionário não fosse demasiado extenso e não exigisse muito tempo dos pretensos colaboradores da pesquisa, que o fizeram de forma espontânea e voluntária. A média de tempo para respondê-lo foi calculada em sete minutos. A preocupação em torná-lo atrativo foi recorrente, desde o convite para respondê-lo, que remetia a um quadro negro com giz, até o *design* escolhido para apresentá-lo. O convite enviado aos respondentes pode ser observado na Figura 2.

Figura 2 - Convite enviado a colaboradores para responderem o questionário *on-line*



Uma das vantagens do questionário *on-line* é a possibilidade de envolver um grande número de pessoas. E isso acontece por vários motivos, entre eles: a) pode ser repassado por *e-mail*, redes sociais ou por aplicativos como o *WhatsApp*; b) tem baixo custo, já que foi aplicado de forma gratuita; c) garante o anonimato, pois ficava a critério dos respondentes dar seus nomes ou contatos; d) permite o distanciamento com o pesquisador que, assim, não influenciou, de nenhuma maneira, as respostas.

Observou-se que houve uma mobilização grande nesta etapa da pesquisa. Os convites para responder e ajudar a divulgar o questionário foram, surpreendentemente, bem recebidos. Entre os mais de 50 *e-mails* enviados para isso, 22 foram respondidos de forma positiva. Alguns deles eram autores de artigos ou capítulos de livros sobre temas relacionados ao uso de tecnologia em sala de aula. As publicações nos perfis pessoais da pesquisadora, no *Instagram* e no *Facebook*, também tiveram boa repercussão, sendo que

houve, no *Facebook*, 58 compartilhamentos da imagem, sem contar as publicações em grupos fechados da rede social, como o dos professores particulares do Distrito Federal e o dos participantes de eventos como o seminário *on-line* Senated.

Pelo *WhatsApp* a imagem também se espalhou entre grupos de possíveis interessados. O alcance por esse meio, porém, não foi possível mensurar, já que o texto contido na imagem convidava para abrir o *link* do questionário, que não continha a pergunta sobre como o participante ficou sabendo da pesquisa.

Na imagem contida no Anexo 2 desta dissertação, é possível visualizar a apresentação do questionário. Foram tomados cuidados como a identificação da universidade na qual estava inserida a pesquisa, com a logomarca da Universidade de Brasília no topo da mensagem. Houve, ainda, a preocupação em se ter uma redação clara e concisa, que não deixasse dúvidas sobre o encaminhamento e as intenções do estudo. A apresentação trazia o nome e o contato da pesquisadora, tendo sido criado um *e-mail* específico para este canal, além da linha de pesquisa e do departamento de atuação. Tais informações foram consideradas importantes para conseguir a confiança dos colaboradores.

Por questões éticas, na análise de dados, os professores referidos no questionário foram distinguidos por letras (Professor A, Professor B etc.).

3.1.2 - Entrevistas semiestruturadas

Uma vez que este estudo buscou investigar de que maneiras o *WhatsApp* pode ser usado de forma didática em atividades escolares e quais as vantagens e os principais desafios vivenciados por quem utiliza o recurso, entende-se que o detalhamento desses usos pelos professores se faz necessário para alcançar os objetivos. Por isso, recorreu-se também a entrevistas semiestruturadas.

A entrevista é uma conversa que ocorre entre pelo menos duas pessoas para a obtenção de informações a respeito de algum assunto. Para Gaskell, o caráter interativo, direto e imediato da entrevista a torna um instrumento importante na busca de dados científicos. E a compreensão em maior profundidade permitida por este instrumento pode oferecer informação contextual valiosa para ajudar a explicar impressões importantes para a pesquisa como um todo.

A entrevista qualitativa fornece dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em

relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos. (GASKELL, 2002, p. 65)

A escolha dos participantes desta segunda etapa da pesquisa deu-se por uma série de requisitos. O primeiro deles foi o de ter o participante respondido de forma satisfatória às questões do questionário *on-line*. Leia-se, aqui, ter dado detalhes suficientes para que a pesquisadora pudesse inferir sobre a importância da inserção do aplicativo *WhatsApp* – ou de outras tecnologias – em suas práticas diárias. Só foram escolhidos professores que atuam ou atuaram nos últimos dois anos no Ensino Médio, já que este era o foco inicial da pesquisa (que posteriormente tornou-se mais amplo). Também foi pré-requisito o preenchimento do campo relativo ao contato para posterior convite, enviado por *e-mail*.

Inicialmente, foram selecionados 15 possíveis entrevistados, de acordo com suas áreas de atuação e localidade, levando-se em conta a idade, gênero e modalidade de ensino (trabalho em escola pública ou privada), já que se buscou alcançar um grupo que fosse o mais heterogêneo possível. A intenção, com isso, foi chegar a experiências diversificadas e respostas que levassem a conhecimentos mais amplos, que pudessem ser generalizados. Dos 15 convites enviados, 10 tiveram retornos positivos para participar da pesquisa. Na análise de dados, optou-se por se referir a eles por números (Professor 1, Professor 2 etc.), de acordo com a ordem alfabética dos nomes verdadeiros.

No cruzamento feito entre as respostas dadas por estes 10 professores no questionário *on-line* e na entrevista, pôde-se perceber que o segundo instrumento complementou de forma eficaz as informações obtidas no primeiro. Os perfis, por exemplo, mesmo que pedissem informações já fornecidas na primeira etapa – a do questionário –, foram muito mais elucidativos na segunda etapa, já que as conversas ajudaram a compreender melhor a realidade de trabalho de cada participante.

Todas as 10 conversas foram gravadas com o auxílio de um aplicativo de áudio no celular e, em sua essência, transcritas. O objetivo, com isso, foi alcançar um maior entendimento do contexto: além das palavras em si, também se complementou a análise com as entonações de voz e as pausas, por exemplo. Como sugere Gaskell: “Ao ler as transcrições, são lembrados aspectos da entrevista que vão além das palavras e o pesquisador quase revive a entrevista. Esta é uma parte essencial do processo e é por isso que é muito difícil analisar entrevistas feitas por outras pessoas.” (GASKELL, 2002, p. 85)

Embora entrevistas apresentem um contexto de conversação (GIL, 1999) optou-se por um roteiro prévio para que houvesse uma organização, uma lógica, o que, de fato,

foi útil para as consultas feitas na análise de dados. O roteiro utilizado teve como finalidade estimular o sujeito a falar sobre suas percepções acerca do *WhatsApp*, desde os primeiros usos até as experiências pedagógicas proporcionadas ou facilitadas pelo aplicativo. O roteiro elaborado funcionou como um direcionamento, no entanto, em algumas entrevistas, outros tópicos foram acrescentados conforme as conversas iam acontecendo e as dúvidas ou curiosidades iam surgindo. Isso pode ser observado nas diferenças de tempo, já que a entrevista mais rápida durou 20 minutos e a mais demorada 1h12.

Assim sendo, foi considerado um roteiro com seis perguntas descritas a seguir:

- 1) Perfil e trajetória: nome, idade, formação, disciplina lecionada, turmas / escola(s) / cidade em que trabalha / há quanto leciona, etc.
- 2) Conte mais sobre o seu contato com o aplicativo (uso pessoal): Você se lembra desde quando usa? Se houve alguma dificuldade inicial, se baixou por curiosidade ou insistência de alguém etc.
- 3) No uso profissional: Quando e como começou? Os alunos pediram, você propôs ou algum colega sugeriu? Tente se lembrar de coisas que ocorreram neste início. E agora, você usa todos os dias da semana?
- 4) Descreva mais detalhadamente uma (ou mais) experiência(s) que você tenha considerado bem sucedida.
- 5) O que você considera ser vantajoso no em relação ao uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica? E desafiador?
- 6) Você acha que o perfil de outros professores que também usam o *WhatsApp* como ferramenta pedagógica é influenciado por idade, formação ou gênero? Ou essas características não chegam a ser relevantes neste caso?

No capítulo 5, na análise de dados, é possível observar os resultados alcançados com os dois instrumentos. Tanto o questionário *on-line* quanto as entrevistas semiestruturadas geraram informações que, além de se somarem, mostraram-se consistentes para os objetivos desta pesquisa. É importante ressaltar que o processo de coleta, durante o período estabelecido, foi permanente e envolveu uma reflexão contínua sobre os dados. Formularam-se questões analíticas que foram registradas para todo o conjunto do estudo.

No capítulo que se segue, é apresentada a Revisão Sistemática da Literatura, já que foi elaborada ao longo de toda a pesquisa e, posteriormente, vista como um recurso norteador para a elaboração das perguntas, tanto do questionário *on-line* quanto das entrevistas semiestruturadas. Tal instrumento foi essencial também para o encaminhamento de etapas posteriores, como a análise de dados.

4. REVISÃO SISTEMÁTICA DA LITERATURA

Diante de um problema de pesquisa considerado amplo e que permite centenas de possibilidades de respostas – norteado pela pergunta: “Como se dá o uso do *WhatsApp* como recurso didático?” – optou-se por realizar, nesta dissertação, a Revisão Sistemática da Literatura (RSL). A técnica é caracterizada por Ramos, Faria e Faria (2014, p. 22), como uma “metodologia de pesquisa com rigor científico e de grande transparência, cujo objetivo é minimizar o enviesamento da literatura, na medida em que é feita uma recolha exaustiva dos textos publicados sobre o tema em questão.”

Tais autores explicam que a RSL leva a uma visão geral do assunto investigado – o que aumenta a precisão do pesquisador e o conduz a uma conclusão mais rígida e definitiva, além de obter mais confiança a respeito do resultado a que se chegou. “Parte-se de uma questão de investigação clara, explicita-se os critérios e a metodologia de pesquisa das fontes bibliográficas. Ou seja, existe um rigor científico e metodológico traduzido num protocolo de pesquisa.” (FARIA, 2016, p. 16)

Nota-se que a Revisão Sistemática funciona como uma espécie de funil, pois se inicia com questões específicas e chega a fontes abrangentes. Para Faria, tal metodologia possibilita contextualizar um estudo e, ao mesmo tempo, proceder a uma análise e síntese do seu referencial teórico: “Estes dois aspetos são determinantes para compreender o estado da arte acerca de determinado assunto e, simultaneamente, abrir perspectivas para que o investigador acrescente contributos fiáveis e credíveis para a comunidade científica e para a sociedade em geral.” (FARIA, 2016, p. 14)

Seguindo o protocolo de pesquisa sugerido por Gonçalves, Nascimento e Nascimento (2015), foram definidas as três perguntas norteadoras desta parte da investigação: a) Como os professores estão utilizando o *WhatsApp* como ferramenta pedagógica? b) Que motivos os levaram a fazer tal apropriação? c) Que resultados têm obtido?

As bases de dados consultadas para esta etapa da pesquisa foram: a do *Google Acadêmico* (scholar.google.com.br); a do Portal de Periódicos Capes (periodicos.capes.gov.br); e a do Scielo (scielo.org). Como descritores, utilizou-se os seguintes conjuntos de palavras: “*WhatsApp* + Escola”, “*WhatsApp* + Educação”, “*WhatsApp* + Ensino Médio”, “*WhatsApp* + Sala de Aula”, “Mensagens Eletrônicas + Educação”, “Mensagens Eletrônicas + Ensino Médio”.

Os critérios de inclusão e exclusão (ver Quadro 2) foram definidos de acordo com a proximidade de trabalhos que pudessem enriquecer a pesquisa como um todo. O formato artigo acadêmico, por exemplo, foi escolhido pelo interesse em analisar textos que já tivessem passado por alguns critérios de seleção, como relevância e qualidade do trabalho, e também que não fossem muito extensos. A data de publicação foi um importante definidor para que as descrições e conclusões pudessem ser consideradas válidas, já que, quando se trata de inovações tecnológicas, a volubilidade das conclusões costuma ser grande.

Como uma das características da RSL é que o estudo tenha validade científica e possa ser replicável, optou-se por colocar como critério que os artigos selecionados estejam acessíveis ao público em geral, além de estarem hospedados em plataformas que possuam credibilidade no meio acadêmico – ou seja: periódicos científicos e anais de eventos, por exemplo. Outro critério adotado na seleção é que o texto descrevesse uma experiência concreta de um professor com atuação no Brasil. Por ter sido considerado satisfatório o número de trabalhos que atendessem a este quesito, optou-se por não analisar trabalhos publicados em outros idiomas que não o português. Mesmo assim, a base de dados Eric (*eric.ed.gov*), constantemente utilizada por estudiosos da área de educação, foi consultada nesta etapa, com os descritores adotados. No entanto, não trouxe resultados que justificassem mudanças nos critérios de inclusão.

Foram encontrados diversos artigos contendo reflexões teóricas relevantes, assim como estudos sobre o uso do *WhatsApp* em atividades do Ensino Superior ou Ensino Infantil. Entretanto, como o foco desta dissertação no primeiro momento recaía sobre experiências de professores que atuam no Ensino Médio, foi feito o recorte de acordo com atividades desenvolvidas com estudantes que têm a faixa etária regular dessa modalidade de ensino. Optou-se por analisar trabalhos referentes a cursos de idiomas quando a experiência ocorreu com discentes jovens, e esta escolha deve-se ao fato de que, no decorrer da pesquisa, foi possível perceber que muitos professores de idiomas utilizam o *WhatsApp* como ferramenta pedagógica, e seria importante incluir tais visões nesta Revisão Sistemática da Literatura.

Textos mal escritos foram desconsiderados nesta seleção, essencialmente por causa de incongruências nas informações, julgando-se que seus resultados não seriam confiáveis. Sendo assim, chegou-se aos critérios adotados explicitados a seguir:

Quadro 2 - Como foi feita a seleção das publicações consideradas nesta Revisão Sistemática da Literatura

| CRITÉRIOS DE INCLUSÃO | CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO |
|--|--|
| Ter sido publicado como artigo acadêmico em periódicos científicos ou anais de eventos entre os anos de 2014 e 2016. | Não se enquadrar como artigo acadêmico (notícias em veículos especializados ou monografias, por exemplo) mesmo que tenha relação com o tema em análise. Ter sido publicado antes do ano de 2014. |
| Ser um estudo empírico que descreva pelo menos uma prática pedagógica com estudantes jovens brasileiros (que estejam na faixa etária do Ensino Médio regular). | Ser um estudo exclusivamente teórico ou referir-se a práticas no Ensino Superior, Ensino Infantil ou Educação à Distância. |
| Estar disponível <i>on-line</i> e de forma gratuita. | Ter somente o resumo disponível gratuitamente na internet. |
| Ser escrito de forma clara, seguindo padrões científicos. | Estar publicado em outras línguas, que não o português. |

Fonte: da autora. 2016.

Após esta seleção, elaborou-se uma tabela com seis aspectos para serem detalhadamente analisados: os títulos dos trabalhos; os nomes dos autores; o ano de publicação; descrição sobre como o *WhatsApp* foi utilizado em atividades realizadas com alunos; as razões de o aplicativo ter sido escolhido para tal; e as conclusões a que os autores chegaram. Nem sempre todas essas respostas estavam evidenciadas ao longo dos textos, no entanto, todos os artigos selecionados continham as informações necessárias para a comparação.

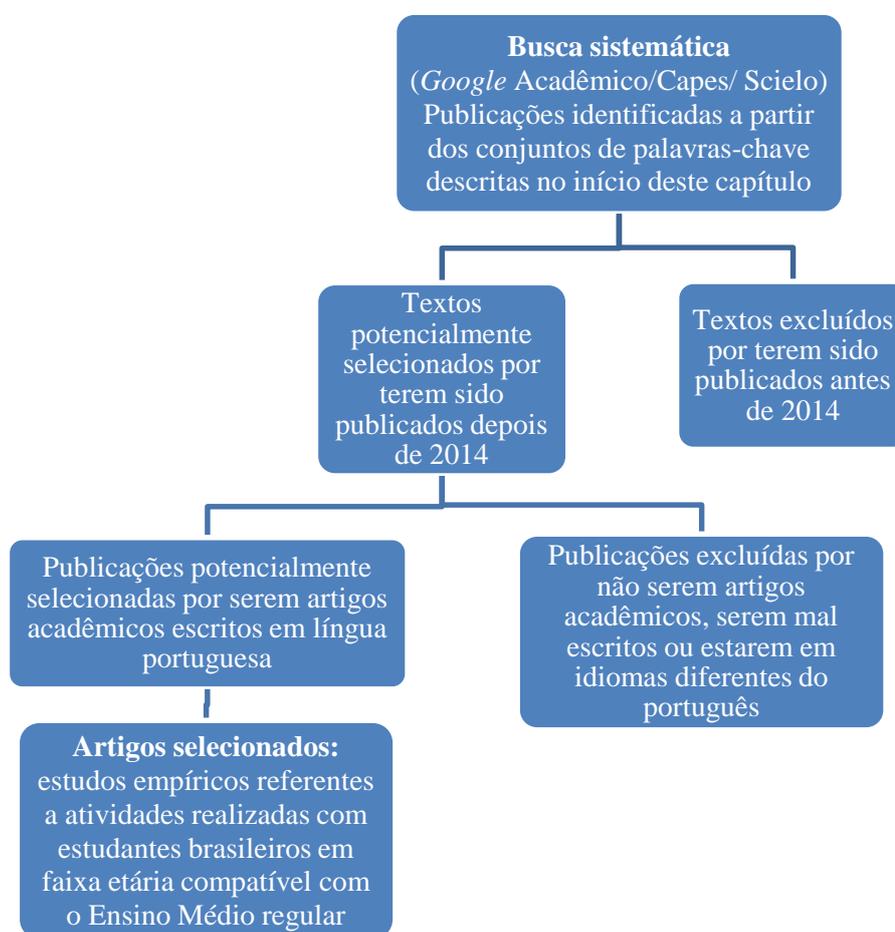
O fluxograma, designado como Figura 3, a seguir, mostra como a seleção de dados foi baseada em critérios objetivos e rigorosos, afastando-se, assim, de avaliações pessoais ou subjetivas. Isto diferencia o presente trabalho de revisões de literatura tradicionais, muito adotadas na área de educação, nas quais os motivos da escolha dos estudos a serem descritos ou discutidos geralmente não são explicitados.

Percebe-se que, atualmente, a atividade de seleção de textos a serem considerados relevantes para uma revisão de literatura é tarefa complexa. Existem inúmeras possibilidades de se publicar um estudo científico e, ainda, é possível perceber o aumento de bases de dados que podem ser consideradas como buscadores de trabalhos acadêmicos. Sendo assim, o propósito da RSL de resumir a pesquisa que está sendo produzida naquela determinada época, direcionada a uma questão específica, tende a ser cada vez mais reconhecida e valorizada.

De acordo com Ramos, Faria e Faria, é importante que o processo de Revisão Sistemática da Literatura esteja descrito no desenho metodológico da investigação. Para os autores, essa descrição “deve esclarecer o modo como foram apuradas e selecionadas as fontes de modo que as conclusões a produzir sobre os assuntos em estudo possam ser cientificamente consistentes.” (RAMOS; FARIA; FARIA, 2014, p. 22).

Com este amparo, descreve-se a seguir o fluxo de seleção dos estudos analisados.

Figura 3 - Fluxograma da seleção de artigos



Tal revisão foi importante para entender que o problema desta pesquisa não está em um contexto de investigação pouco explorado. Pelo contrário, esta é uma fonte rica de estudos diversos. Distingue-se, no entanto, que alguns autores com publicações importantes na área não aparecem nas bases de dados desta RSL, seja porque não têm artigos acadêmicos recentes sobre o tema (mesmo que tenham livros), seja porque suas

pesquisas estão publicadas em idiomas diferentes do português. Então, ressalta-se que tais referências estão em outros capítulos desta dissertação, especialmente no Capítulo 2, que traz uma discussão teórica mais consistente sobre o tema.

4.1 ARTIGOS SELECIONADOS PARA ANÁLISE

Chegar ao subconjunto de 18 artigos a serem analisados não foi tarefa fácil, já que um número bem maior deles trazia informações relevantes. Muitos, porém, ou não respondiam às perguntas norteadoras do estudo ou não passavam pelos critérios de inclusão, por isso não foram inseridos nesta etapa da pesquisa, realizada ao longo de nove meses e concluída em 18 de dezembro de 2016.

O número máximo de possíveis publicações a serem analisadas foi identificado nas buscas feitas no *Google Acadêmico*. Nos outros buscadores, tal número foi menor. É importante ressaltar que muitas das buscas apontaram os mesmos trabalhos já identificados.

A variação, de acordo com os termos descritores, foi grande, como pode ser observado na tabela a seguir.

Tabela 1 - Números resultantes das buscas iniciais no *Google Acadêmico*

| PALAVRAS-CHAVE | QUANTIDADE DE PUBLICAÇÕES RELACIONADAS |
|------------------------------------|--|
| <i>WhatsApp</i> +Escola | 5.350 |
| <i>WhatsApp</i> +Educação | 3.420 |
| <i>WhatsApp</i> +Sala de Aula | 2.690 |
| <i>WhatsApp</i> +Ensino Médio | 2.000 |
| Mensagens Eletrônicas+Educação | 30.000 |
| Mensagens Eletrônicas+Ensino Médio | 21.100 |

Fonte: da autora. 2016.

O caminho percorrido na seleção dos artigos incluiu, minimamente: a) A conferência do ano de publicação; b) A leitura dos títulos; c) A identificação dos autores; d) A identificação da plataforma de publicação; e) A leitura do resumo. Em alguns casos,

foi preciso ler também a introdução e a conclusão para distinguir os pontos de inclusão e exclusão propostos nesta RSL.

Ressalta-se que esta foi uma fase enriquecedora da pesquisa, já que tal conjunto de buscas levou a um grande número de leituras e a um amplo conhecimento bibliográfico sobre o uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica. E, ainda, nas referências das publicações encontradas, foi possível apreender indicadores de novas buscas para complementar este estudo, o que foi visto como grande vantagem por esta pesquisadora.

Nas páginas a seguir, são apresentados, na ordem alfabética dos títulos dos artigos, os principais pontos mapeados nesta análise.

Quadro 3 - Síntese dos trabalhos incluídos nesta Revisão Sistemática de Literatura

| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
|--|---|---|---|
| <p>1. A <i>perspectiva docente quanto ao uso do WhatsApp como ferramenta adicional ao ensino de inglês: um experimento em um curso livre de idiomas /</i> Dilermando Moraes Costa e Jurema Rosa Lopes / 2015.</p> | <p>O trabalho foi realizado com duas turmas de alunos de um instituto de idiomas do Rio de Janeiro. Ao longo de um semestre letivo, as conversas nos grupos de <i>WhatsApp</i> ocorreram somente em inglês. Para manter o engajamento e a motivação dos participantes, os professores enviavam materiais, perguntas e desafios para que os alunos tivessem um papel mais ativo e não apenas o de responder aos estímulos. Eles queriam implementar o aprendizado pautado na cooperação. Também enviaram áudios solicitando a gravação de respostas em inglês, no entanto, mesmo sendo avaliada como uma estratégia interessante, alguns se sentiam intimidados e temiam a possível exposição.</p> | <p>O aplicativo foi incluído de forma natural à prática pedagógica como ferramenta adicional ao ensino, por sugestão dos alunos. Para os autores, o ensino de línguas está associado à ludicidade, à rapidez e ao dinamismo, por isso é importante aliar conhecimentos pedagógicos e recursos digitais ao ensino formal do inglês. Devido à popularização do <i>WhatsApp</i>, surgiu o desejo de compartilhar a experiência do uso pedagógico da ferramenta na prática, o que aconteceu de modo espontâneo, como impacto do mundo digital na vida profissional e diária</p> | <p>O uso do <i>WhatsApp</i> apresentou mais pontos positivos do que negativos, pois a ferramenta oportunizou a comunicação na língua alvo e, logo, exposição ao idioma, de forma colaborativa e fora do horário das aulas. Embora o objetivo tenha sido atingido, eles consideraram baixo o interesse dos alunos em responder às perguntas ou acessar os <i>links</i> enviados. E entenderam que, se por um lado o pronto acesso ao professor aguçava a busca por solução da dúvida, por outro, aumentava a dependência da figura do docente. Não houve perturbações ou distrações ocasionadas pelo uso do <i>WhatsApp</i> em sala de aula ou <i>posts</i> impróprios nos grupos.</p> |

| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
|---|--|--|---|
| <p>2. <i>As implicações do uso do WhatsApp para o ensino aprendizagem de língua espanhola / Márcio Luiz Oliveira Pinheiro / 2015.</i></p> | <p>Os exercícios foram enviados via <i>WhatsApp</i> a alunos dos cursos de química e de informática do Ensino Médio integrado na cidade de Manaus (AM) para complementar atividades feitas em aula. O professor conjugou características específicas de diferentes métodos de ensino com o intuito de ajudar o aluno a desenvolver um aprendizado efetivo do idioma. Assim, ele utilizou o livro didático e também o <i>WhatsApp</i> para que os arquivos digitais que conjugassem texto, imagem e som</p> | <p>Para responder às seguintes perguntas: 1) No que se refere à prática docente, a interatividade auxilia para que se alcance uma aprendizagem significativa?; 2) Como as práticas pedagógicas consolidadas de ensino-aprendizagem de língua estrangeira se situam no mundo digital?; 3) Há uma correlação entre dialogismo, interatividade, práticas pedagógicas e conectividade para a formação de um novo <i>ethos</i> e de um novo letramento?</p> | <p>Os alunos que usaram o <i>WhatsApp</i> construíram uma produção textual própria e portadora de características que são bem diferentes daquelas que têm norteado o padrão autoral oriundo do mundo não virtual. Para o autor, o ensino-aprendizagem de língua estrangeira tende a combinar os mais variados procedimentos relativos aos diferentes métodos e enfoques consagrados pelo uso, articulando-os entre si e combinando-os com os meios de comunicação contemporâneos à nossa sociedade.</p> |
| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
| <p>3. <i>Celular no ensino aprendizagem de inglês – uma análise do uso do WhatsApp sob a perspectiva da professora / Adriana Sales Zardini / 2015.</i></p> | <p>O uso do aplicativo foi adaptado às aulas, inicialmente, divulgando avisos, <i>links</i>, vídeos e imagens. E, posteriormente, incitando os alunos à discussão de temas comuns, como lugares já visitados, filmes vistos, músicas favoritas, animais de estimação etc. As atividades descritas foram realizadas com um grupo de alunos de um curso de extensão do CEFET-MG, na cidade de Belo Horizonte (MG), com</p> | <p>Ao longo da sua experiência como professora de inglês, a autora conta que sempre buscou nos recursos tecnológicos uma ponte que facilitasse a aprendizagem dos alunos.</p> | <p>O uso do aplicativo apresenta aspectos que favorecem a comunicação e interação em língua inglesa, tais como: velocidade de mensagens, facilidade de usar outros recursos como envio de <i>memes</i>, imagens, vídeos, áudios e <i>links</i>. Além de questões de ordem prática, como avisos de última hora, recados e disponibilidade de recursos conectados a <i>sites</i>, <i>blogs</i> e outras redes sociais. O <i>WhatsApp</i>, além de</p> |

| | faixa etária entre 14 e 62 anos. | | estretar os laços entre alunos e professores, é também um recurso versátil para diversificar o conteúdo visto em sala de aula. Possibilita que os alunos tenham contato com a língua fora do ambiente escolar. Muitos alunos apontaram o uso do aplicativo como importante para melhorar seu desempenho e para facilitar os estudos. |
|---|--|---|---|
| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
| 4. Interações, celulares smartphones e processos de ensino e aprendizagem / Lucinalva Rosângela Panuci; Luciane Guimarães Batistella Bianchini; Cleonice Jose de Souza; Jaqueline de Brito Silva; Carla Mancebo Esteves Munhoz / 2016. | Depois de uma pesquisa prévia com 112 alunos de três escolas, da cidade de Maringá (PR), sendo um colégio particular (Ensino Médio) e dois colégios públicos (Ensino Fundamental), os pesquisadores passaram a utilizar o <i>WhatsApp</i> em atividades em sala de aula e fora dela, na disciplina de português, pelo período de um trimestre letivo. Com a autorização dos pais, eles criaram, para cada turma, um grupo no aplicativo e postaram as regras e que conteúdo seria permitido compartilharem. Os alunos poderiam postar dúvidas que tivessem na elaboração dos trabalhos ou para responder as atividades de revisão. Foram designados os | Os autores consideram que os celulares têm se estabelecido como objetos socioculturais imensamente valorizados, devido às suas novas funções, formas de entretenimento e pela maneira como as novas gerações lidam com o espaço e o tempo mediante a utilização desse recurso. A escolha se justificou pelo fato de o <i>WhatsApp</i> ser o aplicativo mais utilizado entre os alunos, especialmente para temas particulares. Então, eles optaram por repensar processos de ensino colocando o professor como organizador e intermediador de espaços colaborativos. Na visão dos autores, foi uma forma de modernizar o processo de ensino e aprendizagem. As perguntas norteadoras para o planejamento foram: 1) Como chegar até o aluno que hoje se | Os alunos ampliaram as interações entre si e com o conhecimento abordado por meio das pesquisas que realizavam e enviavam ao grupo, aprofundando as temáticas quando em sala de aula. No entanto, poucos interagiam nos grupos quando a atividade era em casa. Depois, os debates se tornaram mais intensos e os alunos tornaram-se mais participativos. Houve, naquele trimestre, um percentual de 98% na entrega das atividades e trabalhos, e o número de alunos para recuperação de conteúdos ficou muito abaixo da média escolar em períodos anteriores à aplicação da |

| | alunos que deveriam enviar avisos e lembretes das datas para a entrega de trabalhos, tarefas e atividades. | utiliza de novos objetos culturais?; 2) Como ajudá-lo quando tiver dificuldades para realizar uma atividade escolar em casa?; 3) Que objetos significativos criar para ajudá-lo a fazer os trabalhos e tarefas? | proposta. Foi notada que a autoestima de vários alunos aumentou, tornando-os mais confiantes, pois, muitas vezes, tinham vergonha e medo de expor, em sala de aula, suas dúvidas sobre os conteúdos. Pelo aplicativo, isso ficava mais fácil. |
|--|---|--|---|
| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
| 5. <i>Ler e filosofar, o difícil é começar: a utilização das novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem on e offline de uma escola pública</i> / Ana Patrícia Lima Sampaio e Denison Rafael Pereira da Silva / 2016. | Foram criados grupos com 11 turmas do 1º, 2º e 3º anos, da modalidade Educação de Jovens e Adultos (EJA/Médio) na Escola Estadual Monteiro Lobato, em Boa Vista (RR), para a disciplina de filosofia. A observação foi realizada de março a julho de 2015. Houve intervenção pedagógica, visando estabelecer uma nova prática que resultasse no auxílio e ajuda mútua dos alunos no processo de aprendizagem. | O caráter lúdico, a construção colaborativa e a mediação do professor foram apontados como vantagens do uso de recursos tecnológicos (como o <i>WhatsApp</i>) em um processo de ensino-aprendizagem no qual os alunos se apresentavam apáticos, desinteressados e desmotivados para o estudo da filosofia. Os autores buscavam soluções para deficiências nos métodos de ensino utilizados naquela escola para haver debates sobre os temas propostos e manter a concentração em sala de aula. O aplicativo foi usado para trabalhar a motivação e interesse dos alunos nos conteúdos, já que havia a percepção de que o celular é um recurso próximo das pessoas e do seu cotidiano. | Com a utilização das novas tecnologias (além do <i>WhatsApp</i> , foi utilizado também um <i>blog</i>) conseguiu-se aproximar a filosofia do cotidiano dos alunos, já que, antes, o único contato deles com a disciplina era em sala de aula, período variável entre 45 minutos a 1 hora, a cada semana. Além disso, desde então houve uma maior integração e interação entre todos os envolvidos. |
| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
| 6. <i>Multiletramentos na escola: interface filmico com a literatura e o WhatsApp</i> / Maria das | O trabalho foi desenvolvido nas aulas de língua portuguesa, com alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Professor José Soares de Carvalho, da cidade | Como as novas gerações convivem com a proliferação de imagens e de novas tecnologias, as autoras propõem uso integrado da literatura, do filme e do <i>WhatsApp</i> para formar leitores críticos e | Usando o <i>WhatsApp</i> para discutir de forma mais dinâmica sobre filmes e obras clássicas, o aplicativo deixou de ser um problema dentro da sala de aula |

| <p>Dores Justo; Juliana da Silva Cabral; Andreia Rafael de Araújo e Janaína da Costa Barbosa / 2015.</p> | <p>de Guarabira (PB). A turma analisada em diversas atividades, desde a leitura do conto O Alienista até as adaptações para outros gêneros como charges, histórias em quadrinhos, peça teatral e videoclipe. Debates no <i>WhatsApp</i> abordaram temas trazidos pelas narrativas.</p> | <p>conscientes. Elas destacam que os alunos levam na mochila um smartphone e tudo ao redor oferece conexão 24 horas, além disso, eles estão acostumados com a praticidade das redes sociais, com as palavras abreviadas das mensagens de texto do celular. E questionam: como deixar de lado todas as infinitas possibilidades que o mundo digital oferece? Por isso, elas se propõem a conduzir o alunado a descobrir o prazer da leitura de clássicos literários em diversas formas.</p> | <p>para se tornar uma nova ferramenta. A sua utilização na prática educativa possibilitou sensibilizar os alunos e desenvolver novas formas de compreender e ler criticamente os meios eletrônicos e as novas tecnologias de informação. Os alunos envolvidos no projeto passaram a ver as obras clássicas com um olhar diferente. As autoras concluem que é importante que a escola tire proveito das práticas de letramento contemporâneas.</p> |
|--|---|--|---|
| <p>TÍTULO / AUTOR / ANO</p> | <p>COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO</p> | <p>POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP</p> | <p>CONCLUSÕES</p> |
| <p>7. <i>O aplicativo de comunicação WhatsApp como estratégia no ensino de Filosofia</i> / Patrício Câmara Araújo e João Batista Bottentuit Junior / 2015.</p> | <p>O aplicativo foi usado como estratégia metodológica para o ensino de filosofia em duas turmas de Ensino Médio do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IFMA), Campus Açailândia. Tais alunos frequentemente se distraíam com o celular em sala de aula. Então, foi criado um grupo no <i>WhatsApp</i> no qual era regra participar das discussões com frequência e inserir apenas comentários relacionados ao assunto. Foram permitidas postagens de imagens, vídeos, áudios ou textos referentes a conceitos</p> | <p>Para possibilitar novos recursos de ensino, já que a utilização deste aplicativo permite um bate-papo contínuo, por exemplo. Os autores perceberam que havia um número significativo de alunos que utilizavam o <i>WhatsApp</i> para interagir com outros estudantes. Então tomaram tal recurso como instrumento de aprendizagem. A ferramenta, na visão deles, inspira confiança e confiabilidade na geração de novos conhecimentos sem desconsiderar a interação do professor com os estudantes e deles entre si.</p> | <p>É viável a utilização do <i>WhatsApp</i> no ensino de filosofia, pois a ferramenta permite o envio de texto, vídeo, áudio e imagens, algo bem versátil para estimular a aproximação dos estudantes com os conteúdos da filosofia. Além disso, o aplicativo atrai a atenção dos alunos por se tratar de algo inovador enquanto estratégia de ensino. Os autores relataram que o nível de interação entre os estudantes aumentou rapidamente e tal recurso se tornou um meio de comunicação entre o docente e os discentes, já que faz</p> |

| | e temáticas trabalhados em aula. | | parte do cotidiano dos adolescentes. |
|---|--|--|---|
| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
| 8. <i>O ensino de história na palma da mão: o WhatsApp como ferramenta pedagógica para além da sala de aula / Cristiano Gomes Lopes e Braz Batista Vas / 2016.</i> | O experimento aconteceu na Escola Estadual Professora Elza Maria Correa Dantas, no município de São Domingos do Araguaia (PA), com 40 alunos da turma A do 3º ano do de Ensino Médio, entre agosto a dezembro de 2015, para saber se grupos do <i>WhatsApp</i> podem ser utilizados como extensão da sala de aula na disciplina de história. Foram criados fóruns de discussão, centrais de dúvidas, desenvolvimento de textos colaborativos e o compartilhamento de <i>links</i> , vídeos, <i>sites</i> , imagens e áudios que pudessem auxiliar e estimular o aprendizado. Antes de formar os grupos, foi elaborado um conjunto de normas e critérios de uso e participação. | A intenção do professor, que na ocasião desenvolvia pesquisa de mestrado, foi a de verificar a importância do uso dos grupos do <i>WhatsApp</i> como ambiente e ferramenta para promover o ensino e a aprendizagem de história de forma colaborativa; analisar os limites e possibilidades da aprendizagem que envolva a ubiquidade, a mobilidade e a colaboração; e buscar canalizar o notório e explícito interesse dos alunos por esse aplicativo. A popularidade do aplicativo foi um fator favorável na aplicação do experimento. | Ficou constatado que os grupos de <i>WhatsApp</i> têm condições de funcionar como extensão da sala de aula. A relação professor-aluno foi melhorada e o rendimento escolar, assim como aprendizagem de história, tiveram incremento considerável. Houve ampla participação dos alunos, com interações, compartilhamentos de informações de cunho histórico, tratamento crítico e reflexivo das fontes digitais nas discussões e estudos realizados nos grupos e nas aulas presenciais. Tais atitudes facilitaram a promoção do ensino e da aprendizagem dos conhecimentos históricos. No artigo estão enumerados pontos positivos, negativos e sugestões, apontados por alunos menos participativos, alunos mais participativos e pelo professor. |
| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
| 9. <i>O uso da web 2.0 e das redes sociais como facilitadores do ensino-</i> | O projeto foi desenvolvido em cinco colégios da cidade de São Luís (MA), entre março e outubro de 2014. Uma turma de | Para experimentar metodologias alternativas de ensino que despertassem o interesse dos estudantes pelas ciências. Outros objetivos | Os autores concluíram que a <i>web 2.0</i> é alternativa para complementar o ensino, pois torna a didática mais |

| <p><i>aprendizagem na temática da “ciência e tecnologia” para o Ensino Médio: uma experiência desenvolvida em cinco escolas de São Luís - MA / Ligia Tchaicka; Sannyá Fernanda Nunes Rodrigues; Ilka Marcia Sousa Serra; Nathalia Ferreira David; Andressa Isabela Ferreira da Silva; Elizama Conceição Rocha / 2016.</i></p> | <p>alunos do 1º ano do Ensino Médio de cada um desses colégios desenvolveu um projeto de pesquisa, sobre temas escolhidos pelos alunos. O tema precisava se referir à genética e conservação biológica. Para tal, a comunicação e divulgação dos conteúdos ocorreu via <i>Facebook</i>, um <i>blog</i> desenvolvido com este fim, e grupos de <i>WhatsApp</i> criados para promover as discussões sobre os assuntos que surgiram no decorrer do período analisado.</p> | <p>dos pesquisadores e professores participantes foram: proporcionar aos estudantes o contato com o ambiente e ações de pesquisa em genética e conservação biológica; e promover a discussão e a prática da educação entre professores do Ensino Médio e estudantes de Ensino Superior, já que o projeto foi desenvolvido pelo Grupo de Estudos em Genética e Conservação da Universidade Estadual do Maranhão. Mesmo não estando previsto no início do projeto, houve uma condução espontânea para a criação de grupos no <i>WhatsApp</i>.</p> | <p>envolvente e assimilativa. Houve grande participação espontânea dos envolvidos, para os quais foi mostrado que a ciência pode se tornar popular quando se aciona espaços informais de aprendizagem. Segundo eles, em contextos nos quais as relações são mais diretas, interativas, colaborativas, de mediação de todos os envolvidos, naturalizam-se certos comportamentos proativos, criativos e espontâneos. Exercitar essa postura é, então, preparar os alunos para viver na sociedade atual, bastante mediatizada. Os autores alertam ainda que é preciso compreender as tecnologias disponíveis para poder opinar sobre elas.</p> |
|---|--|---|---|
| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
| <p>10. <i>O uso do aplicativo WhatsApp como recurso para interação e aprendizagem escolar no Ensino Médio / Noemy Kariny da Silva / 2015.</i></p> | <p>O aplicativo foi usado para estabelecer um espaço de discussão sobre temas estudados na disciplina de sociologia com o 2º ano do Ensino Médio, no Colégio Estadual Ernani Vidal, em Curitiba (PR), entre outubro e dezembro de 2014. Tal turma foi escolhida porque todos os alunos possuíam <i>smartphones</i> com acesso à internet. A proposta foi que os</p> | <p>Por se tratar de um recurso de fácil acesso, de baixo custo, usado pela maioria dos alunos do Ensino Médio. Além disso, o aplicativo pode ser usado como meio de produção e disseminação de conhecimento de forma simples e barata. A autora considera que o aplicativo já faz parte da realidade de sala de aula, mesmo que a legislação estadual do Paraná determine a proibição do uso de qualquer tipo de</p> | <p>A proposta atingiu seu objetivo ao promover a interação entre os alunos por meio de uma tecnologia que eles usam diariamente, fazendo dela, mais do que um modo de diversão, um meio de informação – uma ferramenta do processo de ensino e aprendizagem, de fato. Além disso, o <i>WhatsApp</i> possibilitou que os</p> |

| | alunos analisassem, discutissem, pesquisassem e postassem exemplos e argumentos que tivessem relação com os estudos sobre sociedade, partindo das teorias sociológicas para a compreensão das relações sociais que fazem parte do seu cotidiano. Ao longo de cada atividade solicitada foram estabelecidos critérios de participação e interação no grupo de <i>WhatsApp</i> . | aparelhos ou equipamentos eletrônicos durante o horário de aulas. Ela explica que a lei, em seu parágrafo único, permite o uso desde que seja para fins pedagógicos, sob orientação e supervisão do profissional de ensino. | alunos buscassem aprender mais do que é solicitado nos currículos escolares e nos livros didáticos. Para ela, ficou comprovada a possibilidade de se adaptar o conhecimento sistematizado com a realidade dos alunos e também de se construir um espaço virtual para promover a observação da realidade social a partir do estudo da sociologia. |
|--|--|--|--|
| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
| 11. <i>O uso do WhatsApp na aula de LP</i> / Renata da Silva de Barcellos / 2015. | As atividades foram realizadas com educandos do 3º ano do Ensino Médio do Colégio Estadual José Leite Lopes/NAVE (Núcleo Avançado em Educação), uma escola tecnológica do Rio de Janeiro (RJ). O <i>WhatsApp</i> foi utilizado em aulas da disciplina de língua portuguesa, com compartilhamento de postagens, <i>links</i> , recados etc., para averiguar a assimilação dos diversos aspectos morfosintáticos e semânticos. Uma das atividades foi a discussão sobre possíveis temas da redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem). | A interação exerce um papel central nas relações sociais dos jovens atualmente. Por isso, as redes sociais são utilizadas como espaço pedagógico para as mais diversas funções: desde um envio de recado até a realização de uma prova. Sendo assim, buscou-se uma prática diferenciada do ensino da língua materna, de acordo com as orientações curriculares da escola. A autora conta que a proposta de trabalhar com o <i>WhatsApp</i> surgiu a partir de questionamentos feitos sobre os motivos que levam os educandos a estarem cada vez mais desmotivados. Muitos dormiam em sala de aula e outros geravam incômodo pelo constante uso do celular. | A tecnologia ajuda a descentralizar o papel do educador ao levar a uma prática mais colaborativa, cujo foco é a construção do conhecimento e não só o conteúdo. A autora concluiu que os educandos constroem melhor o conhecimento quando estão mais motivados. E que redes sociais, como o <i>Facebook</i> e o <i>WhatsApp</i> , podem proporcionar, de forma positiva, a criação de diversas comunidades voltadas para o estudo. Para ela, o ciberespaço permite que o indivíduo interaja e compartilhe opiniões de forma mais espontânea. |

| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
|---|--|--|---|
| <p>12. PIBID online: uso do WhatsApp como ferramenta didática / Ana Paula Pereira e Andréia Rafael de Araújo / 2015.</p> | <p>O grupo foi criado com alunos do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual José Soares de Carvalho, de Guarabira (PB). A turma foi escolhida por ser bastante diversa e ter 25 alunos que querem estar conectados o tempo inteiro. A experiência começou com <i>posts</i> que podiam interessá-los e logo conseguiu a participação de todos. Depois, os próprios alunos passaram a postar e abrir novos debates. O grupo servia também para tirar dúvidas sobre exercícios e questionários.</p> | <p>A justificativa foi pelo fato de a maioria dos discentes estar conectada ao aplicativo praticamente 24 horas por dia, a ideia foi a de aumentar o tempo de contato dos alunos com o conteúdo a ser estudado, já que o horário de aulas é considerado apertado para proporcionar condições ao desenvolvimento crítico do alunado, em debates, por exemplo. A escolha por trabalhar com o <i>WhatsApp</i> deu-se pela praticidade, o baixo custo e a alta disseminação dos conteúdos compartilhados. O trabalho com o aplicativo tinha como objetivos:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1. Dinamizar a relação da turma com a equipe e a professora; 2. Compartilhar conteúdos de forma dinâmica, propondo exposição de opinião, debates e incentivando a aprendizagem. 3. Conferir o retorno acerca dos assuntos trabalhados em sala. 4. Analisar a linguagem “internetês” x “informal incorreta”. | <p>Foram alcançados bons índices de assiduidade e engajamento dos alunos no projeto. Para a pesquisadora, o uso do <i>WhatsApp</i> proporciona aos participantes do grupo a prática de multiletramentos e, por isso, a proposta foi a de abrir um espaço para a livre expressão dos alunos, desenvolvendo sua criticidade a partir das multimodalidades e multisemioses disponíveis no aplicativo. Houve no grupo uma maior participação de alunos que em sala são mais reservados. No ambiente virtual, eles expressaram opiniões consistentes e colaboraram com as discussões e pesquisas. O que levou à melhoria nas relações interpessoais da turma. Entre outras vantagens, eles tiravam dúvidas, faziam as pesquisas solicitadas e diferiam a linguagem correta na internet ou em qualquer situação comunicacional.</p> |
| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
| <p>13. Possibilidades e limites do ensino em matemática por meio do</p> | <p>Os professores montaram grupos no <i>WhatsApp</i> com alunos do 8º ano do Ensino Fundamental e com</p> | <p>O aplicativo foi utilizado porque os professores acreditam que as aulas devem provocar a reflexão sobre as ações</p> | <p>Os pesquisadores viram-se positivamente surpreendidos com os resultados, pois os</p> |

| <p><i>WhatsApp / Lilian Regina Araujo dos Santos; Ângelo Pedrote Caon; Cristiane Marcelino Sant'Anna / 2015.</i></p> | <p>alunos do 1º ano do Ensino Médio de uma escola da rede estadual do Rio de Janeiro (RJ). A escolha desses grupos foi influenciada por características como receptividade, interesse e gentileza. Nos grupos, havia conversas sobre questões diversas de matemática, desde dúvidas nos trabalhos e informações sobre datas e avaliações a curiosidades que não estavam diretamente vinculadas com a matéria estudada no momento, mas que faziam parte da percepção do uso aplicado da matemática no cotidiano. Os próprios alunos divulgaram entre si as novas possibilidades de aprender e tirar suas dúvidas pelo <i>WhatsApp</i>, e o processo viralizou na escola. Por isso, outros estudantes foram se integrando e interagindo, construindo uma rede de cooperação mútua, que funcionou não apenas para a mobilização com fins acadêmicos, mas fomentou também a construção de vínculos solidários.</p> | <p>dos próprios alunos, suas consequências para a construção do conhecimento e para a ação educativa. Eles relataram que enxergam a utilização pedagógica do <i>WhatsApp</i> como uma oportunidade de fomentar maior aproximação dos alunos e de conquistar o interesse deles pelo conteúdo trabalhado.</p> | <p>alunos demonstraram clara compreensão dos objetivos da atividade e não conversavam sobre nada além da matemática nos grupos. Relataram que, com essa atividade, eles abriram mão do lugar de professor intocável – que, ao término da aula, suspende o contato com o aluno, retomado apenas na próxima aula – e passaram a ser mais presentes na vida dos alunos. Eles também destacaram o desenvolvimento da argumentação teórica por parte dos alunos, habilidade que extrapola os limites do campo disciplinar. Isto foi entendido como um avanço na compreensão da matemática como um fenômeno dinâmico e social. Para eles, praticar a argumentação é importante para desenvolver e visualizar a importância dos algoritmos.</p> |
|--|--|---|--|
| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
| <p>14. <i>Práticas linguagem no WhatsApp: perspectivas de sua utilização em</i></p> | <p>As turmas A e B do 2º ano do Ensino Médio de uma escola pública de São Paulo – ao todo, 60 alunos – participaram, no</p> | <p>O estudo buscou respostas para a pergunta: “Como as práticas comunicativas que se realizam no interior dos grupos de <i>WhatsApp</i> podem</p> | <p>Para que seja eficaz, a utilização do <i>WhatsApp</i> como recurso didático requer planejamento e organização face à</p> |

| | | | |
|--|--|--|--|
| <p><i>sala de aula / Jeanny Meiry Sombra Silva / 2016.</i></p> | <p>segundo semestre de 2015, de grupos no <i>WhatsApp</i> criados pela professora de português. As intenções dela foram: aprofundar conhecimentos discutidos em classe; partilhar experiências relacionadas à aprendizagem dos conteúdos de língua portuguesa; discutir propostas de atividades; e solucionar dúvidas. Para cada atividade proposta, ela buscava favorecer a reflexão acerca dos temas estudados. Os alunos foram incentivados a comentar, postar vídeos, mensagens ou conteúdos que eles julgassem interessantes e coerentes com as discussões nas aulas.</p> | <p>promover o desenvolvimento das capacidades de linguagem?” De acordo com a professora, a viabilidade econômica e a facilidade de comunicação do <i>WhatsApp</i> têm permitido que um número cada vez maior de estudantes o utilizem como veículo de interação com outros colegas da sala. Nesta experiência, ela buscou ressignificar a utilização do aplicativo para além de um instrumento de comunicação, tornando-o um aliado do processo de aprendizagem.</p> | <p>rápida e dinâmica troca de mensagens. Caso isso não ocorra, a condução das interações entre os participantes pode se tornar problemática, interferindo negativamente nas atividades pedagógicas. A pesquisadora acredita que, com a mediação do professor, o aplicativo ajuda a organizar a rotina escolar e a suplantiar barreiras comunicacionais. Ela relata que as noções de responsabilidade e companheirismo se fizeram presentes com os colegas se oferecendo para ajudar um ao outro na realização de tarefas. Um questionário respondido pelos participantes, ao final do bimestre, mostrou que 93% deles classificaram as discussões no grupo <i>WhatsApp</i> como pertinentes e proveitosas. As atividades mais mencionadas pelos estudantes em suas respostas foram as postagens que continham <i>links</i> do <i>youtube</i>, vídeos, músicas, tirinhas etc. Para a professora, recursos lúdicos envolvem e atraem o aluno, possibilitando que aprendam de maneira mais prazerosa.</p> |
|--|--|--|--|

| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
|--|---|--|--|
| <p>15. <i>Rede social como recurso didático-pedagógico: possibilidade de uso na aprendizagem de língua portuguesa /</i> Tatiane Fernandes de Souza Oliveira e Adriane Belluci Belório de Castro / 2016.</p> | <p>O artigo descreve os resultados obtidos por um professor da disciplina de língua portuguesa que utilizou <i>WhatsApp</i> como ferramenta de auxílio à aprendizagem com 33 alunos da 3ª série do Ensino Médio da rede pública em Município de Botucatu (SP). Nos grupos, os alunos podiam postar conteúdos referentes às aulas, perguntas e dúvidas, enquanto o professor postava artigos, <i>links</i> sobre temas afins e dicas para o Enem. A agilidade no processo de interação entre os membros do grupo, com respostas imediatas para dúvidas, foi destaque na atividade.</p> | <p>O aplicativo é tido como um dos meios mais utilizados pelos jovens para a comunicação, o acesso à informação e troca de mensagens. A ideia de utilização do <i>WhatsApp</i> surgiu nas aulas de redação. O professor relatou que era oneroso duplicar o material didático, que continha coletâneas, propostas de redação e instruções, para todos os alunos. Então, os grupos virtuais foram criados para facilitar o acesso a esses materiais.</p> | <p>Antes de tais atividades, a convivência com alunos e seus celulares em sala de aula era, em geral, conflituosa, pois, mesmo não sendo permitido, eles utilizavam seus aparelhos durante as aulas. Propondo-os como recursos didáticos, o professor relatou que os conflitos diminuíram, pois foram feitos acordos. Então, o <i>WhatsApp</i> tornou o ambiente mais colaborativo e contribuiu para melhorar o relacionamento com os alunos, que se mostraram mais interessados e mais atentos.</p> |
| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
| <p>16. <i>Um estudo sobre as possibilidades pedagógicas de utilização do WhatsApp /</i> Naira Kaieski; Jacques Andre Grings; Shirlei Alexandra Fetter / 2015.</p> | <p>Na cidade de Taquara (RS), alunos de uma escola de idiomas, com idade entre 15 e 23 anos, cursando o nível intermediário de inglês; e estudantes de uma escola técnica, com 18 a 38 anos, cursando a disciplina de Programação I do Curso Técnico em Informática, participaram da pesquisa. Os grupos de <i>WhatsApp</i> foram usados para os alunos interagirem entre si e postarem dúvidas relacionadas ao idioma inglês.</p> | <p>Os autores do artigo defendem que a adoção de plataformas e ferramentas digitais pode contribuir significativamente para que cada aluno desenvolva habilidades e competências compatíveis com as novas demandas sociais, construindo um percurso próprio de aprendizagem a partir das suas necessidades. Segundo eles, um dos benefícios de empregar a tecnologia na educação é expandir para além do espaço físico do educandário as possibilidades de aprendizagem.</p> | <p>Os resultados foram exitosos, enfatizando o potencial do aplicativo. Dentre os benefícios apontados pela pesquisa, há o rompimento das barreiras sociais e de gênero na comunicação entre os discentes, o baixo custo, a acessibilidade, a interatividade e a aprendizagem colaborativa e significativa para além do espaço escolar. Aspectos negativos estão relacionados</p> |

| | | | <p>principalmente à adequação das práticas pedagógicas aos novos meios de comunicação. Os autores concluíram que o uso do <i>WhatsApp</i> promoveu um maior engajamento, participação e colaboração dos discentes no processo de ensino e aprendizagem. O questionário aplicado ao final da experiência mostrou que 87.5% acharam produtivo o uso do <i>WhatsApp</i> nas atividades pedagógicas e 25% não se sentiam totalmente à vontade para expor suas dúvidas nas mensagens para o grupo. Todos os docentes avaliaram a experiência como positiva, mas se mostraram preocupados com a possibilidade de um grande número de mensagens para gerenciar.</p> |
|--|---|--|--|
| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
| <p>17. <i>WhatsApp e a educação: uma ferramenta que pode contribuir para o ensino de biologia</i> / Lucilene Campos da H. Silva; Josiane Cescon F. da Silva; Marcia</p> | <p>Com alunos das três séries do Ensino Médio, duas turmas em cada série, foram criados seis grupos no <i>WhatsApp</i> de uma escola estadual do Rio de Janeiro (RJ). As atividades começaram com o envio de questões de biologia relacionadas ao vestibular. Um aluno de cada classe ficou</p> | <p>A proposta de utilizar o <i>WhatsApp</i> partiu dos próprios alunos, mas os professores já buscavam solução para um problema recorrente em outras escolas: os atrativos dos <i>smartphones</i> despertam grande interesse e encantamento, e isso reflete na sala de aula, desafiando a concentração dos estudantes nas suas tarefas escolares. Apesar</p> | <p>Os professores ficaram surpresos com a grande adesão e melhora significativa na participação dos discentes. Tal resultado mostra o interesse dos jovens pelo uso de mídias, facilitando não somente o acesso às questões voltadas ao vestibular, mas</p> |

| Martins Ribeiro / 2015. | responsável por administrar o grupo e inserir novos integrantes que manifestassem interesse em participar da atividade. Houve a participação de outros professores, como os docentes de matemática e de língua portuguesa, permitindo mais interação e interdisciplinaridade. | da proibição do uso de celulares em sala de aula nas escolas do Rio de Janeiro, este problema era recorrente. A solução buscada foi, então, transformar um aplicativo de celular em mais um ambiente educativo. | também estimulando a participação e o envolvimento dos alunos nas aulas de biologia. A experiência evidenciou que o uso de tecnologias móveis responde a desafios comuns nos ambientes escolares por sua ampla aceitação e utilização, proporcionando novas oportunidades de ensino. Os professores relatam, ainda, que o <i>WhatsApp</i> mostrou-se um importante elo entre professores e alunos, assim como entre os próprios estudantes, que utilizaram o material para sanar dúvidas. |
|---|--|--|---|
| TÍTULO / AUTOR / ANO | COMO O WHATSAPP FOI UTILIZADO | POR QUE ESCOLHEU O WHATSAPP | CONCLUSÕES |
| 18. <i>WhatsApp – uma nova ferramenta para o ensino</i> / Wagner de Almeida Moreira Honorato e Regina Sallette Fernandes Reis / 2014. | O professor de física de Guaratinguetá (SP) utilizou o <i>WhatsApp</i> como ferramenta auxiliar no ensino de sua disciplina. Junto com os alunos, ele criou um grupo para trocar informações, tirar dúvidas, etc. Os alunos resolviam exercícios no caderno e depois tiravam fotos do exercício resolvido e enviavam para o grupo. | Os autores acreditam que a atividade educativa assume proporções significativas com a generalizada presença das tecnologias digitais de informação e comunicação em toda a sociedade, pois as redes sociais levam as pessoas a se conectarem com assuntos diversos, com pessoas diferentes, trocando conhecimentos: uma rede interligada, em todos os sentidos. Eles detectaram vários projetos utilizando as redes sociais com o objetivo de contribuir com a educação, então resolveram utilizar o <i>WhatsApp</i> como uma ferramenta para compartilhar, refletir e | O trabalho mostrou que os jovens são adeptos do aplicativo. Com o passar do tempo, as intervenções do professor foram dando lugar a uma interação cada vez maior entre os próprios alunos. A ajuda mútua para resolver exercícios no ambiente virtual foi bem maior do que a interação observada em sala de aula. Depois de tal experiência, os alunos tornaram-se mais comunicativos em sala de aula, e o ambiente ficou mais descontraído. Os autores concluíram |

| | | | |
|--|--|-----------------------------|--|
| | | buscar novos conhecimentos. | que é comunicando, trocando mensagens, refletindo em grupo, mesmo virtual, que a educação pode ser transformada. Eles defendem que os jovens precisam do professor mediando, mostrando caminhos. |
|--|--|-----------------------------|--|

Fonte: da autora. 2016.

4.2 APONTAMENTOS

A partir da análise dos artigos estudados nesta etapa da pesquisa, pode-se inferir que as conclusões dos professores que publicaram suas experiências com o uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica são convergentes. A maioria deles relata apenas os benefícios resultantes de suas experiências, indicando que os problemas, quando ocorreram, não foram importantes o suficiente diante das vantagens obtidas ou, então, que foi possível saná-los. Isso também ratifica o que se verifica nas respostas do questionário *on-line* e das entrevistas semiestruturadas, descritos no Capítulo 5.

De forma generalizada, os resultados desta Revisão Sistemática da Literatura demonstram a contribuição do aplicativo para aumentar o engajamento e a participação dos alunos nas aulas presenciais de diferentes áreas do conhecimento. Foi o caso de um professor de física que relatou ter ficado mais descontraído o ambiente da sala de aula, depois que a turma passou a conversar mais pelo *WhatsApp*. (HONORATO; REIS, 2014) Professoras de biologia também relataram que diferentes turmas de alunos e professores de outras disciplinas passaram a interagir de forma surpreendentemente positiva. (SILVA; SILVA; RIBEIRO, 2015) Tais dados ratificam a importância de considerar diferentes aspectos pedagógicos em um âmbito amplo de comunidade escolar.

É importante ressaltar que já existe uma publicação em que foi feita uma Revisão Sistemática da Literatura também sobre o *WhatsApp* no contexto educativo. De autoria de Bottentuit Junior, Albuquerque e Coutinho (2016), o artigo intitulado “*WhatsApp* e suas aplicações na educação: Uma revisão sistemática da literatura” mapeou 22 trabalhos disponíveis *on-line* que apresentaram estudos empíricos ou teóricos sobre a aplicabilidade da ferramenta nos processos de ensino e aprendizagem.

Entre outras conclusões, os autores constataram que muitos professores utilizam o WhatsApp “apenas” para conversar, mesmo diante de possibilidades de enviar vídeos, áudios, documentos etc. Eles reiteram que:

Quanto às vantagens e dificuldades no uso do aplicativo em contexto de sala de aula, observa-se que o WhatsApp possui diversas vantagens, como: maior interatividade, aumento da motivação, e, principalmente, a possibilidade de contato aluno-aluno e aluno-professor para além dos muros da instituição de ensino, facilitando o intercâmbio de saberes. Mas, assim como para todo uso de tecnologia em educação, são necessários planejamento e cautela, evitando-se distração, dificuldades no acompanhamento do fluxo de mensagens e, conseqüentemente, não se atingir os propósitos educativos. (BOTTENTUIT JUNIOR; ALBUQUERQUE; COUTINHO, 2016, p. 81).

Também convergente com os apontamentos obtidos nesta RSL, o estudo referido abrange mais modalidades de ensino e tem diferentes critérios de inclusão e exclusão. Isto, conseqüentemente, reitera a precisão da metodologia escolhida.

Ao longo de toda a pesquisa e, especialmente, desta RSL, pôde-se obter importantes observações relacionadas ao uso de tecnologias na educação, mesmo que não sejam diretamente ligadas ao *WhatsApp*. Costa e Lopes (2015) relataram que acompanham o aumento da demanda por conhecimento de língua inglesa no Brasil e que percebem a associação do ensino desse idioma a aparatos tecnológicos, especialmente ligados à informação e comunicação.

Os autores acreditam que todas as tecnologias adotadas no ambiente escolar são bem-vindas, desde que implementadas a partir de reflexões sobre sua utilização pelos sujeitos sociais participantes do processo educacional. Para eles, é preciso haver comprometimento de todos os envolvidos para conseguir extrair de dispositivos digitais algo relevante para a formação humana.

Costa e Lopes descreveram que a experiência deles com o *WhatsApp* ocorreu de forma não intencional: “Não tínhamos o objetivo de incluir o aplicativo à nossa prática. Todavia, como o uso do WhatsApp é uma realidade na vida dos nossos educandos, tornou-se urgente a inserção dessa ferramenta ao contexto educacional. Ao compartilharmos da convivência nos grupos, começamos a refletir sobre os mesmos.” (COSTA; LOPES, 2015, p. 49) Eles destacaram que os processos discutidos no artigo analisado podem apresentar resultados diferentes se reproduzidos em outros contextos e que eles não têm a pretensão de sugerir modelos fixos e rígidos.

Os autores alertam, ainda, que os dispositivos digitais não devem ser entendidos como a solução para possíveis problemas educacionais. Eles preferem enxergá-los como

ferramentas que têm como função servir ao homem, pois a necessidade humana precisa ser o centro do processo educacional, mesmo que não seja mediada por aparelhagens.

No segundo artigo analisado nesta RSL, Pinheiro (2015) defende que as práticas pedagógicas consolidadas no processo de ensino-aprendizagem de língua estrangeira, quando são combinadas com novos instrumentos tecnológicos, possibilitam a abertura de novas frentes de comunicação entre professores e alunos. E destaca que acredita haver, ainda, um grande espaço a ser ocupado pelas tecnologias no âmbito da escolarização formal, como complemento a materiais impressos.

Segundo o autor, o conhecimento hoje construído no espaço da *web*, de forma compartilhada, participativa, colaborativa e “pluriautor”, possibilita a construção de um novo letramento, que é bastante diferente daquele inerente à época do livro impresso mais pautado pela individualização e pela propriedade.

Já no artigo “Celular no ensino/aprendizagem de inglês – uma análise do uso do WhatsApp sob a perspectiva da professora”, Zardini (2015) enfatiza que, com a evolução dos *smartphones*, nossas vidas são constantemente influenciadas por inovações que acabaram se tornando parte do cotidiano. Segundo ela, essa influência proporciona agilidade nas atividades, rompimentos de fronteiras e acesso à informação de maneira rápida e segura. “A utilização de dispositivos móveis conectados à internet não apenas favorece a comunicação entre as pessoas, como incentiva uma série de aplicativos que proporcionam novos conhecimentos e interatividade numa rapidez jamais vista.” (ZARDINI, 2015, p. 2)

Ao relatar o trabalho realizado utilizando o *WhatsApp* como ferramenta didática em aulas de língua inglesa, a autora pontuou algumas das vantagens da ferramenta, na visão dos discentes: a) O ambiente informal/descontraído das discussões geradas pelo grupo; b) O aumento da comunicação entre os alunos; c) A troca de informação e conhecimento; d) A interação entre alunos; e) O contato com a língua; f) A melhoria do processo cognitivo na formulação de frases e ideias, propiciando uma melhoria na conversação; g) A troca de material; e h) A rapidez na solução de dúvidas.

Ela afirma que, através dessa experiência, foi possível observar as principais dificuldades enfrentadas pelos alunos, os desafios e as possibilidades de desdobramentos das atividades e sugestões para aprimorar a prática em sala de aula.

Zardini ressalta também que o uso de novas tecnologias em sala de aula requer um planejamento e que, apesar de o aplicativo de não ter sido criado com um propósito pedagógico, ele apresenta boas oportunidades de uso, principalmente como extensão da

sala de aula. “Ao se oferecer aprendizagem contínua, através de troca de mensagens instantâneas e de fácil leitura, o aplicativo pode ser considerado um aliado à educação. Suas potencialidades, assim como suas restrições, fazem parte do processo de adaptação e utilização de dispositivos móveis na educação.” (ZARDINI, 2015, p. 6)

Panuci *et al* (2016) propõem uma reflexão sobre como a escola enxerga os recursos tecnológicos como o telefone celular, que, de maneira tão intensa, fazem parte de nossa cultura atual. Para eles, o celular nem sempre é compreendido como recurso pedagógico relacionado à aprendizagem, e esse é um dos motivos pelo qual seu uso como ferramenta pedagógica gera polêmicas e contradições.

No artigo “Interações, Celulares Smartphones e Processos de Ensino e Aprendizagem”, os autores afirmam que a inclusão do *smartphone* no espaço escolar tem gerado discussões, restrições e proibições estabelecidas em leis federais, estaduais e municipais. No entanto, ressaltam que muitas legislações ainda apresentam-se pouco claras. E citam, como exemplo, a lei do governo do Paraná, que proíbe o uso de equipamentos eletrônicos em sala de aula, mas, ao mesmo tempo, dá autonomia para a utilização do celular como recurso pedagógico.

Para os autores, mesmo diante de algumas dificuldades impostas, o uso de recursos tecnológicos – e citam, então, especificamente, o *WhatsApp* – para atividades escolares pode proporcionar experiências que permitem a construção do conhecimento de modo significativo e autônomo, tanto por parte do professor quanto por parte dos alunos. Mas alertam que:

O processo relacionado à aprendizagem só acontece em consonância ao envolvimento do educando com o conhecimento, quando é estimulado nele a curiosidade epistemológica e esta curiosidade na realidade das novas gerações está voltada para o uso de novos instrumentos e interações como as que ocorrem na virtualidade. (PANUCI *et al*, 2016, p.108)

Em tal artigo, foram relatadas dificuldades entre alguns dos alunos face a ampliação do uso do *smartphone* para o espaço escolar, já que, até então, o aparelho era usado somente para interação, e especialmente com os amigos. Os autores concluem, então, que as novas tecnologias, como é o caso do aplicativo, podem ser um recurso pedagógico promotor da aprendizagem, mas isso demanda, tanto do professor quanto dos alunos, a construção de sentidos positivos que incluam tal instrumento em sala de aula.

No quinto artigo analisado, Sampaio e Silva (2016) chamam a atenção para o contexto do Ensino de Jovens e Adultos (EJA), já que se trata de uma modalidade de ensino que busca otimizar o tempo e os conteúdos para permitir uma formação mais

rápida a alunos que, por qualquer motivo, não concluíram os estudos no ensino regular. Além de serem elevados os índices de evasão em tal modalidade.

Eles comentam que o profissional da educação é, na sua essência, um pesquisador por excelência. Para os autores, ao refletir sobre a dinâmica da sala de aula, um bom profissional tende a buscar novas linguagens, que decodifiquem e resinifiquem os conhecimentos construídos em sala de aula de maneira mais atraente. Eles afirmam que o professor deve captar e instigar o aluno a buscar o conhecimento por si mesmo. Mas alertam que: “Os métodos e instrumentos utilizados de forma engessada, sem possibilidades de mudanças e adaptações, não são os mais adequados para se atingir o objetivo daquela construção que, no mínimo, deveria ser colaborativa.” (SAMPAIO; SILVA, 2016, p.556)

No artigo “Multiletramentos na escola: interface fílmico com a literatura e o WhatsApp”, Justo *et al* (2015) discutem formas de conceber o uso da leitura e da escrita em diferentes contextos. “Entre esses contextos, destacam-se, cada vez mais, os usos linguísticos sob formas multimodais (multiletramentos), muito comuns na tecnologia presente nas práticas discursivas do mundo moderno.” (JUSTO *et al*, 2015, p. 2)

As autoras defendem que a leitura é a base do amadurecimento do jovem para torná-lo um cidadão crítico e consciente. E complementam que trabalhar a leitura com este público faz mais sentido quando se leva em consideração as práticas de letramento que a sociedade vive. Segundo elas, é importante que o aluno aprenda a agir em diferentes situações sociocomunicativas, interagindo com seu meio. E ressaltam ainda que as mudanças tecnológicas são muitas vezes responsáveis também por mudanças sociais. Por isso enfatizam:

O professor precisa entender que os alunos fazem parte de uma geração que inverteu seus hábitos: os jantares em família foram substituídos pelos lanches solitários; as ligações feitas para a casa dos amigos, pelos SMS, mensagens trocadas pelo Facebook ou WhatsApp; os encontros com os amigos em bares ou locais públicos, pelos seguidores no Instagram ou Twitter. Portanto, será possível ensinar língua e literatura sem nos apropriarmos de tais inovações? (JUSTO *et al*, 2015, p. 9)

Também em trabalho com jovens, Araújo e Bottentuit Junior (2015) chamam a atenção para o problema do acesso às ferramentas tecnológicas, já que, em grupos escolares, nem sempre todos os estudantes as possuem. No entanto, a experiência relatada no artigo “O aplicativo de comunicação WhatsApp como estratégia no ensino de Filosofia” mostra que existem alternativas para o professor que queira utilizar o aplicativo, mesmo nas turmas em que nem todos os alunos podem acessar a ferramenta.

Neste caso, as atividades realizadas por meio do aplicativo foram enviadas por *e-mail* para os estudantes que não tinham conta no *WhatsApp* e a avaliação foi feita medindo as atitudes de toda a turma, e não só dos alunos que participavam do grupo criado no aplicativo.

No artigo “O ensino de história na palma da mão: o *WhatsApp* como ferramenta pedagógica para além da sala de aula”, Lopes e Vaz (2016) chamam a atenção para o fato de que algumas pessoas consideram as redes sociais como vilãs, enquanto outras enxergam inúmeras possibilidades de trabalhá-las como suportes para o ensino por serem ambientes favoráveis à construção de conhecimento, embasados na ubiquidade, na colaboração e na mobilidade.

Os autores enxergam o *WhatsApp* como uma ferramenta pedagógica em potencial, desde que seja utilizado de forma intencional, tutorada e administrada por professores, já que podem tornar tal ambiente virtual em extensão da sala de aula. Na conclusão, eles dizem que o *WhatsApp* ajudou a tornar os conteúdos “menos chatos” e os alunos relataram sentir o professor mais presente e atuante dentro e fora da sala de aula.

Na mesma linha, Silva (2015) elucida a importância de refletir sobre o fato de que um grande desafio da educação, atualmente, é o de interagir com as linguagens de modo criativo e trazer para a sala de aula os recursos tecnológicos que a maioria dos alunos domina. Para a autora, o uso das novas mídias enfrenta desafios como o de precisar desmistificar questões que estão muito arraigadas à cultura da maioria das escolas, a exemplo da velha máxima de que o conhecimento não sistematizado não deve ser considerado no processo de ensino-aprendizagem. Ela inclusive reconhece que as informações trocadas entre os alunos são, algumas vezes, mais atualizadas do que as que o próprio professor dispõe: “Com eles (alunos) pode-se aprender novas metodologias de ensino, as práticas de uso de celulares, mensagens, redes sociais e isso pode ser adequado à prática docente.” (SILVA, 2015, p. 7)

Outro ponto importante colocado pela autora, que leciona sociologia em uma escola de Curitiba, é que o processo de educação em ambientes virtuais deve se guiar pela mediação do professor para que o aluno adquira autonomia e seja capaz de aprender a aprender. Se a intervenção docente não for nesta linha, a metodologia pode não ajudar a desenvolver a capacidade de pensar, de construir conhecimento além da memorização de informações. Silva defende que o professor e seus alunos devem construir, juntos, o que será aprendido, do saber coloquial ao saber sistematizado pelas ciências em sala de aula:

Mediar a produção do conhecimento requer metodologias apropriadas e dinâmicas, que atendam ao maior número possível de educandos. É preciso tratar as tecnologias como recursos que facilitam o ensinar e o aprender, mas não como um fim em si só. Não há conhecimento se não houver interação. (SILVA, 2015, p. 7-8)

No artigo intitulado “O uso do aplicativo WhatsApp como recurso para interação e aprendizagem escolar no Ensino Médio”, a autora relata que o trabalho desenvolvido com o aplicativo estabeleceu um relacionamento social através de um ambiente virtual e que seus alunos tornaram-se expectadores de si mesmos em uma reprodução (em menor escala, claro) da vida em sociedade. Segundo Silva, eles perceberam suas ações individuais e entenderam que essas ações em sociedade são interdependentes. Além disso, eles identificaram e compreenderam a existência de uma diversidade cultural, étnica, religiosa, de gênero, de opinião política, de formação de classe social e compreenderam a existência da cultura de massa. “Perceberam que é necessário criticar as estruturas sociais, as relações de poder que se estabelecem e como elas surgem entre os indivíduos, tornando-se capazes de observar e detectar os mecanismos ideológicos e como eles se mostram nessas relações.” (SILVA, 2015, p. 5) A autora conclui que tais aspectos sociológicos podem ser detectados hoje nas relações que se estabelecem por meio das redes sociais.

Já no Colégio Estadual José Leite Lopes, no Rio de Janeiro (RJ), a professora Renata da Silva de Barcellos coloca que é preciso criar novos paradigmas educacionais, pois vivemos em uma era de transformações (BARCELLOS, 2015). E encoraja os educadores a testarem novas ferramentas, sem medo de fracassar, para levar seus alunos a pensar mais, refletir mais.

Segundo a autora, não existem respostas acabadas e absolutamente certas, mas, para chegar a ações inovadoras de verdade, os professores precisam ir além dos recursos tecnológicos: “O planejamento e conhecimento das teorias e metodologias são indiscutíveis para promover a qualificação na educação.” (Barcellos, 2015, p. 6) No entanto, ela alerta que não basta adotar diferentes tecnologias se o educador continuar desenvolvendo as práticas de sempre. Barcellos enfatiza que é necessário inovar para que os educandos exerçam o papel de protagonistas do processo de aprendizagem.

No artigo “PIBID online: uso do WhatsApp como ferramenta didática”, Pereira e Araújo (2015) trazem a problemática do preconceito que muitos educadores têm em relação ao uso de redes sociais como ferramenta didática. Relatam que é comum ouvir dizer que os alunos só vivem grudados no celular, não gostam mais de ler; que eles

preferem estar nos bate-papos a estudar e que as redes sociais só servem para abaixar as notas. Por isso, neste estudo, elas mostram que potenciais recursos disponíveis em um aparelho celular podem ser benéficos no processo de ensino a partir de uma experiência própria.

As autoras relatam que é comum os professores deixarem ferramentas tecnológicas de lado por receio de perder o controle ou pela falta de domínio das novas tecnologias. Mas enfatizam que o uso de aplicativos como o *WhatsApp* facilita a aproximação com o mundo dos jovens, além de incentivar o estudo também fora da escola. A versatilidade do aplicativo é destacada neste trecho: “A qualquer hora e em qualquer lugar o aluno pode receber orientações, tirar dúvidas, discutir sobre assuntos da matéria, mesmo não estando em sala de aula.” (PEREIRA; ARAÚJO, 2015, p. 8)

Tal mudança de postura, na opinião das autoras, estreita a relação entre professores e alunos. Elas descrevem que, na atividade realizada, as características textuais do aplicativo facilitaram as práticas pedagógicas, pois a interação por *hiperlinks* e hipertextos auxiliou o compartilhamento de ideias no grupo. E que houve ganhos na troca de conhecimentos. “Eles (alunos), sendo nativos da era tecnológica, possuem um grande domínio em relação às linguagens e aos conteúdos inseridos nas possibilidades do aplicativo. Nesse quesito, talvez a maioria dos alunos esteja muito mais multiletrada que os professores.” (PEREIRA; ARAÚJO, 2015, p. 5)

Silva (2016) relata, no artigo “Práticas linguagem no WhatsApp: perspectivas de sua utilização em sala de aula”, uma percepção no mesmo sentido. Segundo ela, os avanços tecnológicos geram implicações e repercussões nas instituições escolares. Há, de um lado, professores que são, em sua maioria, “analógicos”. E de outro, alunos que sabem manusear os artefatos digitais como poucos especialistas do ramo. A autora acredita que, por conta disso, as exigências de qualificação, novas competências e habilidades para os docentes estão cada vez maiores – o que coloca em evidência a necessidade de adequação do ensino à realidade que nossa sociedade vive hoje.

No seu relato, Silva coloca que a atividade no grupo do *WhatsApp* permitiu constatar que os alunos aprenderam a ocupar diferentes papéis sociais. Segundo ela, a interação estimulou os alunos a dividirem tarefas, a assumirem responsabilidades, a se comunicarem e a criarem consciência colaborativa. Pontos que ela considera importantes para estabelecer um relacionamento positivo com o saber.

A discussão em relação ao avanço das tecnologias sob a ótica educacional está presente no artigo “Rede social como recurso didático-pedagógico: possibilidade de uso

na aprendizagem de língua portuguesa”. Para as autoras, os alunos de agora não se identificam com método educacional tradicional porque eles nasceram na era digital e, por isso, demandam novos recursos para interagir e prestar atenção. “A educação se depara com as tecnologias a seu favor, mas ao mesmo tempo, é um desafio usá-las do modo que concilie os interesses dos jovens usuários com os objetivos pedagógicos das escolas em prol do ensino-aprendizagem.” (OLIVEIRA; CASTRO, 2016, p. 3)

As autoras comentam também que esses jovens fazem parte de uma geração de ação, do “já” e do “agora” e, talvez por esse motivo, eles não chegaram a desenvolver paciência para ler e escrever textos longos e densos, como foi costume de diferentes gerações de professores, que nasceram antes da popularização da internet no Brasil.

Silva, Silva e Ribeiro (2015), no artigo “WhatsApp e a educação: uma ferramenta que pode contribuir para o ensino de biologia”, acrescentam que um dos grandes desafios atuais para educadores é manter a atratividade dos conteúdos trabalhados em sala de aula. Por isso, as autoras indicam a importância de parcerias entre as instituições escolares e os professores para conseguir proporcionar o uso de tecnologias em sala de aula não apenas de modo ilustrativo ou recreativo. Este uso deve estimular o alunado a pesquisar, pensar e resolver problemas. “O trabalho do professor está se tornando muito mais amplo, orientando e acompanhando as pesquisas científicas e os conteúdos vinculados aos temas propostos, com um olhar crítico a respeito dos assuntos atuais da sociedade moderna.” (SILVA; SILVA; RIBEIRO, 2015, p. 2).

5. QUESTIONÁRIO E ENTREVISTAS: ANÁLISE DE DADOS E RESULTADOS

Este capítulo é dedicado à apresentação e análise dos dados coletados por meio do questionário *on-line*, respondido por 105 professores de diferentes regiões brasileiras e realidades diversas de estruturas e metodologias de ensino; além dos dados obtidos com as entrevistas semiestruturadas, realizadas com 10 professores que correspondem ao perfil da busca por detalhamento no presente estudo, conforme explicado no Capítulo 3.

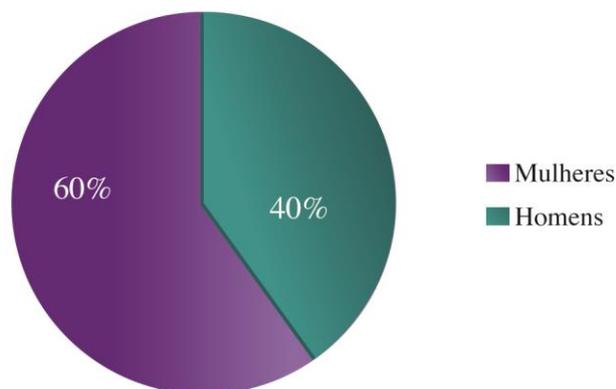
5.1 QUESTIONÁRIO *ON-LINE*

Disponível entre os dias 18 de setembro e 10 de outubro de 2016, este instrumento foi intitulado “Questionário sobre o uso do *WhatsApp* na escola” e teve 100 respostas válidas dentre 105 participantes (ver Anexo 2). Cinco respostas geraram erros, causados por falhas técnicas do Formulário *Google*, que não permitiram suas análises.

Informações obtidas com as respostas sobre o perfil foram importantes para analisar os interessados no tema da pesquisa. Gênero, idade, formação, as disciplinas em que trabalham e as modalidades de ensino, além dos tipos de rede (escolas públicas ou privadas) e a região em que moram demonstraram a representatividade dos professores respondentes. No entanto, vale salientar que, como era uma questão dissertativa, nem todos os participantes forneceram respostas completas. Sendo assim, somente foram consideradas nesta análise as que preencheram tal quesito.

O Gráfico 2 mostra a proporção de homens (40) e mulheres (60) participantes dentre as 100 respostas válidas.

Gráfico 2 - Proporção de gêneros dos participantes da pesquisa



Fonte: da autora. 2016.

O fato de a maioria (60%) dos respondentes ser de mulheres não é interpretado como um dado que possa mostrar diferenças de interesse entre os gêneros, já que outras respostas obtidas no questionário não sugerem disparidade significativa neste sentido. Ou seja, tanto os homens e quanto as mulheres se interessam pelo tema sobre o uso do *WhatsApp* na escola.

A Tabela 2 mostra as médias de idades entre os participantes. Para compreender se há grandes diferenças entre os modos como os professores mais jovens se portaram em comparação com as respostas dos mais velhos, destacaram-se trechos dos depoimentos dos respondentes mais jovens e mais velhos de ambos os sexos.

Tabela 2 - Faixa etária do total de participantes

| Idade | Número | % |
|-----------------|--------|------|
| 20 a 30 anos | 13 | 14,3 |
| 30 a 40 anos | 38 | 41,7 |
| 40 a 50 anos | 28 | 30,8 |
| Mais de 50 anos | 12 | 13,2 |

Fonte: da autora. 2016.

A participante mais jovem, com 20 anos, é pedagoga e dá aulas no Centro Educacional Cecília Meireles, na cidade de São Pedro do Paraná (PR). Em depoimento breve, ela destacou, como vantagem, a linguagem comumente utilizada no aplicativo e, como principal desafio, conseguir fazer o planejamento.

Já a professora com a idade mais elevada tem 65 anos, possui doutorado em educação e dá aulas de matemática na Escola Estadual Fernando Nobre, em São Paulo (SP). Por ser detalhado, vale destacar o depoimento desta participante, à qual me refiro neste estudo como Professora A:

“Utilizamos o WhatsApp para comunicação interativa sobre games digitais e aprendizagens de conteúdos matemáticos em escola pública estadual. (O aplicativo) favorece o compartilhamento, fortalece a comunicação, amplia o sentimento de pertencimento etc. (Os maiores desafios são) problemas de infraestrutura na escola e em casa (wi-fi); telefones do tipo android que dificultam acesso a alguns aplicativos; compreensão por parte dos professores da ‘escrita’ compartilhada fora dos padrões linguísticos tradicionais etc.” (Professora A)

O convite enviado para participar da segunda etapa da pesquisa, a entrevista, não foi aceito, segundo a Professora A, por falta de tempo devido à sua agenda intensa.

Entre os homens, o participante mais jovem tem 28 anos, é bacharel em letras e dá aulas de alemão e inglês para alunos de diferentes idades, incluindo jovens, em escolas de idiomas de Olinda e Recife (PE). Denominado aqui Professor B, destaca-se em seu depoimento:

“Resolvi reunir meus contatos com nativos dos idiomas com os quais trabalho e pedi para que eles me enviassem vídeos e áudios curtos (não mais que um minuto) para mostrar aos alunos. Em posse dos arquivos, compartilhei nos grupos destinados ao ensino e prática dos idiomas os áudios e vídeos para que os alunos tivessem uma produção atual, informal e real (sem aquelas situações mirabolantes que os livros comumente nos trazem). Além dos áudios e vídeos, compartilho imagens, escrevo, lanço desafios e interajo com os alunos para que estes se sintam atuantes no idioma. É uma forma de motivação.” (Professor B)

Este mesmo jovem professor incluiu em sua declaração que sem motivação, foco e interesse “não dá para trabalhar nada”. Nota-se que seu depoimento, de certa forma, confirma o que Couto (2014) escreve no artigo “Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais”. O pesquisador explica que as motivações para participar e colaborar são atualmente dadas pelo prazer em compartilhar e que as redes sociais digitais devem ser vistas como ambientes privilegiados das pedagogias da cultura compartilhada.

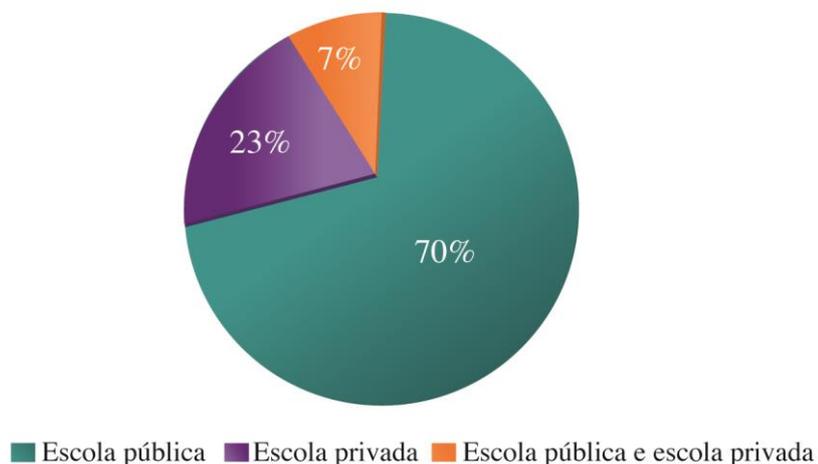
Ainda de acordo com Couto, os verbos participar, colaborar e compartilhar têm amplos significados no dia a dia da cibercultura avançada: “Eles traduzem as frequentes ações, os comportamentos de milhares de pessoas, que não só criam redes e afinidades, mas canais contínuos de solidariedade, pois acessar uma rede significa acessar uns aos outros.” (COUTO, 2014, p. 53)

Já o mais velho entre os participantes do sexo masculino tem 53 anos e é professor de educação física em uma escola do Serviço Social da Indústria (SESI) de Maceió (AL). Ele marcou que o *WhatsApp* é um aplicativo comum em seu ambiente de trabalho, mas que, no entanto, ele só o utiliza para conversar, e não para trabalhar.

Outro tópico que merece destaque no questionário é que a maioria dos participantes desta etapa da pesquisa trabalha em escolas públicas (48 pessoas, ou 70%). Em um total de 69 respostas válidas, 16 dão aulas em escolas privadas, o que corresponde a 23%. Os professores que trabalham em escolas públicas e privadas (5) correspondem a

7%, conforme ilustra o Gráfico 3. Deve-se também sublinhar que um grande conjunto de respostas continham somente o nome ou sigla da escola, o que não permitiu inferir se ela é pública ou privada.

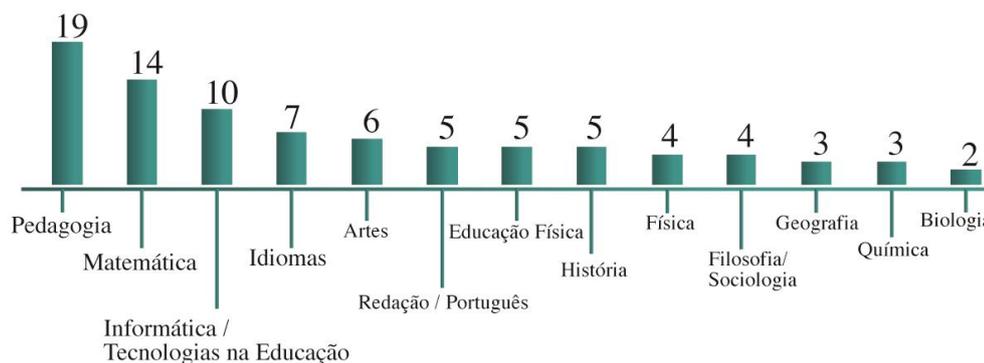
Gráfico 3 - Redes de ensino em que atuam os respondentes do questionário



Fonte: da autora. 2016.

Estes números desmistificam a percepção – bastante comum – de que as escolas públicas oferecem pouco estímulo para que os professores lancem mão de recursos tecnológicos, como os celulares com acesso à internet, para trabalhar com seus alunos. A sexta edição da pesquisa TIC Educação, do Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (Cetic.br), mostra que o aumento do acesso à internet pelo *smartphone* é considerado uma tendência desde a primeira versão da pesquisa, publicada seis anos atrás (CETIC.br, 2016). O relatório mais recente mostra que a adoção do dispositivo em atividades com os alunos foi mencionada por 39% dos professores pesquisados, sendo 36% deles de escolas públicas e 46% de escolas privadas.

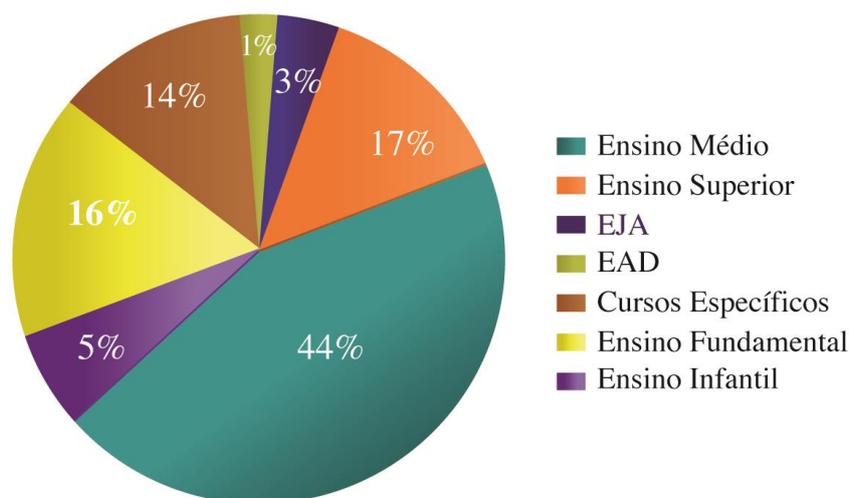
Também é considerada equivocada a percepção popular de que são os professores da área de ciências humanas os que mais utilizam o aplicativo *WhatsApp* com seus alunos. No questionário *on-line* houve depoimentos dizendo que somente profissionais desta área podem tirar bom proveito do uso do aplicativo como ferramenta que auxilie o ensino. O Gráfico 4 mostra, no entanto, a diversidade das áreas de formação ou atuação dos respondentes do questionário. Destaca-se que alguns participantes não especificaram com quais disciplinas trabalham. Os que explicitaram a área de formação foram contabilizados a seguir, com um total de 87 respostas válidas.

Gráfico 4 - Áreas de formação e/ou atuação dos respondentes do questionário

Fonte: da autora. 2016.

Nota: Professores com mais de uma formação foram contabilizados uma só vez. O critério de escolha de qual área considerar, nestes casos, levou em conta a percepção sobre a relevância da área de acordo com as demais respostas dadas pelo participante.

Nem todos os respondentes do questionário *on-line* são professores do Ensino Médio, apesar de ser a maioria atuante nesta modalidade de ensino (28 pessoas, entre as 77 respostas válidas). Nesta etapa de levantamento de dados, julgou-se importante considerar todas as respostas obtidas, inclusive de professores de Ensino Infantil (3), Ensino Fundamental (10), Ensino Superior (11), ou os que foram considerados de cursos “específicos” (9), cujo grupo inclui professores particulares, de cursos profissionalizantes, pré-vestibulares, e os que atuam em escolas de idiomas. Dois respondentes atuam em Educação de Jovens e Adultos (EJA) e um trabalha com Educação a Distância (EAD). Das respostas válidas, 13 participantes atuam em mais de uma modalidade. Tais perfis estão descritos no Gráfico 5. Os demais respondentes não explicaram em que modalidade atuam e, portanto, as respostas não foram válidas para esta parte da análise.

Gráfico 5 - Modalidades de ensino em que atuam os respondentes do questionário

Fonte: da autora. 2016

Como um dos objetivos desta pesquisa foi fazer um estudo generalizado sobre o uso de mensagens eletrônicas instantâneas como ferramenta pedagógica por professores, evitaram-se recortes por escola, cidade ou região do país. A intenção, com isto, foi conseguir um panorama mais amplo sobre tal aplicabilidade. Sua abrangência pode ser confirmada pelo fato de ter havido respondentes de todas as regiões do Brasil. Algumas cidades ou regiões não foram identificadas devido à incompletude de respostas, entretanto, obteve-se um total de 73 depoimentos válidos nesta questão. A maioria deles (26) é da região Sudeste; seguida da Centro-Oeste, com 21 respostas válidas; depois Nordeste, com 15; Sul com 10, e a região Norte, com uma resposta válida, como pode ser observado na Figura 4.

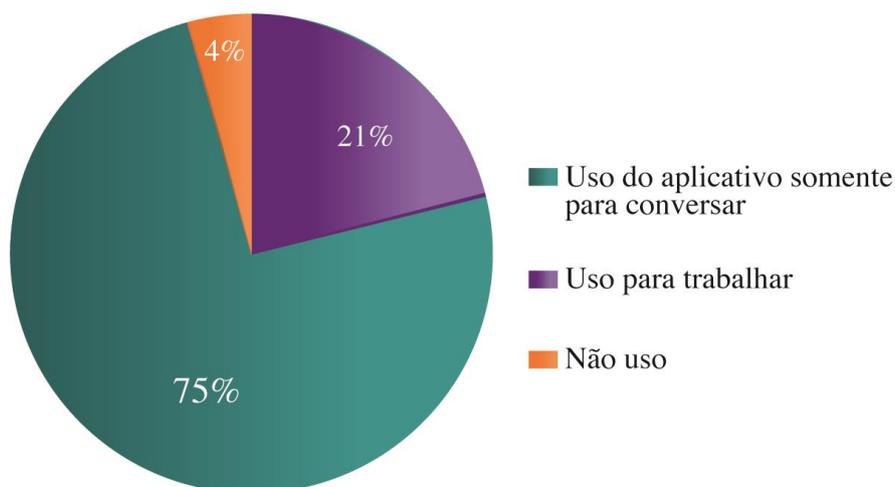
Figura 4- Número de participantes na área de cada região do Brasil



Depois do perfil dos participantes, passa-se a analisar as cinco primeiras perguntas do questionário *on-line*, que tiveram como objetivo compreender a inserção do aplicativo *WhatsApp* no dia a dia dos respondentes.

A questão número um – *O WhatsApp é um aplicativo comum no seu ambiente de trabalho?* – foi respondida por 100 pessoas, sendo 87 respostas positivas e 13 negativas. O resultado indica que, conforme mencionado por Silva, Silva e Ribeiro (2015), a popularização do *WhatsApp* acontece em ambientes informais, entre amigos e familiares dos usuários e, também, em situações profissionais, já que compartilhar informações sobre o aplicativo na escola pode ser interpretado aqui como um indício de potencial para usá-lo no campo profissional.

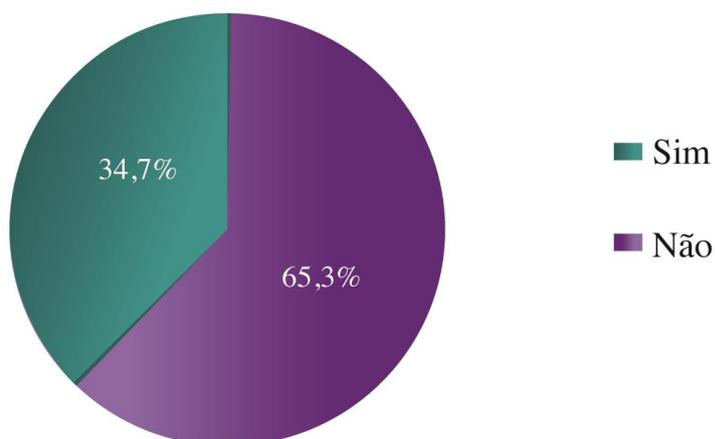
Na questão seguinte – *Você utiliza o WhatsApp para trabalhar?* – 75 pessoas afirmaram que sim; 21 não usam o aplicativo para este fim e marcaram a opção “Utilizo somente para conversar” e quatro respondentes marcaram a alternativa “Não o utilizo”. Tais números indicam a capilaridade desta tecnologia entre o público-alvo da pesquisa, como ilustrado no Gráfico 6.

Gráfico 6 - Proporção de professores que utilizam o *WhatsApp* no trabalho

Fonte: da autora. 2016.

Por causa da programação do questionário *on-line*, que levou a diferentes percursos de acordo com o que fosse marcado a partir da segunda pergunta, a terceira questão foi apresentada somente para as 75 pessoas que responderam “sim” na questão 2. As 25 pessoas que disseram não utilizar o *WhatsApp* para trabalhar foram levadas ao final do questionário, para responder os tópicos sobre o seu perfil.

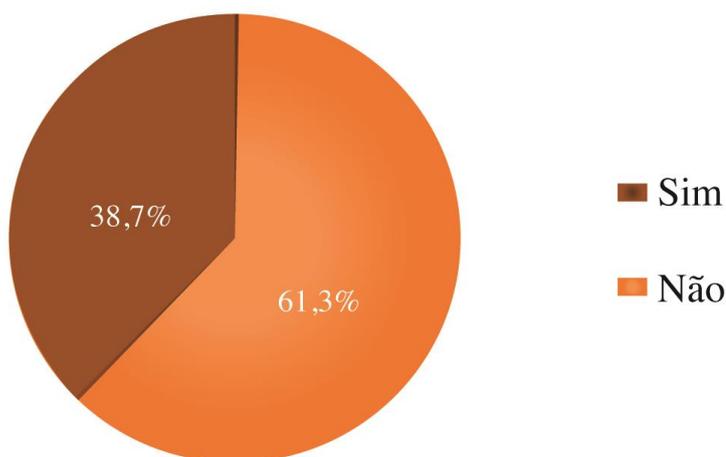
A terceira questão – *Houve algum tipo de orientação pedagógica por parte dos gestores da escola?* – está ilustrada no Gráfico 7, com a proporcionalidade dos que responderam sim (34,7%) e não (65,3%) dentre as 75 respostas válidas.

Gráfico 7 - Proporção de professores que recebem orientação pedagógica

Fonte: da autora. 2016.

O Gráfico 8, a seguir, mostra quantos professores, entre as 75 respostas válidas, fazem planejamento específico para trabalhar com o *WhatsApp*. Como foi observado nas questões dissertativas do questionário *on-line*, descritas nas próximas páginas, a orientação e o planejamento são apontados como grandes desafios relativos à utilização do aplicativo como recurso didático. Por isso, estes dois tópicos mereceram atenção especial nesta pesquisa, desde a coleta dos dados até as considerações finais.

Gráfico 8 - Proporção de professores que fazem planejamento específico para trabalhar com o *WhatsApp*



Fonte: da autora. 2016.

A quinta pergunta – *Você tem alguma experiência que considera bem-sucedida com o uso do WhatsApp?* – foi pensada como uma ligação entre as questões fechadas e as abertas. Os participantes que marcaram “sim” (81,3%) foram encaminhados para a página de questões dissertativas. Os que marcaram “não” (18,7%) seguiram para o último tópico, o perfil do participante.

As três últimas perguntas do questionário *on-line* tiveram como finalidade buscar experiências de professores que, com o auxílio do aplicativo, alcançam resultados que eles próprios consideram satisfatórios. Além de se chegar às histórias deles, mesmo que contadas de forma breve, este foi um meio eficiente de se conhecer perfis de profissionais que: a) tivessem tido pelo menos uma experiência bem sucedida com o uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica; b) fossem comunicativos; c) tivessem disponibilidade de tempo para escrever suas respostas e, em certa medida, maior potencial para colaborar participando da etapa posterior, a entrevista.

A primeira questão aberta – *Conte alguma experiência sua em que o uso do WhatsApp tenha colaborado para a aprendizagem dos seus alunos* – foi respondida por 60 dos 100 participantes válidos. Nem todos os relatos correspondem a experiências, de fato, pois algumas respostas tinham outro viés, mas há os que merecem ser retratados na íntegra, como os trechos a seguir:

“Realizei o projeto fotográfico ‘Um olhar sobre o feio’ com estudantes do CED Darcy Ribeiro, o projeto interdisciplinar foi desenvolvido por mim, professora de arte, duas professoras de português e uma professora de espanhol. A poética do trabalho se desenvolveu a partir do olhar dos estudantes em relação à arquitetura de sua comunidade, tentando capturar aquilo que normalmente consideramos feio, e por meio do registro fotográfico transformar em imagens belas. Todas as fotografias foram realizadas em dispositivos móveis, alteradas digitalmente nos mesmos dispositivos móveis, o diálogo sobre a seleção, revelação das fotografias e escolha do título e sua tradução para o espanhol aconteceu em grupos de WhatsApp. O resultado estético e poético do trabalho foi incrível e potencializou a criação dos estudantes que tanto se encantam pelo uso de tecnologias em sala de aula.” (Professora C)

“Uso para envio de apostilas e exercícios. Como é o grupo da sala de aula, no momento de resolver as atividades, as dúvidas são postadas e há uma interação entre os alunos mutuamente, inclusive comigo ajudando nas resoluções ou, posteriormente, auxílio nas dúvidas que não foram resolvidas no momento.” (Professor D)

“O aplicativo permite socializar informações coletadas pelo grupo e levantar questionamentos acerca dessas mesmas informações. Assim todos são incluídos nas pesquisas de todos. (Na minha experiência) A ideia foi que cada grupo recebesse um tema sobre um conteúdo e após realizar a pesquisa socializasse as informações coletadas. Cada grupo também ficou responsável por elaborar uma pergunta sobre cada tema dos outros grupos. Assim todos puderam participar e dar feedback aos demais, informando se seu questionamento foi respondido de forma satisfatória.” (Professor E)

“Utilizo o aplicativo para registrar as leituras em espanhol, bem como para registrar diálogos entre os alunos ao praticar o idioma e, ainda, para os alunos gravarem vídeos com respostas de atividades solicitadas.” (Professor F)

“Uso para tirar dúvidas dos alunos, socializar textos, imagens etc. Receber ou enviar atividades. Além da orientação de pequenos grupos de trabalho.” (Professor G)

“Em uma aula de educação física, meus alunos fizeram vídeos sobre uma prática no esporte na escola. Eles realizaram entrevistas sobre o futebol feminino, narraram o

jogo misto (meninos e meninas) que estava acontecendo na quadra, e fizeram imagens fotográficas dos alunos jogando. Após essa atividade eles passaram este vídeos e imagens para mim por meio do WhatsApp.” (Professor H)

Estes depoimentos são uma mostra da vastidão de possibilidades de uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica. Sabe-se, no entanto, que muitas outras são plausíveis e estão sendo aplicadas em salas de aula pelo Brasil afora. No livro “*Escol@Conect@d@: os multiletramentos e as TICs*”, Rojo (2013) discute a necessidade de a instituição escolar formar a população para uma sociedade que é cada vez mais digital. A autora lembra que os professores precisam preparar seus alunos para terem capacidade de leitura e escrita de acordo com os tempos atuais, e vários depoimentos colhidos nesta pesquisa colocam o *WhatsApp* como a “*linguagem do momento*”. Rojo é enfática ao dizer que: “Se os textos da contemporaneidade mudaram, as competências/capacidades de leitura e produção de textos exigidas para participar de práticas de letramento atuais não podem ser as mesmas.” (ROJO, 2013, p.8)

As principais respostas para as duas questões subsequentes no questionário *on-line* estão compiladas nos dois esquemas que se seguem (Quadro 4 e Quadro 5). Todos os tópicos foram formulados a partir de depoimentos enviados pelos respondentes.

Quadro 4 - Pontos positivos do uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica formulados a partir da penúltima pergunta do questionário *on-line* (“*Que vantagens o aplicativo tem?*”)

| | |
|--------------|---|
| Atratividade | <ul style="list-style-type: none"> Os alunos podem receber conteúdos em formatos que não são só textos, mas também áudios, vídeos e fotos Gera entusiasmo: o aplicativo aumenta o interesse pelo que o professor traz e pode se tornar um bate-papo contínuo É fácil e simples fazer foto de uma página de um livro ou de uma atividade resolvida e enviar pelo aplicativo |
| Colaboração | <ul style="list-style-type: none"> Rede de aprendizagem: em grupos de <i>WhatsApp</i>, os alunos se ajudam mais, trocam dicas e se tornam mais solidários Ao tirar a dúvida de um aluno, o professor pode responder o que era dúvida de outros participantes do grupo O aplicativo aproxima as pessoas com interesses em comum e aumenta a interação entre colegas Na formação de grupos para apresentar trabalhos, dá para o professor participar e saber, por exemplo, se todos estão colaborando |
| Continuidade | <ul style="list-style-type: none"> Permite compartilhar as atividades trabalhadas em sala de aula com os alunos que faltaram As discussões e debates começam no <i>WhatsApp</i> e depois vão para a sala de aula ou vice-versa Organização das atividades extraclasse |

| | |
|-----------------|--|
| Economia | <ul style="list-style-type: none"> • Quem tem internet no celular fala de graça com outros usuários do aplicativo • O <i>WhatsApp</i> muitas vezes evita o desperdício de material, energia e tempo, pois requer pouca estrutura e não exige espaço físico • O envio de recados por grupos evita que se imprima papel |
| Estímulo | <ul style="list-style-type: none"> • Amplia o sentimento de pertencimento • Facilita o aprendizado personalizado • Mais alunos fazem a tarefa, já que o aplicativo pode funcionar como um lembrete diário • Há mais compartilhamento de descobertas, dúvidas e ideias • É uma nova forma de socialização: inclui pessoas que talvez não participassem de uma conversa presencial |
| Instantaneidade | <ul style="list-style-type: none"> • É rápido, dinâmico, prático e ágil • Permite <i>feedback</i> imediato e a comunicação em tempo real (bem mais rápido do que uma troca de <i>e-mails</i>, por exemplo) • É fácil fazer e desfazer grupos para tirar dúvidas sobre determinados temas ou para uma atividade específica |
| Oportunidade | <ul style="list-style-type: none"> • O aplicativo está popularizado, é fácil de entender e de manusear • É possível trabalhar com um público grande, bem maior que o da sala de aula • São inúmeras as possibilidades de atividades e a diversidade de conteúdos que podem ser enviados • Amplia o alcance do ensino: a mobilidade permite trabalhar de qualquer lugar e com grupos cujos membros estejam distantes fisicamente • É um espaço para debate com a linguagem que os alunos gostam de usar • Aproxima o aprendizado formal do informal |

Fonte: da autora. 2016.

Quadro 5 - Pontos de atenção sobre o uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica formulados a partir da última pergunta do questionário on-line. (*Quais os maiores desafios você destacaria para atividades em que os alunos fazem uso do telefone celular para aprender?*)

| | |
|------------------------|---|
| Aumento das atividades | <ul style="list-style-type: none"> • Gerir grupos de <i>WhatsApp</i> requer atenção constante • É preciso administrar o tempo para ler muitas mensagens, que chegam em diferentes horários e dias da semana • Alguns casos exigem planejamento específico para atividades trabalhadas com o aplicativo |
| Conectividade | <ul style="list-style-type: none"> • Muitas escolas proíbem o uso de celular ou o acesso ao <i>wi-fi</i> • Alguns alunos não têm acesso à internet, nem dentro, nem fora da escola • Os alunos gostam de mexer na internet e no celular, mas quando é para fazer alguma atividade, alguns reclamam ou apresentam dificuldade |

| | |
|---------------|--|
| Desafios | <ul style="list-style-type: none"> • Como em muitos casos não há orientação para trabalhar pedagogicamente com o <i>WhatsApp</i>, cada professor precisa descobrir o melhor modo de funcionamento de cada grupo • Ter “domínio” das atividades não é fácil em um ambiente virtual horizontalizado como se propõe a ser o <i>WhatsApp</i> • É necessário não ter medo de enfrentar desafios novos que podem surgir com o uso pedagógico de tecnologias • Manter privacidade mesmo passando o número do celular para os alunos e conseguir, com eles, separar o lado pessoal do profissional |
| Dispersão | <ul style="list-style-type: none"> • Constante inserção de temas ou assuntos alheios à discussão proposta: é preciso sempre lembrar que deve haver concentração e foco • A rapidez e fluidez do <i>WhatsApp</i> pode dificultar que o aluno queira, depois, ler textos mais longos ou mais densos • Requer comprometimento dos participantes para atividades em grupo |
| Informalidade | <ul style="list-style-type: none"> • Muitos usuários não têm clareza ou objetividade na escrita, e é grande o risco de mal entendidos • É difícil manter a disciplina e exigir o cumprimento de regras em grupos virtuais • É difícil avaliar os alunos em grupos de <i>WhatsApp</i>: a quantidade de postagens não significa qualidade • Normalmente há mais quantidade de informação do que de conteúdo relevante • Os alunos nem sempre entendem que o aplicativo pode ser usado para aprender, não só para conversar ou se divertir |

Fonte: da autora. 2016.

Nota-se que há um grande engajamento por parte de professores quando o assunto é detalhar vantagens, desvantagens, desafios e oportunidades proporcionados pelo uso do *WhatsApp* como instrumento de ensino. E que, enquanto alguns profissionais enxergam certas características como negativas, outros as descrevem como positivas, como no caso de o aplicativo “permitir” que a aula continue além do horário da escola. Houve relato de docente que mostrou a mobilidade como vantagem neste sentido e houve, também, professor que mencionou como grande desafio conseguir “descansar”, pois, com a “febre” do *WhatsApp*, os alunos acham que ele deve estar disponível o tempo todo.

O aumento da interatividade também foi visto de diferentes maneiras. Um participante da pesquisa comentou que, com o *WhatsApp*, a comunicação flui melhor porque as pessoas se comunicam mais. Já outro professor disse que enxerga um problema no “excesso de opinião” que as pessoas dão por meio do aplicativo, já que, com o *WhatsApp*, há mais possibilidades de interpretações equivocadas por parte dos participantes das conversas. Segundo ele, como os diálogos são rápidos, instantâneos e

cheios de abreviações, nem sempre as palavras transmitem o que quem escreve, de fato, queria dizer.

Por isso, buscou-se ter um aproveitamento máximo em cada contato com profissionais abertos a este diálogo e algumas conversas foram além do questionário – desdobrando-se em conversas por *e-mail*, pelo próprio *WhatsApp* ou por redes sociais – quando o respondente acrescentou seus contatos no último tópico do questionário *on-line*, que descreve o perfil do participante.

5.2 ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS

As entrevistas foram feitas entre os dias 17 de outubro e 1º de novembro de 2016, em horários agendados a partir da disponibilidade dos entrevistados. Gravadas, as conversas aconteceram presencialmente, por telefone ou via internet. Em dois casos, as ligações ocorreram via *WhatsApp*. O roteiro com as seis perguntas norteadoras dos diálogos está detalhado no capítulo 3 desta dissertação. O modelo do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), acordado com todos os entrevistados, está descrito nos anexos.

As respostas para a primeira pergunta, sobre o perfil, estão ilustradas na Tabela 3, na qual destacam-se características relevantes dos professores que responderam esta etapa da pesquisa.

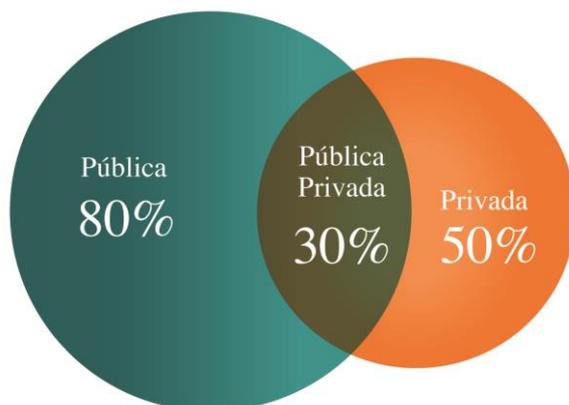
Tabela 3 - Perfis dos participantes da entrevista semiestruturada

| | Gênero | Idade | Área de atuação | Tempo de experiência | Rede de Ensino | Estado |
|--------------|--------|---------|-------------------------|----------------------|-------------------|--------|
| Professor 1 | Homem | 37 anos | português e informática | 8 anos | pública | AL |
| Professor 2 | Mulher | 35 anos | sociologia | 9 anos | pública | DF |
| Professor 3 | Mulher | 31 anos | espanhol | 5 anos | privada | SC |
| Professor 4 | Homem | 39 anos | matemática | 20 anos | pública e privada | DF |
| Professor 5 | Mulher | 53 anos | artes | 7 anos | pública | DF |
| Professor 6 | Homem | 34 anos | história | 11 anos | privada | DF |
| Professor 7 | Mulher | 34 anos | química | 1 ano | pública | MG |
| Professor 8 | Homem | 34 anos | filosofia | 15 anos | pública | MA |
| Professor 9 | Mulher | 37 anos | física | 18 anos | pública e privada | DF |
| Professor 10 | Mulher | 26 anos | matemática e física | 4 anos | pública e privada | RS |

Fonte: da autora. 2016.

Conseguiu-se, como proposto no método de pesquisa, alcançar um grupo bastante heterogêneo de entrevistados. Foram quatro homens e seis mulheres e as áreas de formação e atuação são variadas – o que permitiu captar diferentes experiências e visões sobre o uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica. Pôde-se perceber que um professor de português tem formas muito diferentes de trabalho em sala de aula se comparado a um professor de física, ou matemática, por exemplo. E a riqueza de informações obtidas nesta etapa da pesquisa ilustra isso muito bem. Também foi importante ter a visão de profissionais que atuam em escolas públicas, em escolas privadas, ou em ambos os tipos de rede de ensino, como ilustrado na Figura 5.

Figura 5- Redes de ensino em que atuam os participantes das entrevistas



Mesmo tendo formado um grupo majoritariamente jovem – a média de idade dos entrevistados é de 36 anos – a maior parte deles (80%) tem mais de cinco anos de experiência em salas de aula e falou com segurança e propriedade de pontos positivos ou negativos relativos ao uso de tecnologias como o *WhatsApp* para se comunicar com os alunos.

As diferentes regiões do país em que atuam estes 10 participantes da pesquisa foram sinalizadores de importantes características, como dito anteriormente, para identificar realidades diversas de estados, cidades, escolas, sistemas de ensino e indicadores sociais das comunidades em que vivem os alunos e colegas de trabalho. Ficou evidenciado que os alunos de um professor que trabalha no Distrito Federal podem ter uma relação com a tecnologia diferente da relação que têm os alunos de um professor que atua em uma zona rural do interior de Minas Gerais. Enquanto um fala do problema do acesso à tecnologia, outro demonstra que o excesso de possibilidades de acesso é que pode ser um desafio, como demonstrado nas falas a seguir:

“Há muitos desafios para o uso do celular em sala de aula, mas penso que a minha realidade é paralela ao que acontece no restante do Brasil, eu dou aula em zona rural. A minha grande questão é o acesso ao celular com internet, que muita gente não tem. E então nem todo mundo pode participar das atividades (utilizando esta ferramenta).” (Professor 7)

“É difícil manter a atenção do aluno ou garantir que ele vai usar seu telefone apenas para o que foi proposto pelo professor. Com um smartphone e conexão com a internet, os alunos tendem a acessar redes sociais, checar seus e-mails e jogar durante a aula. Cabe ao professor planejar a aula de tal modo que o tempo ocioso seja mínimo, diminuindo a chance de distração ou de uso indevido do dispositivo.” (Professor 6)

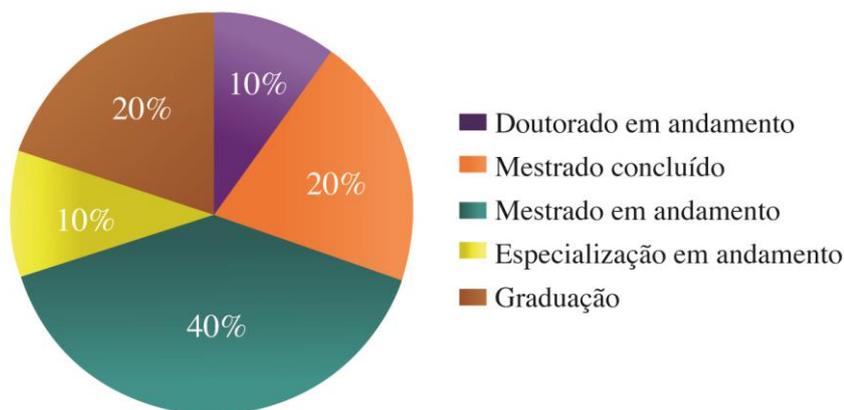
A Figura 6 ilustra as regiões dos entrevistados. Destaca-se que metade deles mora em Brasília ou nas proximidades. E esta escolha deveu-se ao fato de que a pesquisadora considerou importante que boa parte das conversas pudesse ocorrer presencialmente para, assim, captar uma quantidade maior de informações dos colaboradores, já que, por telefone ou via internet, nem sempre há a mesma dedicação e engajamento nos diálogos de quando entrevistador e entrevistado estão face a face.

Figura 6 - Estados do país onde moram os participantes das entrevistas



Neste sentido, a experiência da pesquisadora como jornalista teve influência, já que essas situações são vivenciadas (e diferenciadas) há pelo menos nove anos, desde a minha entrada para o mercado de trabalho em redações de jornais ou revistas.

Outro ponto importante de ser destacado nesta etapa é o grau de instrução dos entrevistados, que, de certo modo, influenciou na participação da pesquisa – seja pelo entendimento da importância de contribuir para a elaboração de dados científicos (e, assim, dedicar um tempo para isso), seja por conhecer as dificuldades pelas quais passa um pesquisador (e, então, o coleguismo influi na decisão de colaborar). Dos 10 participantes, a maior parte deles tem pós-graduação concluída ou em andamento, como pode ser observado no Gráfico 9.

Gráfico 9 – Grau de instrução dos participantes da entrevista

Fonte: da autora. 2016.

Assim, entende-se que o conjunto de dados que serviu à análise nesta etapa da pesquisa levou em consideração o professor inserido em um contexto de relações sociais e profissionais, fornecendo as bases para uma interpretação dinâmica da realidade, já que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas, culturais e sociais. (GIL, 2009)

A segunda pergunta da entrevista, sobre o início do uso pessoal do aplicativo, serviu também para conhecer mais detalhes das trajetórias dos participantes. A intenção foi saber se os que utilizam o *WhatsApp* como ferramenta pedagógica são pessoas muito ligadas à tecnologia ou se isso não é, necessariamente, uma regra.

Nenhum deles lembrou a data, ou mês, ou o ano exato em que começou a usar o aplicativo. Todos os entrevistados responderam indicando épocas aproximadas, não exatas, e todos disseram que é fácil utilizar o aplicativo, ou seja, não tiveram dificuldades. A grande maioria também não se lembrou, exatamente, do motivo pelo qual começou a usar.

Pelas respostas, pode-se inferir que nem todos têm o perfil de serem atentos às novidades tecnológicas. Ou seja, isso não é um preceito. Sete demonstraram que gostam do assunto e tiram bom proveito de tais aparatos também para uso pessoal e três demonstraram que não, como é o caso do Professor 7 que, como declarou, no início teve, inclusive, certa resistência. *“Eu nunca tive muita paciência de conversar com as pessoas por mensagens. Sou meio lenta para tecnologias, simplesmente por falta de interesse. Quase não vejo televisão e não busco coisas novas. Não sou muito curiosa, mas sei a importância das tecnologias para a educação. Eu adoro fazer cursos a distância.”*

Há também respostas interessantes na direção oposta, como a do Professor 4: *“Comecei a usar bem no início da disponibilidade do serviço no Brasil. Não tive dificuldades, achei muito intuitivo, é bem tranquilo.”*

O Professor 2, nesta segunda pergunta, comentou que achou fácil usar o *WhatsApp* e que aprendeu com os alunos: *“Eles me deram a dica, eu instalei e peguei rapidinho. Foi parecido com a época que eu não sabia mexer no datashow”*. Tal fala expõe uma característica bastante interessante sobre o uso de tecnologias em sala de aula: é frequente haver ajuda mútua entre professores e alunos, percebida em diferentes momentos desta pesquisa. A importância dessa troca de conhecimentos é também discutida no Capítulo 2 desta dissertação.

O Professor 10, por sua vez, disse ter começado a usar o aplicativo por causa de amigos que comentavam sobre o assunto e, na época, estavam montando grupos de conversa. *“A princípio, eu achei bom por ser mais barato do que utilizar mensagens de texto e ligações. Só por isso.”*

De acordo com Bottentuit Junior, Albuquerque e Coutinho (2016), as Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) estão tão inseridas no dia a dia das pessoas que, hoje, vivemos em uma sociedade que respira mudanças. Para os autores, o uso da internet e das ferramentas que a acompanham é um fenômeno crescente em vários setores da sociedade, inclusive na educação. Eles chamam a atenção para o que pudemos perceber já nas primeiras perguntas das entrevistas semiestruturadas: o uso da internet em diferentes suportes é um fenômeno crescente e, provavelmente, irreversível. *“Tudo ao nosso redor se transforma muito rápido e, continuamente, o trânsito de informação assume um papel central em nossas vidas, instigando-nos a desenvolver habilidades diversas para lidar com a comunicação de forma instantânea.”* (BOTTENTUIT JUNIOR; ALBUQUERQUE; COUTINHO, 2016, p. 70)

O uso profissional do *WhatsApp* com os alunos foi o tema da terceira pergunta do roteiro da entrevista. Buscou-se saber: a) Quando e como se deu o início deste uso; b) Se foram os alunos que pediram ou se foi o professor quem propôs ou se algum colega sugeriu; c) Se alguma peculiaridade aconteceu no início; d) Se, atualmente, o professor usa o aplicativo para fins pedagógicos todos os dias da semana.

Também para esta questão houve uma diversidade grande de respostas. Boa parte dos colaboradores não se lembrava, exatamente, quando começou o uso profissional (40%). O professor 9 usa o aplicativo com os alunos desde o final de 2011, início de 2012. O professor 2 começou no ano de 2012. Os professores 1 e 10 principiaram o uso

pedagógico do *WhatsApp* em 2014. O professor 3 disse que iniciou em 2015. E, por fim, o professor 7, o mais recente, começou em 2016. Tais respostas evidenciam uma característica colocada anteriormente: muitas pessoas começam a utilizar o aplicativo de maneira espontânea, de um modo quase naturalizado e, por isso, não demarcam períodos específicos em que isso ocorreu. A constatação fica evidenciada na fala do professor 1: *“No início não se tinha planejamento, era um conhecimento empírico. E como é recente, as pessoas não registravam, não faziam planos, não existia organização. Com o passar do tempo é que fomos dando mais importância. Aí vão surgindo pesquisas e vai se escrevendo mais sobre isso.”*

Sobre “como” foi o início do uso pedagógico, dois professores começaram a usar com colegas de trabalho, formando grupos com outros professores. Os outros oito participantes começaram a usar com estudantes. Três entrevistados relataram que começaram a utilizar o *WhatsApp* com fins didáticos por sugestão dos próprios alunos. Cinco relataram que os alunos já utilizavam o *WhatsApp* antes, para se comunicar entre eles, conversar sobre questões relacionadas às aulas, repassar avisos de atividades, de horários etc. Como aconteceu com a professora 2: *“Quando eu comecei a usar o WhatsApp, cada turma já tinha seu grupo. E para não precisar entrar naquele tanto de grupo, eu criei os meus, com as minhas turmas de sociologia. E também criei um grupo maior, para os alunos da monitoria.”*

“Passei a usar com meus alunos só no ano passado (2015). Começamos com o básico, no dia a dia. Eu criei grupos e passava por eles os recados gerais e também as atividades. Depois que eu vi que estava dando certo, comecei a usar em práticas na sala de aula. Hoje, ele vai além de uma ferramenta de comunicação.” (Professor 3)

O Professor 4 dá aulas em diversos colégios, cada um com uma realidade diferente quanto ao uso do *WhatsApp*. Há, inclusive, um colégio que proíbe os alunos de utilizarem o celular em sala de aula, enquanto outro estimula esse uso. Ele relatou que há vantagens e desvantagens em cada uma das opções e que considera mais proveitosos os grupos que se formaram com outros professores, por causa da troca de informações, do planejamento, já que quase não são mais necessárias as reuniões pedagógicas presenciais em um dos colégios: *“Temos grupos de estudo. E entre os professores, nossos discursos se unificam. Dá para marcar encontros (virtuais) com muito mais facilidade.”* Com estudantes, o Professor 4 tem somente um grupo, que é composto por alunos muito focados nos estudos, pois, por questão de privacidade, ele não gosta de compartilhar seu número de celular com muitas pessoas.

O Professor 5 também colocou a privacidade como um problema e disse que relutou em trabalhar com o *WhatsApp* porque não queria que os alunos tivessem seu número de telefone. Por isso, há dois anos, no máximo, começou a utilizar o aplicativo de maneira pedagógica com suas turmas, que são da Educação de Jovens e Adultos (EJA):

“Tive medo que eles enviassem piadinhas, mandassem vídeos errados, cantadas ou ameaças. Qualquer coisa que extrapolasse a sala de aula. E de fato aconteceu de receber cantadas e filmes pornográficos. Então eu deletei, não dei sequência e o assunto morreu. Mas isso pode se tornar um grande problema quando o aluno é menor de idade. Sempre pode acontecer de uma mãe olhar e achar que foi iniciativa do professor, alguém denunciar falando que você tem relação com aluno.” (Professor 5)

Tal depoimento se soma a um aspecto expresso no Quadro 5, sobre os desafios do uso pedagógico do *WhatsApp*: é necessário não ter medo de enfrentar desafios novos que podem surgir com o uso pedagógico de tecnologias. Claramente, o Professor 5 relutou em usar tal aparato com os seus alunos por imaginar que precisaria enfrentar uma série de problemas que até então não tinha. Ao longo da conversa, o entrevistado disse que tentou se planejar para as situações adversas que poderiam surgir, mas diante de tantas “novidades”, este planejamento não funcionou. No entanto, ele se mostrou confiante de ter feito as escolhas certas (como não ter respondido a mensagens indevidas).

A privacidade foi ainda um dos motivos pelos quais o Professor 6 deixou de montar grupos de *WhatsApp* com os alunos. Hoje ele se comunica, para fins pedagógicos, somente em grupos formados por outros professores e, especificamente, para trocar informações relevantes, como notícias de jornais que interessam a todos os componentes, e diz que os mantém porque essa troca flui melhor pelo aplicativo do que pelo *e-mail*. Em seu depoimento, ele complementa que, além de preferir não passar seu número, ele não conseguia acompanhar o grande volume de mensagens que costumavam chegar: *“Não tenho mais grupos com alunos ou com pais de alunos. Eu não conseguia acompanhar as mais de 190 mensagens que surgiam, não adiantava. Mas vejo que eles formam grupos entre eles, principalmente para combinar trabalhos ou seminários. Não é um canal oficial comigo, mas vejo que, para este fim, ajuda.”* (Professor 6)

O Professor 7 começou a utilizar o *WhatsApp* com os alunos há poucos meses, no início de 2016, desde que foi chamado após ter prestado concurso para a rede pública. Apesar de recente, ele diz que a experiência já foi extensa e “engrandecedora”. A ideia foi de um estudante que já era seu aluno particular e já utilizava o aplicativo para conversar sobre dúvidas. *“Eu tenho quatro grupos de WhatsApp com alunos, pois dou*

aulas para dois primeiros anos, um segundo ano e um terceiro ano do Ensino Médio. Sou bem prática e direciono as atividades que quero fazer utilizando o aplicativo.” (Professor 7)

O depoimento do Professor 8 para a terceira pergunta do questionário mostra que ele começou a usar o *WhatsApp* como ferramenta pedagógica de maneira mais consciente (ou menos intuitiva) do que outros profissionais entrevistados. *“Quando eu falei de utilizar o WhatsApp com os alunos, a proposta já gerou neles uma curiosidade. Eles ficaram muito entusiasmados. Era uma forma de adequar o uso social que eles já tinham para o aprendizado. Foi uma iniciativa minha devido ao incômodo de os alunos usarem muito o celular. Eu queria mudar o foco deles, fazer com que eles usassem o telefone de forma qualitativa para a educação. Não apenas para o entretenimento.”* (Professor 8)

Por este trecho da conversa, poderia se inferir que o Professor 8 fez planejamento para as atividades pedagógicas com o uso do aplicativo. Mas, na resposta dada ao questionário *on-line*, na etapa anterior da pesquisa, verificou-se que ele marcou “não” para tal pergunta. Como uma das vantagens da entrevista é poder aprofundar alguns pontos, a conversa, que neste caso foi presencial, foi aproveitada para questionar o que parecia estar em contradição. Para tal questionamento, foi dada a seguinte resposta: *“Na verdade, o WhatsApp gera muitas possibilidades. Então, por mais que eu planejasse as atividades, elas tomavam rumos diferentes, os alunos respondiam em diferentes horários, inclusive na hora do almoço.”* Sendo assim, pode-se compreender que o entendimento do professor foi o de que ele não fazia planejamento. O que fica demonstrado é que ele planejava sim, mas não conseguia ter o controle do conteúdo, como costumava ter em aulas tradicionais, ou mesmo porque ele não conseguia executar o planejamento da forma como concebia.

O Professor 9 lembrou-se de detalhes interessantes de quando começou a trabalhar com o *WhatsApp* com os seus alunos, entre o final de 2010 e o início de 2011. *“Quando eu baixei o WhatsApp no meu celular, para conversar com meu marido, comentei na escola e vários alunos já tinham baixado também. Então naturalmente começamos a formar grupos. Na verdade, já tínhamos grupos no Facebook e por um tempo ficamos com as duas ferramentas. Assim, ninguém ficou excluído. A transição foi acontecendo e hoje em dia eles não querem mais saber do Facebook. Conversamos só no grupo do WhatsApp.”* (Professor 9)

Este é um exemplo típico de professor que busca se adaptar à realidade dos alunos, por mais que esta realidade, ou seus gostos e suas preferências, sofram mudanças com

uma frequência que se mostra, muitas vezes, difícil de acompanhar. Tal atitude é vista de maneira positiva, já que, como descrito no artigo “O papel da internet na [re] construção sócio-histórica da juventude: do jeans às redes sociais digitais” (OLIVEIRA, *et al*, 2015), os jovens veem no espaço virtual formas diferentes de sociabilizar, de se relacionar com o outro, e também de lidar com o mundo. E por que isso seria diferente com relação aos professores e à escola? Questionamentos desta natureza nos ajudam a entender o posicionamento de profissionais como o Professor 9.

De acordo com os autores do artigo:

Não há como negar que a internet possui um papel importante na reconfiguração da dinâmica juvenil na sociedade, principalmente depois da popularização dos computadores e dos aparelhos móveis de comunicação. Houve uma potencialização das capacidades juvenis, tanto em nível cognitivo quanto social. As novas tecnologias da comunicação, em especial a internet e suas redes, redesenharam as estruturas sociais, fazendo com que as instituições mais convencionais questionassem as metodologias e suas atividades. (OLIVEIRA, *et al*, 2015, p.121)

Pode parecer exagero falar de redesenho das estruturas sociais, mas o relato do Professor 10 para a terceira pergunta da entrevista também demonstra que as demandas dos alunos influenciam de maneira considerável a postura dos professores ou o que eles consideram importante no que se refere ao uso de tecnologias na educação. *“Iniciei o uso pedagógico do WhatsApp em 2014. Nesta escola, sempre fizemos questão de ter um canal de comunicação mais direto com os alunos. Antes usávamos somente o Facebook, com grupos fechados para cada turma, agora utilizamos com mais frequência o WhatsApp. Os alunos mesmo sugerem esse tipo de grupos. Para eles e para nós é muito fácil e rápida a comunicação.”* (Professor 10)

Ainda na terceira pergunta da entrevista semiestruturada, indagou-se também se os participantes utilizam o aplicativo *WhatsApp* todos os dias da semana ou se eles tiram “dias de folga” ou algo parecido, para não se tornar uma atividade exaustiva. Exceto o Professor 1, que disse preferir demarcar previamente os horários de falar com os alunos, os demais não detalharam se têm ou já tiveram restrições de horários. *“Geralmente marcamos um dia da semana que fique mais fácil para a maioria, principalmente para mim, que tenho tempo curto. Esses plantões ocorrem duas ou três vezes por semana, mais ou menos.”* (Professor 1)

Porém, como pode ser observado no Quadro 3, sobre os pontos de atenção quanto ao uso do *WhatsApp* na escola, há profissionais que colocam como problema o fato de o aplicativo ter aumentado a carga horária de trabalho, pois torna-se preciso administrar o

tempo para ler muitas mensagens, que chegam em diferentes horários e dias da semana. A questão é abordada na fala do Professor 9: “*Os horários são um problema, porque aluno não tem noção de hora. Se aparece uma dúvida meia-noite, ele acha que tem que mandar mensagem naquele momento. Para aliviar, eu coloco limite para mim mesma e hoje eu me comprometo a responder para eles em até 24h. Mesmo que seja fim de semana.*” (Professor 9)

A quarta pergunta da entrevista pediu a descrição de uma experiência com o uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica que o próprio professor tenha considerado bem sucedida. A maior parte deles (90%) disse que utiliza o aplicativo para transmitir recados ou tirar dúvidas – funções bastante comuns, pelo que se verifica na presente pesquisa. Somente um (10%) dos respondentes (Professor 6) não utiliza mais o *WhatsApp* para grupos de estudantes, pois prefere um dispositivo compartilhado com todos os professores e alunos da escola, o *Google Classroom*, que ele considera mais apropriado para se comunicar com fins didáticos do que o *WhatsApp*.

Como pode ser observado no Quadro 6, a seguir, a diversidade de respostas para a quarta questão mostra que os entrevistados utilizam o *WhatsApp* para tantos fins diferentes que trechos das respostas merecem ser destacados:

Quadro 6 - Trechos de relatos de experiências com o uso pedagógico do *WhatsApp*

| | |
|-----------------------------|---|
| Professor 1 (Português) | <ul style="list-style-type: none"> Sempre trocamos links, dicas de aplicativos, áudios e vídeos. As conversas por textos são bem interessantes. O uso de abreviações sempre são uma desculpa para dar dicas. Por exemplo, em uma conversa alguém escreveu “pq” e discutimos se seria por que, porque, por quê ou porquê. |
| Professor 2 (Sociologia) | <ul style="list-style-type: none"> Complemento o que passo nas aulas enviando para os grupos conteúdos extras de sociologia, coisas que têm na internet. Funciona bem para passar orientações e também para quem perdeu a aula poder resgatar o conteúdo. |
| Professor 3 (Espanhol) | <ul style="list-style-type: none"> No dia a dia da sala de aula, a gente não consegue ouvir cada aluno falando. E pelo <i>WhatsApp</i> todos podem me mandar áudio ou vídeo. Aí eu consigo estudar e arquivar como documento. Facilita, inclusive, para fazer as avaliações. |
| Professor 4 (Matemática) | <ul style="list-style-type: none"> Tiro dúvidas e lanço desafios. Alguns alunos fotografam uma questão que têm dúvida, me mandam, eu resolvo e mando a foto de volta. Agora que dá para enviar PDF, eu costumo enviar listas de exercícios. |
| Professor 5 (Artes) | <ul style="list-style-type: none"> Em um exercício, os alunos precisavam postar fotos de uma visita que fizemos a um museu. Poderia ser do caminho, do ônibus, de prédios ou do próprio espaço que fomos. O objetivo foi que eles |

| | |
|------------------------------|--|
| | entendessem que a tecnologia era um registro de estudo, não só de bate-papo. |
| Professor 7 (Química) | <ul style="list-style-type: none"> • Uso o <i>WhatsApp</i> para motivar os alunos. Envio revisões, exercícios e mando recados para que eles não se esqueçam de fazer as atividades. Também mando sugestões de leitura e vídeos que considero interessantes. |
| Professor 8 (Filosofia) | <ul style="list-style-type: none"> • Fizemos uma atividade que eles precisavam comentar os conteúdos do livro didático. E deu certo, eles podiam mandar fotos ou vídeos sobre uma situação que eles estavam observando. O aplicativo estimulou que eles discutissem as questões, porque viram que fazia parte do dia a dia deles. E dava pra fazer de qualquer lugar. O conteúdo ficou mais atrativo. |
| Professor 9 (Física) | <ul style="list-style-type: none"> • Uso muito para passar orientações, avisos e, quando algum aluno tem dúvida, ele envia e eu ajudo. Costumamos resolver questões e mandar fotos para mostrar onde exatamente havia dúvida. |
| Professor 10 (Matemática) | <ul style="list-style-type: none"> • Costumo enviar lista de exercícios, ou gabaritos de exercícios aplicados em sala de aula. Em alguns grupos, eles vão respondendo juntos determinadas questões, tirando dúvidas uns dos outros. É um jeito de eles tirarem dúvidas de um jeito menos formal, por isso funciona bem. |

Fonte: da autora. 2016.

Há uma série de comentários dos entrevistados que chamaram a atenção sobre atividades feitas com auxílio do *WhatsApp*. O Professor 5 enfatizou que gosta do *WhatsApp* porque é prático. *“Mando fotos, áudios, comento. É tudo muito instantâneo. Eu considero que problemático é o ser humano, as tecnologias funcionam bem.”*

“Uma coisa que já percebi é que o WhatsApp facilita o processo comunicativo. Os alunos se sentem mais à vontade conversando pelo aplicativo, é uma linguagem própria deles. Então eu uso muito. A cada dois dias mais ou menos eu passo uma atividade. Sem contar nos plantões de dúvidas que agendamos.” (Professor 1)

As diferentes possibilidades de se trabalhar com o auxílio do aplicativo foram ressaltadas pelo Professor 3:

“Eu dou tarefas para eles fazerem em casa e tem atividades que eu quero que sejam feitas durante as aulas. Quando é assim, precisamos ir para o pátio, porque não é em todo lugar que pega o wi-fi na escola. O importante é que eu tenho sempre cartas na manga, com ou sem o uso de tecnologia. Porque pode ser que a gente fique sem internet na escola e eu precise trabalhar só com o livro. Ou pode ser que não dê para trabalhar com métodos tradicionais, por algum motivo, e o celular salva. Tem que ser maleável.”

O Professor 9 fez uma observação interessante sobre o fato de que as ferramentas podem levar a novas descobertas tanto por parte dos discentes quanto dos docentes:

“O WhatsApp me ensinou a desenvolver uma coisa que o aluno ainda não está acostumado e eu chamo de inteligência coletiva. Em um grupo nem sempre sou eu que vou responder as demandas, tirar as dúvidas. Podem ser os próprios alunos. Eu estimo que eles respondam entre eles. Mas tem professor que não gosta de perder a autoridade, acha que perde poder. Mas nossa autoridade a gente não perde, porque tem a ver com o conhecimento.”

Mesmo que não se tenha entrado no mérito sobre se o conceito de “inteligência coletiva” dito pelo Professor 9 referia-se ao que foi cunhado por Pierre Lévy, faz-se necessária uma retomada da proposição do autor, já que ele define esse termo como a soma e o compartilhamento de inteligências individuais pela sociedade. O autor defende que a inteligência coletiva está distribuída entre os sujeitos e, portanto, não se restringe apenas a alguns grupos, pois o saber é da humanidade e todos podem oferecer conhecimento. (LÉVY, 2015)

Lévy explora tal conceito como uma forma de pensamento que acontece por meio de conexões sociais que se tornam viáveis pela utilização de redes abertas. Para o autor, a inteligência coletiva é uma maneira de uma pessoa compartilhar seus conhecimentos com outras pessoas, utilizando recursos ou ferramentas que podem ser, por exemplo, a internet. No entanto, segundo ele: “É o grau de inteligência coletiva presente em determinada situação que condiciona o valor humano das técnicas.” (LÉVY, 2015, p. 200)

Assim, o trecho dito pelo Professor 9, aqui destacado, remete às novas possibilidades de acesso à informação e leva a refletir sobre a capacidade de indivíduos ou grupos sociais de interagirem entre si de forma mais engajada. Clay Shirky (2011), em seu livro *A Cultura da Participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*, mostra como as tecnologias digitais permitem, com baixo custo, que se use talentos para criar, em conjunto, coisas novas, úteis ao planeta.

Ele usa o conceito de “excedente cognitivo” para dizer que nós, coletivamente, não somos apenas a fonte do excedente – somos quem determina seu uso, por nossa participação e pelas coisas que esperamos uns dos outros quando nos envolvemos em uma nova conectividade. “O excedente cognitivo, recém-criado a partir de ilhas de tempo e talento anteriormente desconectadas, é apenas a matéria-prima. Para extrair dele algum valor, precisamos fazer com que tenha significado ou realize algo.” (SHIRKY, 2011, p.31)

De acordo com o autor, as pessoas, atualmente, se manifestam muito sobre determinados assuntos, várias vezes ao dia, em incontáveis tipos de comunidades de interesse comum. Para ele, a possibilidade de os membros das comunidades falarem uns aos outros, sem anonimato e para um público desconhecido, é uma grande transformação. Shirky chama a atenção, também, para o fato de os velhos meios de comunicação – e as tradicionais formas de ensinar e transmitir conhecimento – terem suas funções e *status* transformados pela introdução de tecnologias. É importante relacionar tal reflexão com o fato de que não são poucos os relatos de professores que enxergaram no uso pedagógico do *WhatsApp* uma solução para um problema que já os incomodava.

Não só no questionário e na entrevista feitos para esta pesquisa, mas em matérias jornalísticas e em conversas informais cotidianas, foi possível perceber, claramente, em muitos casos, que o celular – e o aplicativo de mensagens eletrônicas instantâneas, especificamente – era visto como inimigo do professor. Em determinada entrevista feita por esta pesquisadora em um contexto fora deste estudo, um professor disse que enxergou no *WhatsApp* um aliado só depois que fez uma relação com o ditado popular brasileiro: “Se não pode com um inimigo, junte-se a ele”. E, assim, segundo o entrevistado, o que era um problema em sala de aula, acabou sendo visto como um meio de se aproximar dos alunos, de melhorar o fluxo de comunicação entre eles.

Com isso, fica mais fácil compreender a dimensão e o significado de um trecho da fala do Professor 6:

“A tarefa que a gente tem, enquanto escola, é tentar tirar o aluno da zona de conforto, fazer ele se mexer, ter senso crítico. E algumas ferramentas ajudam, como é o caso do Google Classroom e do WhatsApp. O fato de ele ter acesso a tudo o que é possível com um celular no bolso, um tablet, dá a ele um repertório que prepara para a vida. A minha geração não viveu isso com a mesma intensidade, e talvez por isso não entenda. Mas não é uma bobagem. Tem uma mudança interessante acontecendo e o professor precisa fazer parte disso.”

Antes de fazer referência às últimas questões da entrevista, cabe destacar que duas perguntas feitas no questionário *on-line* foram retomadas nas entrevistas, para seu aprofundamento, em momentos diferentes das conversas. Uma era se houve algum tipo de orientação pedagógica por parte dos gestores da escola para fazer uso do *WhatsApp* com os alunos. E a outra indagava se o participante faz planejamento para trabalhar especificamente com o *WhatsApp*. O objetivo era confirmar se os dados seriam condizentes com a realidade comentada nas entrevistas, o que, de fato, se confirmou, já

que nenhum dos participantes entrou em contradição. As respostas para ambas estão descritas na Tabela 4.

Sobre a orientação pedagógica, quatro professores disseram que a receberam e seis disseram não ter recebido. Nas entrevistas, os diálogos indicaram que alguns dos que não receberam nenhum tipo de orientação por parte dos gestores da escola sentem falta disso e, inclusive, há os que reclamam. Como é o caso do Professor 7: *“Esse tipo de orientação é muito voltada para os interesses da escola, e não dos alunos.”* Quanto ao planejamento específico para trabalhar com o *WhatsApp*, metade disse que faz e metade disse que não faz. O Professor 6, que respondeu sim para a questão, com base em experiências passadas (já que ele não usa mais o *WhatsApp* com os alunos) listou vantagens: *“Com o uso pedagógico sólido, planejado e bem pensado, esse tipo de ferramenta agrega muito. A gente ganha tempo para realizar as atividades.”*

Há aqui o entendimento de que, por ser um tipo de atividade recente, nova para a maioria dos docentes, não é tarefa fácil conseguir realizar, de forma sistemática, nem a orientação pedagógica, nem o planejamento. Ficou evidenciado que muitos gostariam de fazer o planejamento, porém, ainda não sabem como executá-lo.

Para a quinta pergunta da entrevista semiestruturada, sobre o que o professor considera vantajoso e o que considera desafiador em relação ao uso didático do *WhatsApp*, além do que já foi colocado ao longo deste capítulo, destaca-se, como vantagem, a capilaridade da ferramenta. A expressão, que é muito comum no mercado financeiro para se referir a algo que consegue a adesão de diferentes públicos, foi usada pelo Professor 4 para explicar que mensagens enviadas via *WhatsApp* chegam mais facilmente aos seus destinatários do que as que são enviadas por outros meios, como o *e-mail*, por exemplo. *“Muita gente hoje nem olha mais a caixa de e-mails. Como estamos lidando com uma geração que quer tudo instantâneo, que é inquieta e tudo tem que ser para ontem, o WhatsApp cai como uma luva.”*

Tabela 4 - Respostas assinaladas pelos 10 participantes das entrevistas semiestruturadas às perguntas 3 e 4 do questionário *on-line*

| | Área de atuação | Teve orientação pedagógica | Faz planejamento específico |
|--------------|-----------------|----------------------------|-----------------------------|
| Professor 1 | português | Sim | Sim |
| Professor 2 | sociologia | Não | Sim |
| Professor 3 | espanhol | Não | Sim |
| Professor 4 | matemática | Sim | Sim |
| Professor 5 | artes | Não | Não |
| Professor 6 | história | Sim | Sim |
| Professor 7 | química | Não | Não |
| Professor 8 | filosofia | Não | Não |
| Professor 9 | física | Não | Não |
| Professor 10 | matemática | Sim | Não |

Fonte: da autora. 2016.

O Professor 1 fez também uma observação interessante nesta quinta questão da entrevista: *“Não se tem tantos computadores nas escolas públicas brasileiras. Mas hoje em dia nós temos um computador na mão, o smartphone, que é portátil e bastante acessível. Então tanto os alunos quanto os professores podem fazer uso dessa ferramenta de bolso, que se mostra muito mais viável do que os computadores grandes.”*

A possibilidade de trabalhar, de forma mais detalhada, a oralidade em aulas de idiomas foi destacada pelo Professor 3: *“Os alunos têm menos vergonha de falar em espanhol comigo pelo WhatsApp do que durante a aula. Alguns até preferem mandar vídeo. Isso é uma das coisas mais legais, porque às vezes você mal escuta a voz daquele menino na sala.”*

Trazer essa visão do uso pedagógico do celular para todos os atores da escola, no entanto, não é tarefa fácil. Nesta parte da entrevista, dois colaboradores (Professor 3 e Professor 7) disseram que um grande desafio que tiveram que enfrentar, no início, foi a resistência de gestores. Três entrevistados comentaram que o fato de nem todos os alunos terem celular com acesso à internet também era um desafio. O Professor 8 relatou, inclusive, que retomar, durante as aulas, a discussão que acontecia via *WhatsApp* foi uma

alternativa para não excluir quem não tinha acesso à ferramenta. *“Mesmo sendo assim, eu preferia que as discussões começassem no grupo de WhatsApp e continuassem na sala de aula, porque se só eu falasse, ia ser diretivo, verticalizado. Era melhor que mais pessoas participassem e dessem opinião.”*

Outros desafios colocados em diferentes momentos desta pesquisa (não só nesta quinta pergunta da entrevista) referem-se à dispersão dos alunos, já que muitos professores relataram que é difícil manter a disciplina e o foco no conteúdo proposto quando se lança mão do uso do celular em sala de aula. No entanto, as respostas indicam que quando o professor se propõe a enfrentar esse tipo de situação com métodos disciplinares próprios – já que, pelo que se pode verificar, não existe um jeito considerado, unanimemente, correto – ele tem chances maiores de vencer tal dificuldade. Não há, aqui, a intenção de descrever um método ou outro de professores que tiveram sucesso neste quesito, no entanto, pelos relatos, dá para se ter uma ideia de como as soluções podem ser mais simples do que parecem.

“Nas primeiras atividades, a gente fazia a discussão no grupo de WhatsApp, muita gente participava dando sua opinião, e aí depois a conversa ia esfriando, outros assuntos que não eram os propostos na aula entravam no meio da discussão. Eu intervia, chamava a atenção como um moderador do grupo, e rapidamente precisava colocar um tópico novo ou mais uma atividade.” (Professor 8)

“Não é fácil propor atividades que chamem mais a atenção deles do que o que aparece no Facebook, nos grupos de amigos, ou mesmo nos jogos on-line. Então, precisa haver conversa, paciência para ensinar que há hora certa para tudo. Para estudar e para divertir.” (Professor 10)

“É importante que o celular seja visto como uma ferramenta de trabalho como qualquer outra. Não é uma tecnologia que vai salvar o mundo. Então, se o aluno não manda o vídeo que era pra mandar, tem que chamar a atenção da mesma forma que chamaria se ele não fizesse a tarefa no caderno. É a mesma coisa.” (Professor 3)

Para buscar entender se o perfil de outros professores que também usam o *WhatsApp* como ferramenta pedagógica é influenciado por idade, formação ou gênero, ou se essas características não chegam a ser relevantes nesses casos, a sexta e última questão da entrevista pedia a opinião dos participantes sobre isso. Três deles não souberam ou não quiseram opinar e responderam “não sei” ou “acho que nada disso influencia”. Quatro participantes disseram que, mesmo sem ter certeza de como é este

perfil, eles imaginam que os professores mais jovens usam mais, tiram mais proveito de ferramentas tecnológicas. Como exemplifica o Professor 6:

“Em geral, os professores mais novos são mais abertos para esse tipo de coisa do que professores mais antigos na profissão. Os que têm mais tempo de mercado têm muito domínio de conteúdo, segurança, e não veem motivos para mudar. Já ouvi professores falando que dá aula desse jeito há 20, 30 anos e funciona, porque os alunos passam no vestibular. Aí eu penso que tem que acompanhar as mudanças da sociedade. Até quando os conteúdos vão ser cobrados dessa forma?” (Professor 6)

Um contraponto interessante foi trazido pelo Professor 9, ao dizer que professores recém-formados geralmente têm mais medo de ousar, de encontrar uma metodologia de ensino própria, que vá além das tradicionais, ensinadas na faculdade. *“Os mais velhos, apesar de serem resistentes, quando aderem à tecnologia, aderem muito bem. Mas não acho que é a idade que pesa mais, é a conscientização de que existem formas diferentes de ensinar e formas diferentes de aprender.”*

O Professor 8 acredita que gênero não influencia na decisão de trabalhar ou não com tecnologias em sala de aula, porque ele conhece muitos homens e mulheres que o fazem. No entanto, ele acredita que a formação pesa nesta decisão: *“É muito mais comum um professor de humanas trabalhar com grupos de WhatsApp do que um professor de matemática, por exemplo.”*

As experiências descritas nesta pesquisa, entretanto, mostram que são várias as maneiras e as possibilidades de utilizar o *WhatsApp* como ferramenta pedagógica. Idade, gênero ou formação não chegam a pesar tanto na decisão de utilizá-lo ou não quanto a vontade de se aproximar de recursos e instrumentos que fazem parte do dia a dia dos alunos, que os deixam mais à vontade para se expressar, estudar ou opinar sobre determinados temas. É neste sentido que foi engrandecedor o contato com os professores que primeiramente aceitaram o convite para responder um questionário *on-line* e opinar sobre “o uso do *WhatsApp* na escola”.

No entanto, em um universo tão diverso e disperso quanto esse, é preciso reconhecer que há limitações quantitativas nesta pesquisa, mesmo que os instrumentos utilizados tenham se mostrado eficazes. Tais limitações, no entanto, não descaracterizam, na visão da pesquisadora, a relevância da contribuição pedagógica que se oferece com a descrição e análise de conhecimentos compartilhados sobre o uso do *WhatsApp* como ferramenta didática, em suas diversas formas e dimensões, como foi feito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

“Na verdade, de que nos serve toda a cultura
se não houver uma experiência
que nos ligue a ela?”
(Walter Benjamin)

Reflexões teóricas e análises de práticas pedagógicas conjugam-se nesta dissertação para responder à pergunta norteadora da pesquisa: “Como se dá o uso do WhatsApp como recurso didático?”. Os resultados mostram que têm razão os professores que afirmam serem as relações entre tecnologia e ensino muito mais complexas do que alguns estudos podem fazer supor. No entanto, independentemente do grau de complexidade, é possível concluir que, mesmo não havendo um modo único de utilizar algum recurso, o importante é trabalhar com coerência em relação ao que se acredita serem escolhas acertadas.

Professores que se adaptam e preocupam-se em acompanhar o tempo e as demandas dos alunos se mostraram preparados para agregar valor às suas práticas de ensino. Nas três instâncias pesquisadas (Revisão Sistemática da Literatura, questionário *on-line* e entrevistas), pôde-se perceber que, quanto menos alheios às transformações sociais da contemporaneidade, mais esses profissionais têm facilidade de promover processos de ensino e aprendizagem que sejam, de fato, efetivos, dinâmicos e colaborativos. Ou seja, os resultados mostraram-se convergentes.

No grande desafio de captar diferentes visões de professores sobre o uso do *WhatsApp* como ferramenta pedagógica, vale destacar que as escolhas sobre o que descrever em cada etapa da pesquisa foram cuidadosas, mas, sobretudo, difíceis. Ao mesmo tempo em que havia relatos parecidos e que não conviria serem repetitivos, cada um representava uma história, uma trajetória profissional distinta.

Optou-se, então, por descrever, detalhadamente, pontos positivos e negativos desse uso, já que muitos professores, mesmo seguros de estarem realizando um trabalho apropriado, manifestaram, em alguns momentos, dúvidas ou dificuldades quanto ao uso de tecnologias em sala de aula. Entre as vantagens de utilizar o aplicativo com os alunos, os tópicos citados de forma recorrente foram: ser atrativo, ser colaborativo, permitir um trabalho contínuo, ser econômico, ser estimulante, proporcionar a comunicação de forma instantânea e dar diferentes oportunidades de um uso conveniente.

Já entre os pontos negativos, tratados como “pontos de atenção”, destacam-se: gerar aumento da carga de trabalho (especialmente porque requer tempo para ler as mensagens); exigir uma conectividade nem sempre possível para todos os participantes; representar desafios como o de lidar com meios que são mais conhecidos entre os alunos do que entre os professores; causar dispersão e ser informal.

No entanto, entre os relatos, notou-se que alguns pontos são considerados positivos para uns e negativos para outros, como o fato de o *WhatsApp* proporcionar repasses de conteúdo que se estendem além dos horários de aula. Tal situação confirma o fato de que não há um modo unânime de enxergar ou lidar com a ferramenta.

Durante as entrevistas, foi possível perceber que, mesmo não sendo um item imprescindível na vida das pessoas – como se mostra hoje, um aparelho de celular, por exemplo –, o aplicativo *WhatsApp* foi “conquistando” seus usuários, seja pela praticidade, pela facilidade de uso, ou pela economia que ele representa no cotidiano de milhares de pessoas que passaram a se comunicar por mensagens eletrônicas instantâneas quando, antes, precisavam fazer ligações telefônicas.

Com o recorrente uso pessoal para se comunicar com familiares e amigos, os professores relataram que passaram a perceber possíveis usos profissionais, tanto por iniciativa de alunos, que os convidaram a formar grupos para tirar dúvidas, por exemplo, quanto por iniciativa deles próprios ou de gestores das escolas em que trabalham, ao notarem que o aplicativo, além das funções de comunicar e entreter (que já eram mais comumente conhecidas), poderia ser usado também como uma ferramenta pedagógica eficaz.

Muitos professores relataram que aprenderam coisas novas com os alunos durante as atividades realizadas pelo *WhatsApp*. E não só nas questões de ordem prática quanto à tecnologia, especificamente, mas também a partir de reflexões, que se tornaram mais recorrentes e fluidas com as possibilidades de participação trazidas pelo ambiente virtual. Grande parte deles não teve contato com artefatos tecnológicos no período da sua formação acadêmica – ou da empolgação da adolescência, como os seus alunos têm hoje – e, por isso, é mesmo uma tarefa complexa colocar-se no lugar de aprendiz em situações dessa natureza. No entanto, foi possível notar que o uso de tecnologias tem relação também com a sensibilidade e a adequação do professor à realidade do aluno.

Ficou evidente ainda que, como qualquer trabalho pedagógico, o uso do *WhatsApp* com os alunos requer estratégias e, sobretudo, planejamento. Não parece ser possível realizar uma atividade bem sucedida com o aplicativo sem sair do lugar de grande

detentor de conhecimentos para se colocar como mediador de grupos. Ou sem organizar previamente o tempo e os materiais que serão despendidos. E, ainda, sem propor objetivos claros a serem alcançados.

Aos alunos da geração atual é preciso oferecer mais do que conteúdos curriculares. Para conquistá-los, o professor precisa oferecer aulas e atividades atrativas, lúdicas, divertidas e que tragam algo novo em relação às vivências que eles já têm. Muitos alunos, inclusive, mostram dificuldade de discernir a hora de falar sério por meio do aplicativo da hora de poder brincar, como é comum no *WhatsApp*. Mas até isso pode ser visto pelos professores como ensinamento importante de ser passado para a vivência dos estudantes.

Foi possível perceber, ao longo dos últimos meses, que a aproximação propiciada pela comunicação via *WhatsApp* acaba mudando até a postura de alguns profissionais. Vários deles usaram uma linguagem visivelmente leve nas entrevistas. A colaboração, em seu sentido estrito, foi percebida em vários momentos desta pesquisa. Alguns participantes deram dicas de leituras, mencionaram usos do *WhatsApp* que esta pesquisadora ainda não sabia serem viáveis, além de possíveis desdobramentos e derivações para outras ferramentas tecnológicas, como a substituição do uso do *WhatsApp* pelo *Google Classroom*, por exemplo.

Nota-se que foi por causa do poder de capilaridade do aplicativo que se chegou a tal diversidade de profissionais pesquisados. O envio do convite para responder o questionário *on-line*, por *e-mail*, redes sociais e pelo próprio *WhatsApp*, mostrou a dinâmica da amostragem Bola de Neve e também o interesse que o tema desperta em pessoas tão diferentes, que vivem nas mais diversas regiões do país. Assim, chegamos a professores jovens e experientes; focados, antenados ou dispersos; que trabalham em grandes cidades ou em escolas rurais do interior do país... e assim por diante.

Dessa forma, enxergar pelo viés positivo o cenário educativo como desafiador e dinâmico tornou-se uma tarefa engrandecedora. Esta pesquisa busca, então, o mérito de deixar os professores – leitores deste trabalho – mais hábeis quanto às vantagens e desvantagens do uso pedagógico do *WhatsApp*. Sobretudo, busca deixar esses profissionais mais conscientes do papel que devem desempenhar frente aos alunos dos dias de hoje. Não é uma questão simples, tampouco passível de respostas únicas ou acabadas. Mas esta é uma construção ambiciosa e profunda da qual qualquer pesquisador pode se orgulhar de poder contribuir. Porque, como disse o grande mestre inspirador Paulo Freire, “o mundo não é / o mundo está sendo”.

REFERÊNCIAS

- ANATEL-Agência Nacional de Telecomunicações. 2017. Disponível em: <http://www.anatel.gov.br>. Acesso em: 11 FEV. 2017.
- ARAÚJO, Patrício Câmara; BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista. O aplicativo de comunicação Whatsapp como estratégia no ensino de filosofia. *Revista Temática*, NAMID/UFPB, ano XI, n. 2, fev. 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica>>. Acesso em: 13/02/2017.
- BALDIN, Nelma; MUNHOZ, Elzira M. Bagatin. Educação ambiental comunitária: uma experiência com a técnica de pesquisa snowball (bola de neve). *Revista eletrônica Mestr. Educ. Ambient.* v. 27, p. 46-60, julho a dezembro de 2011. Disponível em: <http://www.seer.furg.br/remea/article/view/3193>. Acesso em: 13/02/2017.
- BARCELLOS, R. S. *O uso do WhatsApp na aula de LP*. II Congresso nacional de Educação – CONEDU. 2015. Disponível em <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA15_ID3019_23072015200450.pdf> Acesso em: 13/02/2017.
- BAUER, Martin W. Análise de conteúdo clássica: uma revisão. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes. 2002.
- BECHARA, Ivanildo (org). *Dicionário da Academia Brasileira de Letras*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2011.
- BENJAMIN, Walter. *O anjo da história*. Lisboa: Assírio & Alvim, 2010.
- BENTO, Maria Cristina Marcelino; CAVALCANTE, Rafaela dos Santos. Tecnologias Móveis em Educação: o uso do celular na sala de aula. *ECCOM*, v. 4, n. 7, jan./jun. 2013. Disponível em: <<http://publicacoes.fatea.br/index.php/eccom/article/viewFile/596/426>>. Acesso em: 13/02/2017.
- BONILLA, Maria Helena Silveira; PRETTO, Nelson de Luca. Movimentos colaborativos, tecnologias digitais e educação. *Revista Em Aberto*, INEP, v. 28, p. 23-40. 2015.
- BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; ALBUQUERQUE, Odlá Cristianne Patriota; COUTINHO, Clara Pereira. Whatsapp e suas Aplicações na Educação: uma revisão sistemática da Literatura. *Revista EducaOnline*. Vol.10, nº. 2: mai/ago 2016.
- BOTTENTUIT JUNIOR, João Batista; ALBUQUERQUE, Odlá Cristianne Patriota. Possibilidades para o uso do WhatsApp na educação: análise de casos e estratégias pedagógicas. *Anais do I Simpósio Nacional de Tecnologias Digitais na Educação*. Universidade Federal do Maranhão, 2016. Disponível em <<<https://www.academia.edu/30089309/>>> Acesso em 12 de fev. 2017.
- BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. *Uma história social da mídia: de Gutenberg à Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. 2006.
- CAON, Angelo Pedrote; SANTOS, Lilian Araujo. Possibilidades e limites do ensino em Matemática por meio do Whatsapp. *Anais: X Encontro Capixaba de Educação Matemática*, Vitória/ ES. 2015.
- CASTELLS, Manuel. *Redes de indignação e esperança*. São Paulo: Zahar. 2013.

- CETIC.BR. *Pesquisas TIC 2015*. Disponível em: <http://cetic.br>. Acesso em: 13/02/2017.
- COSTA, Dilermando Moraes; LOPES, Jurema Rosa. *A perspectiva docente quanto ao uso do WhatsApp*. Línguas Estrangeiras e Tradução. Rio de Janeiro: CiFEFiL. 2015.
- COUTO, Edvaldo Souza. Pedagogias das conexões: compartilhar conhecimentos e construir subjetividades nas redes sociais digitais. In: PORTO, C.; SANTOS, E. (orgs). *Facebook e educação: publicar, curtir, compartilhar* [online]. Campina Grande: EDUEPB, 2014, pp. 47-65. Disponível em <http://books.scielo.org/id/c3h5q/pdf/porto-9788578792831-04.pdf>. Acesso em 12 de fev. 2017.
- CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. 3. ed. Porto Alegre: Artmed. 2010.
- FARIA, Paulo M. *Revisão Sistemática da Literatura: um contributo para um novo paradigma investigativo. Metodologia e Procedimento na área das ciências da educação*. 1. Ed. Santo Tirso: Whitebooks. 2016.
- FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Porto: Afrontamento. 1975.
- GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In: BAUER, Martin W; GASKELL, George. *Pesquisa qualitativa com textos, imagem e som: um manual prático*. Petrópolis: Vozes. 2002.
- GIL, Antônio Carlos. *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Atla. 2011.
- GOMES, Suzana dos Santos. Infância e tecnologias. In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial. 2016.
- GONÇALVES, Hortência de Abreu; NASCIMENTO, Marilene Batista da Cruz; NASCIMENTO, Kathia Cilene Santos. Revisão Sistemática e Metanálise: níveis de evidência e validade científica. *Revista Eletrônica Debates em Educação Científica e Tecnológica*, v. 5, p. 193-211, 2015.
- GOUVEIA, A.E.S.; PEREIRA, E.M. O uso de tecnologia móvel: celular como apoio pedagógico na escola. *Anais: Colóquio de Letras da Fale*. Universidade Federal do Pará, 2015.
- HONORATO, Wagner de Almeida Moreira; REIS, Regina Sallette Fernandes. WhatsApp: uma nova ferramenta para o ensino. *Anais: SIDTECS - Simpósio de Desenvolvimento, Tecnologias e Sociedade*, 4, Universidade Federal de Itajubá, 10 a 14 de novembro de 2014. Itajubá: Unifei, 2014. Disponível em: <http://www.sidtecs.com.br/2014/wp-content/uploads/2014/10/413.pdf>. Acesso em: 19/02/2016.
- JENKIS, Henry. *Cultura da convergência*. São Paulo: Aleph, 2009.
- JUSTO, Maria das Dores *et al.* *Multiletramentos na escola: interface fílmico com a Literatura e o WhatsApp*. II Congresso nacional de Educação – CONEDU. 2015. Disponível em <http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV045_MD1_SA5_ID3915_08092015014037.pdf> Acesso em: 26 mar. 2016
- KAIESKI, Naira; GRINGS, Jacques Andre; FETTER, Shirlei Alexandra. Um estudo sobre as possibilidades pedagógicas de utilização do WhatsApp. *RENOTE – Revista Novas Tecnologias na Educação* V. 13 Nº 2, dezembro, 2015.
- KEMP, S. *In Digital in 2017 Global Overview: a collection of internet, social media and mobile data from around the world*. London: 2017. Disponível em: <

<http://wearesocial.com/uk/blog/2017/01/digital-in-2017-global-overview>>. Acesso em 11 fev. 2017.

KENSKI, Vani Moreira. *Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação*. 8. Ed. Campinas, SP: Papirus, 2014.

LACERDA SANTOS, Gilberto. Ensinar e aprender no meio virtual: rompendo paradigmas. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 307-320, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1517-97022011000200007&script=sci_arttext> . Acesso em: 10/07/2015.

LACERDA SANTOS, Gilberto. A promoção da inclusão digital de professores em exercício: Uma pesquisa de síntese sobre aproximações entre professores, novas mídias e manifestações culturais emergentes na escola. *Interação*. Goiânia, p. 529-534, 2014. Disponível em: <<http://www.revistas.ufg.br/index.php/interacao/article/viewFile/28790/17722>>. Acesso em: 10/07/2015.

LEMOS, André. *Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 2. ed. Porto Alegre: Sulina, 2004.

LEMOS, André. *A comunicação das coisas: teoria ator-rede e cibercultura*. São Paulo: Annablume, 2013.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

LÉVY, Pierre. *Inteligência Coletiva*. São Paulo: Folha, 2015.

LOPES, Cristiano Gomes; VAS, Braz Batista. O ensino de história na palma da mão: o WhatsApp como ferramenta pedagógica para além da sala de aula. *Anais: SIED-EnPED /UFSCar*. São Carlos/SP. 2016.

MARTELETO, Regina Maria. Análise de redes sociais: aplicação nos estudos de transferência da informação. *Ciência da Informação*, Brasília, v. 30, n. 1, p. 71-81, jan./abr. 2001. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v30n1/a09v30n1.pdf>>. Acesso em: 05/03/2016.

MORAN, José Manuel. Educação híbrida: um conceito-chave para a educação hoje. In: BACICH, Lilian; NETO, Adolfo Tanzi; TREVISANI, Fernando de Mello. *Ensino híbrido: personalização e tecnologia na educação*. Porto Alegre: Penso. 2015.

NAGUMO, Estevon; TELES, Lucio França. O uso do celular por estudantes na escola: motivos e desdobramentos. *Rev. Bras. Estud. Pedagog. (on-line)*, Brasília, v. 97, n. 246, p. 356-371, maio/ago. 2016.

NOVAIS, Ana Elisa. Lugar das interfaces digitais no ensino da leitura. In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial. 2016.

OLIVEIRA, Estêvão Domingos Soares de *et al.* Estratégias de uso do WhatsApp como um ambiente virtual de aprendizagem em um Curso de Formação de Professores e Tutores. *Anais: Simpósio Internacional de Educação a Distância*. São Carlos: Universidade Federal de São Carlos, 2014. Disponível em: <<http://www.sied-enped2014.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2014/article/view/835>>. Acesso em: 19/02/2016.

OLIVEIRA, José Reinaldo *et al.* O papel da internet na [re] construção sócio-histórica da juventude: do jeans às redes sociais digitais. In: SOUSA, Carlos Ângelo de Menezes (Org.). *Juventudes e tecnologias: sociabilidades e aprendizagens*. Brasília: Liber Livro, 2015.

OLIVEIRA NETO, Antônio Alves; VERSUTI, Andrea; VAZ, Wesley F. Perspectivas para o uso do WhatsApp no estímulo à aprendizagem dos sujeitos. *Anais: XIII Semana de Licenciatura*. Jataí - GO - 03 a 08 de outubro de 2016.

OLIVEIRA, Tatiane Fernandes de Souza; CASTRO, Adriane Belluci Belório de. *Rede social como recurso didático-pedagógico: possibilidade de uso na aprendizagem de língua portuguesa*. SIED-EnPED / UFSCar. São Carlos/SP. 2016. Disponível em: <<http://www.sied-enped2016.ead.ufscar.br/ojs/index.php/2016/article/view/1578>> Acesso em: 19/02/2016.

ONG, Walter J. *Oralidade e cultura escrita: a tecnologização da palavra*. Campinas: Papirus, 1998.

ORGANIZAÇÃO das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. *Diretrizes de políticas da UNESCO para a aprendizagem móvel*. Brasília: UNESCO, 2014.

PANUCI, Lucinalva Rosângela *et al.* Interações, Celulares Smartphones e Processos de Ensino e Aprendizagem. Londrina/PR. *Revista de Ensino, Educação e Ciências Humanas* v. 17, n.2, p. 105-111. 2016.

PEREIRA, Ana Paula; ARAÚJO, Andréia Rafael de. *PIBID online: uso do WhatsApp como ferramenta Didática*. V Encontro de Iniciação a Docência da Universidade Estadual da Paraíba. João Pessoa: UEPB, 2015.

PINHEIRO, Márcio Luiz Oliveira. As implicações do uso do whatsapp para o ensino aprendizagem de língua espanhola. *Anais: VI Encontro Nacional de Hipertexto e Tecnologias Educacionais*. UFMA, 2015

PRETTO, Nelson. O desafio de educar na era digital: educações. *Revista Portuguesa de Educação*. 2011, 24(1), pag. 95-118.

PULITA, Edemir Jose; LACERDA SANTOS, Gilberto. As (des)conexões entre a educação e a sociedade: quando e como a escola entrará na era digital? *Revista Tecnologias na Educação- Ano 8-Número/Vol.17- Dezembro/2016*.

RAMOS, Maria Altina Silva; FARIA, Paulo Manuel Miranda; FARIA, Ádila Ferreira Lopes. Revisão sistemática de literatura: contributo para a inovação na investigação em Ciências da Educação. *Revista Diálogo Educacional*, v.14, n.41, 2014.

ROJO, Roxane. (org.) *Escol@ Conect@d@: os multiletramentos e as TICs*. São Paulo: Parábola. 2013

SAMPAIO, Ana Patrícia Lima; SILVA, Denison Rafael Pereira da. *Ler e Filosofar, o difícil é começar: A utilização das novas tecnologias no processo de ensino-aprendizagem on e offline de uma escola pública*. II Colbeduca. Joinville/SC. 5 e 6 de setembro de 2016.

SERRES, Michel. *Polegarzinha*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2 ed. 2015.

SHIRKY, Clay. *A cultura da participação: criatividade e generosidade no mundo conectado*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto. 2012.

SILVA, Ana Elisa Drummond Celestino; COUTO, Edvaldo Souza. Professores usam smartphones: considerações sobre tecnologias móveis em práticas docentes. *Anais da 36ª R N da ANPED*. Goiânia/GO. 2013. Disponível em: <http://36reuniao.anped.org.br/pdfs_trabalhos_aprovados/gt16_trabalhos_pdfs/gt16_2663_texto.pdf>. Acesso em: 05/03/2016.

SILVA, Jeanny Meiry Sombra. Práticas linguagem no Whatsapp: perspectivas de sua utilização em sala de aula. *Revista Travessias*. Vol 10, n 01, 2016

SILVA, Lenildes Ribeiro; TELES, Lucio França. A colaboração online como agente de emancipação em redes sociais. *Artefactum - Revista de Estudos em Linguagem e Tecnologia*. Ano VIII – N° 02/2016.

SILVA, Lucilene Campos da H.; SILVA, Josiane Cescon F.; RIBEIRO, Marcia Martins. WhatsApp e a educação: uma ferramenta que pode contribuir para o ensino de biologia. *Anais do III EREBIO Encontro Regional de Biologia*. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em <http://www.sbenbio.org.br/wordpress/wp-content/uploads/2015/06/EIXO.2.CO.21.doc>.> Acesso em: 19/02/2016.

SILVA, Marco. Internet na escola e inclusão. In: ALMEIDA, Maria Elizabeth B.; MORAN, José Manuel. *Integração das tecnologias na educação: salto para o futuro*. Brasília: SEED-MEC, 2005.

SILVA, Noemy Kariny da. *O uso do aplicativo WhatsApp como recurso para interação e aprendizagem escolar no Ensino Médio*. Artigo apresentado para obtenção do título de Especialista em Mídias Integradas na Educação no Curso de Pós-Graduação em Mídias Integradas na Educação, Setor de Educação Profissional e Tecnológica, Universidade Federal do Paraná. Curitiba, 2015. Disponível em: < <http://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/42055>>

TCHAICKA, Ligia *et al.* O uso da web 2.0 e das redes sociais como facilitadores do ensino-aprendizagem na temática da “ciência e tecnologia” para o ensino médio: uma experiência desenvolvida em cinco escolas de São Luís/MA. *Anais: Simpósio Internacional de Educação a Distância (SIED) e do Encontro de Pesquisadores em Educação a Distância (EnPED)*. Universidade Federal de São Carlos. São Carlos/SP, 2016.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. *Pensamento e linguagem*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Editora Martins Fontes, 3ª Ed. 2005.

WHATSAPP. WhatsApp Inc. 2017 Disponível em:<<http://www.whatsapp.com>>. Acesso em: 13 fev. 2017.

ZACHARIAS, Valéria Ribeiro de Castro. Letramento digital: desafios e possibilidades para o ensino. In: COSCARELLI, Carla Viana (org.). *Tecnologias para aprender*. São Paulo: Parábola Editorial. 2016.

ZARDINI, Adriana Sales. Celular no Ensino/Aprendizagem de Inglês – Uma Análise do Uso do Whatsapp sob a Perspectiva da Professora. *Anais: IX Seminário Nacional sobre Ensino de Língua Materna e Estrangeira e de Literatura*. 2015

ANEXOS E APÊNDICES

ANEXO I:

Esqueleto do questionário on-line (disponível em <http://goo.gl/forms/Vv1DQDJuoM>)



Prezado(a) professor(a),

O questionário que se segue é parte da pesquisa “O uso de mensagens eletrônicas instantâneas como recurso didático no ensino médio” do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Brasília. O objetivo do estudo é identificar experiências de profissionais que enxergam o WhatsApp como ferramenta pedagógica e entender as diferentes maneiras que eles o utilizam em salas de aula.

Sua participação acontece de forma anônima, portanto, não é necessário colocar seu nome neste questionário. Caso haja interesse em participar de uma próxima etapa da pesquisa, que será feita por meio de entrevistas, deixe seu contato, por favor, ao final do questionário. Ou envie um e-mail para: pesquisawtsp2016@gmail.com. Este canal é aberto também a críticas e sugestões.

Sua colaboração será de grande valia para a conclusão da pesquisa. E quanto mais professores responderem, melhor. Portanto, se puder, divulgue entre seus colegas. Desde já, agradeço sua contribuição!

Atenciosamente,

Tereza Rodrigues

Mestranda em Educação, Tecnologias e Comunicação (ETEC)

Faculdade de Educação

Universidade de Brasília

O WhatsApp é um aplicativo comum no seu ambiente de trabalho?

Sim

Não

Você o utiliza para trabalhar?

Sim

Não, somente para conversar

Não o utilizo



Houve algum tipo de orientação pedagógica por parte dos gestores da escola?

Sim Não

Você faz planejamento para trabalhar com o WhatsApp, especificamente?

Sim Não

Você tem alguma experiência que considera bem-sucedida com o uso do WhatsApp?

Sim

Não



Questões abertas:

1- Conte alguma experiência sua em que o uso do WhatsApp tenha colaborado para a aprendizagem dos seus alunos:

2- Que vantagens o aplicativo tem, na sua opinião?

2- Quais os maiores desafios você destacaria para atividades em que os alunos fazem uso do telefone celular para aprender:



PERFIL (idade, formação, gênero), nome da escola em que trabalha, com qual ou quais disciplina(s), em qual série, qual cidade.



Caso tenha disponibilidade para participar da segunda etapa da pesquisa, deixe aqui seu endereço de email

PERFIL (idade, formação, gênero), nome da escola em que trabalha, com qual ou quais disciplina(s), em qual série, qual cidade.



Caso tenha disponibilidade para participar da segunda etapa da pesquisa, deixe aqui seu endereço de e-mail

PERFIL (idade, formação, gênero), nome da escola em que trabalha, com qual ou quais disciplina(s), em qual série, qual cidade.

Obrigada!

ANEXO II: Estrutura do questionário on-line

Questionário sobre o uso do WhatsApp na escola

QUESTIONS RESPONSES 105

Section 1 of 6

Pesquisa sobre o uso do WhatsApp na escola

Prezado(a) professor(a)

O questionário que se segue é parte da pesquisa "O uso de mensagens eletrônicas instantâneas como recurso didático no ensino médio" do programa de pós-graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Brasília. O objetivo do estudo é identificar experiências de professores que emergem o WhatsApp como ferramenta pedagógica e entender as diferentes maneiras que eles o utilizam em salas de aula. Sua participação acontece de forma anônima, portanto, não é necessário colocar seu nome neste questionário. Caso haja interesse em participar de uma próxima etapa da pesquisa, que será feita por meio de entrevistas, deseje seu contato, por favor, ao final do questionário. Ou envie um e-mail para pesquisawtp2016@gmail.com. Este canal é aberto também a críticas e sugestões. Sua colaboração será de grande valia para a conclusão da pesquisa. E quanto mais professores responderem, melhor. Portanto, se puder, divulgue entre seus colegas. Desde já, agradeço sua contribuição!

Atenciosamente,

Tereza Rodrigues
Mestranda em Educação, Tecnologias e Comunicação (ETEC)
Faculdade de Educação,
Universidade de Brasília

Image title

After section 1 Continue to next section

Section 2 of 6

Introdução

Description (optional)

O WhatsApp é um aplicativo comum no seu ambiente de trabalho? *

Sim

Não

Você o utiliza para trabalhar? *

Sim

Não, somente para conversar

Não o utilizo

After section 2 Continue to next section

Section 3 of 6

Bloco A

Description (optional)

Houve algum tipo de orientação por parte dos gestores da escola? *

Sim

Não

Você faz planejamento para trabalhar com o WhatsApp, especificamente? *

Sim

Não

Você tem alguma experiência bem sucedida com o uso do WhatsApp? *

Sim

Não

After section 3 Continue to next section

Section 4 of 6

Bloco B

Description (optional)

Conte alguma experiência sua em que o uso do WhatsApp tenha colaborado para a aprendizagem dos seus alunos: *

Long answer text

Que vantagens o aplicativo tem, na sua opinião? *

Long answer text

Quais os maiores desafios você destacaria para atividades em que os alunos fazem uso do telefone celular para aprender. *

Long answer text

After section 4 Continue to next section

Section 5 of 6

Perfil

Description (optional)

Em que escola você trabalha e com qual disciplina? Para quais séries dá aula atualmente? Em qual cidade? *

Short answer text

Qual sua idade? Qual sua formação? *

Short answer text

Gênero *

Feminino

Masculino

Caso tenha disponibilidade para participar da segunda etapa da pesquisa, deixe aqui seu endereço de e-mail:

Short answer text

After section 5 Continue to next section

Section 6 of 6

Obrigada por colaborar!

Description (optional)

APENDICE I:**Termo de consentimento livre e esclarecido (TCLE) assinado por professores que participarão das entrevistas semiestruturadas**

Este é um convite para participar da pesquisa: “O uso de mensagens eletrônicas instantâneas como recurso didático no ensino médio”, que é coordenada pela pesquisadora Tereza Cristina Rodrigues Miranda, orientada pelo Prof. Dr. Lúcio França Teles, da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília.

Sua participação é voluntária, o que significa que você poderá desistir a qualquer momento, retirando seu consentimento, sem que isso lhe traga nenhum prejuízo ou penalidade. Este estudo é necessário para entendermos como o aplicativo WhatsApp é utilizado por professores em sala de aula.

Caso decida aceitar o convite, você será submetido(a) ao(s) seguinte(s) procedimentos: responder perguntas formuladas por um mediador, individualmente, mas ciente de estar em um grupo de entrevistados previamente convidados a participar da atividade; as perguntas serão feitas pessoalmente ou via internet, em modalidade a ser acordada entre os participantes, e deverão ser registradas para posterior consulta.

Não há riscos envolvidos com sua participação na pesquisa, pois o material coletado será utilizado apenas para fins acadêmicos. Sua imagem não será divulgada em nenhum meio e sua identidade poderá ser preservada, caso prefira. Os dados serão guardados em local seguro e a divulgação dos resultados será feita de forma a não identificar os voluntários que optarem por não ter os nomes divulgados.

A sua participação propiciará aos pesquisadores relevantes avanços no conhecimento sobre o tema pesquisado. Se você tiver algum gasto decorrente da participação na pesquisa, será ressarcido, caso solicite. Você poderá ter uma via deste termo e todas as dúvidas a respeito desta pesquisa poderão ser sanadas diretamente com a pesquisadora Tereza Cristina Rodrigues Miranda, por meio do e-mail: pesquisawtsp2016@gmail.com.

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, _____, RG número _____, declaro que compreendi os objetivos e procedimentos desta pesquisa, como ela será realizada, os riscos e benefícios envolvidos, e concordo em participar voluntariamente da pesquisa.

Assinatura do participante da pesquisa.